FON
FON

Anchieta

O JESUITA

"NO centenario de Anchieta, é impossivel que se trate de glorificar só um homem, esse homem é nada é pó que se desfaz, é um instrumento que fica inerte e sem valor se o isolardes do corpo moral a que pertence, se o destacardes, no intuito de melhor o honrar individualmente, da sociedade em que elle se fundiu. Não lhe poderieis fazer maior violencia, offerecer-lhe um calix mais amargo do que pretender fazel-o valer por si só ou por si mesmo. Como unidade historica, Anchieta é tão inseparavel de Nobrega, de da Gran, de Ignacio de Azevedo, como de Simão Rodrigues e Ignacio de Loyola. Sua glorificação tem que ser forçosamente a do espirito que o animava e impellia, isto é, o da Sociedade de Jesus, á qual, como todo o Jesuita, elle amou acima de tudo, abaixo de Deus".

JOAQUIM NABUCO

O APOSTOLO

JOSE' DE ANCHIETA se internava á busca das nações bravias, curvado sob o aliás minguado peso das alfaias que conduzia para o "Sacrificio dos Altares, arrimado a um tosco bordão, rota a pobre roupeta, descalço, a magoar os pés nas pedras da estrada, afrontando as chuvas e os sóes, recebendo de mão esmoler o parco alimento com que subsistir, andando com tanta pressa pelas costas do mar, pelas montanhas fragosas, pelas brenhas e mattos que os mesmos brasis, curtidos por aquellas chanecas acostumados a marlejar, não podiam alcançal-o.

BRASILIO MACHADO

O BENEMERITO

FOI o padre Anchieta de estatura medioc... diminuto em carnes, em vigor de espirito robusto e actuoso, testa larga, nariz comprido, barba rara, mas no semblante inteiro alegre e amavel. Eram magnanimos seus espiritos, coração generoso para emprezas grandes.

SIMÃO DE VASCONCELLOS

O CONTO BRASILEIRO

Uma historia differente

Por

Brenno Silveira

Foi uma carta anonyma covarde e bem escripta que levou ao espirito de Roberto Armando aquella duvida terrivel: seria possivel que Rhodis tivesse coragem de trahil-o?

Antes de conhecêl-a, sempre observára, com respeito a mulheres, uma attitude de espirito experimental. Possuindo, além disso, como elle mesmo affirmava, "uma deliciosa predisposição ás *collages*", adquirira, no convivio das amantes, a certeza de que a mulher não se conserva fiel a um mesmo homem nem ainda quando não ha quem tente seduzil-a.

Costumava pensar, perto das amantes: "Se esta creatura ainda não me enganou, logo o fará. E', apenas, uma questão de opportunidade".

E assim, dessa maneira, quando ellas, de facto, o trahiam, elle não experimentava nenhuma surpreza dolorosa pois já o esperava.

Um dia, porém, conheceu Rhodis, uma joven de olhos d'azulejo, cujo corpo parecia uma illustrção moderna. Desde então, coisas estranhas se passavam no seu espirito, tanto que elle, depois de alguns mezes, ao chegar uma noite ao seu appartamento, sentiu que era um outro homem.

Um homem novo. Sem passado. Sem amigos. Sem nenhum vinculo affectivo que o prendesse a um ser ou a uma coisa que já tivesse querido bem.

A sua vida anterior ao apparecimento de Rhodis parecia-lhe uma coisa tão remóta, acontecida ha tanto tempo, que elle não sentia, siquer, affinidade alguma entre si e aquelle outro homem que durante tantos annos usára o seu proprio corpo e agira sempre de um modo que elle agora, reprovava, em frisante, desaccordo com os seus sentimentos e idéas.

O seu pimeiro pensamento, ao descobril-se, foi Rhodis. Lembrou-se, então, que a bôcca de Rhodis tinha poucos centimetros e era muito vermelha.

Por que tão vermelha?

Tudo, para elle, tinha outro significado. Sahiu á janella para ver a vida que se agitava cinco andares abaixo. Depois olhou para cima e viu as estrellas. Pareceu-lhe que seriam mais bellas se fossem multicôres.

Quando um homem, ao vir da casa de uma mulher bonita, começa a preoccupar-se com as estrellas, a lua e os demais astros, ou é idiota, ou ama essa mulher.

Roberto Armando amava Rhodis.

* * *

Roberto Armando fez questão de que a organização da cerimonia do casamento ficasse a seu cargo. Elle não podia casar como toda a gente. Já que não lhe fôra possivel livrar-se desse lugar-commum da questão sexual, queria, ao menos, modifical-o.

— Meditei profundamente — disse á noiva, dias após terem marcado a data do enlace — meditei profundamente, e creio que nos devemos casar do seguinte modo: você toda de "grenat", (inclusive o véu) e eu, com um terno côr de cinza, de passeio.

A cerimonia — explicou — seria dirigida por elle mesmo.

Oito rapazinhos, com trajes de "groom", segurariam o véu. Logo após o officio religioso, uma orchestra typica, com tres "bandoneóns", tocaria "La Cumparsita", que substituiria com vantagem a classica "Marcha Nupcial".

E foi, effectivamente, assim, que se realizou o casamento do capitalista Roberto Armando com a senhorita Maria Rhodis de Souza, ex-*manicure* do salão de barbeiro onde se conheceram.

* * *

Fazia já dois annos que se haviam casado. Continuavam sendo felizes como nos primeiros dias de noivado. Uma noite, porém, ao chegar á redacção do jornal que dirigia, Roberto Armando encontrou sobre a sua mesa uma carta anonyma accusando Rhodis de infidelidade.

A carta, entre outras coisas, dizia: "Sua esposa o engana. Se quizer ter a certeza do que lhe affirmo, procure chegar ao seu appartamento antes da hora habitual". Ao terminál-a, os seus bellos olhos de myope estavam cheios de sombras. Seria possivel que Rhodis tivesse coragem de enganál-o? E se fosse verdade?

Instinctivamente, apanhou na gaveta a "Brouning" fria e quadrada. E sahiu.

Quando, depois de muitos "whiskys", chegou ao predio onde morava, os seus olhos, tontos, escondiam entre os cilios uma angustia infinita.

Entrou devagar. Ao envés de usar o ascensor, subiu pela escada, para não fazer ruido.

Ao chegar ao appartamento, ouviu vozes abafadas vindas do quarto da esposa, cuja porta estava entre-aberta.

Trémulo, allucinado, parou sob a soleira. A' meia luz do "abat-jour" apapoilado e obeso, os amantes beijavam-se.

Ao ver Roberto Armando, a mulher soltou um grito de pavôr, cujo éco se perdeu no das duas detonações que estalaram em seguida.

Depois, pallido, vacillante, Roberto Armando dirigiu-se para fóra. Antes de descer, quiz olhar pela ultima vez a porta através da qual ficavam os destroços de dois annos de felicidade.

Ao accender, porém, as luzes do corredor, que deixára ás escuras, accentuou-se no seu rosto a expressão de terror que ha nos olhos dos que presenciam uma catastrophe irremediavel.

Estava no quarto andar,

Elle morava no quinto.

FEDELHO

ANTHERO PEDROSO andava pelos dezenove annos quando viéra para o Rio se matricular na Escola de Medicina.

Fôra morar numa pensão familiar em Copacabana.

No *bungalow*, em frente á pensão, morava um negociante, cuja familia se reduzia a quatro pessôas: o chefe, a esposa e duas filhas muito jovens — uma loira, outra morena.

E, horas a fio, ficava Anthero a contemplá-las, sem que o vissem ellas, pois achava interessante o contraste entre a loira mimosa com os olhos cheios de ternura e a morena modesta com os olhos cheios de mágoa.

A união, que parecia existir entre as duas senhoritas, encantava-o. O estudante sempre as via juntas, a brincar uma com a outra, na mais doce harmonia.

Presentiram as jovens não ser indifferentes ao sympathico vizinho; e a loira, como mais expedita, lançára-lhe geitosamente furtivos olhares, que o academico, de modo frio, retribuira. Comprehendendo ella não estar a sua posição, em face dos acontecimentos, de accôrdo com a altivez dos seus dezesete annos, retrahira-se a tempo e opportunamente.

Então, resolvêra a morena, com melhor táctiva, pesquisar a situação duvidosa deixada pela irmã, em relação ás bôas intenções do vizinho. Esperava-o sempre ás horas em que costumava elle vir casa, pretextando ver algum pa... sante, chamando a attenção irmã para qualquer futilidade rua, fingindo não ter visto o joven e só lhe fixava os olhos quando acenava elle com o chapéu em gado cumprimento. Observára, rém, em curto espaço de tempo frieza com que a olhava. Conv... cêra-se de não ser a sua sing... figura o ideal sonhado pelo futu... Esculapio; revestira-se de ene... gias; e, com muita habilidade, hira do campo de acção.

Fingira elle nada haver perc... bido.

Acommodaram-se ellas ao mo... de proceder do joven. Contin... ram, como bons vizinhos a cump... mentar-se com toda a urbanid... sem demonstração do mais leve sentimento.

A referida familia, que mora... ali, fazia muitos annos, consoa... informações de dona Sylvia, ... morára-se mais oito mezes e m... dára-se inesperadamente para ... tra rua.

Ficara o estudante com saud... da loira, da morena, sem ter p... dilecção por nem uma nem out...

E por que não ter saudade... Eram tão delicadas, tão boni... nhas...

Foi-se a alegria desta rua, d... Sylvia, dizia, em tom de grac... á dona da casa.

— Senhor Anthero!... Senh... Anthero!... Eu bem andava ... confiado!...

— Como adivinhou?

— Pudéra! Quem havia de s... a alegria desta rua, já não ... desta rua, mas da quadra fro... riça, sinão uma daquellas boni... vizinhas?

— Realmente, eram muito al... gres. Que meninas delicadas, ... eram, dona Sylvia?

— Sim, senhor. Porem, qu... dellas lhe alegrava mais a vis... a de cabellos de fios de oiro ou de fios de retroz?

— Ambas, dona Sylvi...

— Está uma coisa que não crei... Uma havia de ser preferida.

— Gostava das duas... Fóra d... brincadeira: achava uma e out... muito bonitas, mas confesso-lh... não tinha predilecção pela londri... nem pela andaluza.

— Que coisa engraçada! O am... tem os seus mysterios. Perm... ta-me ver a sua mão.

— Sim, senhora.

— Não é esta; quero a esquerd... Anthero apresentou-lha.

— Tem uma cruz nitida no mo... te de Jupiter... A linha do co...

De Hormino Lyra

ção bem assignalada: vae ser feliz no casamento.

Sorrira bondosamente o estudante.

— Lê a sina? Entende de chiromancia, dona Sylvia?

— Sim.

— Esse *M* da palma da mão quer dizer morte, não é? Quando muito visivel, a vida será longa; si um pouco apagado, esta deve andar por um fio!

— Não. Cada uma das linhas, que compõem o *M*, tem o seu nome e o bom ou mau fado...

— Quererá ler a minha sorte?

Feita breve inspecção nos dedos e nas unhas do academico, leu a boa senhora na palma da mão esquerda, apoiada sobre a della:

— Como disse, vae o senhor ser feliz no casamento. Casar-se-á depois dos trinta annos. A esposa não será pobre. Terá o senhor vida longa. Tem muita força de vontade. Tem predilecção especial pelas roupas escuras. Guia-se mais pelo cerebro, que pelo coração: não será governado pela esposa! Ha de o senhor ter gosto pela mathematica. Errou de certo a carreira: deveria estudar engenharia. Está tudo certo?

— Quanto ao final, está bem: estudei medicina para contentar os meus paes. Quanto ao resto, nada posso dizer.

O estudante era evidentemente um saturnio.

— Ih!... Existe um mysterio na vida do senhor Anthero...

Olhára involuntariamente para o rosto do joven. Este continha sorriso ironico nos lábios encrespados.

A senhora ficara desconfiada e interpelára-o:

— Está sorrindo?! Não está acreditando?...

— Estou achando graça, porque tem acertado com alguma coisa.

— Acertado com alguma coisa, não; pois não estou adivinhando casualmente. Tudo o que lhe disse é a verdade.

Olhára de novo e notára que o estudante já não podia conter o riso.

— Quer saber de uma coisa, senhor Anthero? Já não leio nada, porque vae troçar de mim! Vae chamar-me beduina!

— Tenha paciencia: a senhora ha de me ensinar a ler a *buena dicha!*

— Meu Deus, como foi que cahi nisso?!

— Que é?, inquiriu lá de dentro o esposo.

— Descobri que a sua esposa é chiromante!

— Ih!... Isso é mania velha dessa senhora! E' bom não a contrariar!

— Não se faça de engraçado! Protesta dona Sylvia.

— E' bom não a contrariar, repetiu o marido.

— Diga-me, senhor, Anthero, a chiromancia é ou não é sciencia?

— E' uma supposta arte.

— Que contradicção! Porém, não faz parte das sciencias occultas?

— Sim. Faz parte da supposta sciencia a que se dá o nome de sciencias occultas. E' tudo supposto! Sciencia é coisa muito séria, dona Sylvia!

— A justiça tem de começar pela casa. O senhor vae ser médico, não é?

— Sim senhora.

— A medicina é uma sciencia, não é?

— Sim, senhora.

— E que sciencia é tambem a sua, que tanto falha?!

Sorria Anthero Pedroso da ingenuidade da interlocutora.

— Calma, dona Sylvia! A medicina é de facto uma sciencia. Ensina ella os meios não só de curar mas tambem de prevenir as doenças. A' cirurgia, a parte da medicina relativa ás operações, ninguem pode negar quanto tem progredido, prestando somma de serviços inestimaveis ao genero humano. Vamos ao caso: ensina ella os meios de curar, applicando medicamentos ou fazendo operações; agora, si o médico faz inconvenientemente a applicação, pelo facto de não conhecer o diagnostico da molestia de que trata, ou não opera com pericia, por não ter destreza nas operações cirurgicas, resultando de tudo isso o fallecimento prematuro do enfermo, não se queira concluir dahi que a medicina tenha falhado. Percebeu?

Citára então os medicos, martyres do dever profissional, estudados por Gastão Tissandier, e disséra ninguem que ousará affirmar não serem scientistas aquelles que se sacrificaram para o beneficio do mundo inteiro. Desta sorte, gozam elles do conceito de scientistas, mas o que procuraram engrandecer com os seus estudos profundos não é sciencia!...

— O que se deduz de tudo isso, proseguira, é o seguinte: a medicina é uma sciencia, mas nem todo medico é scientista! E por que se não diz que a engenharia não é sciencia? Pois não existem engenheiros que não sabem fazer uma planta topographica, por processo algum de agrimensura? Não ha por acaso bachareis em sciencias juridicas, ignorantissimos em direito? Quando alguem estiver convicto de que certo medico seja incompetente, não lhe faça consultas.

— Sim, mas ha molestias incuraveis..

—Com certeza, interrompêra o estudante. A propria medicina o confessa, e não ha motivos para recriminações, pois não descansam os verdadeiros apóstolos em procurar os meios de as combater com efficácia. O systema planetario não se descobriu num dia; a engenharia de hoje não é a mesma do século pasasado; descobertas scientificas apparecem sempre; vem a evolução gradualmente, successivamente; e continua tudo a ser sciencia; só a medicina não deve ter coisa alguma por descobrir! !

— Irra! Senhor Anthero irritou-se...

FEDELHO — (continuação)

— Com franqueza, dona Sylvia, não fiquei offendido pela brincadeira; quiz demonstrar-lhe apenas a injustiça feita á sciencia médica.

— O facto é que a gente morre do mesmo modo, com todo o progresso da sua sciencia.

— Naturalmente.

— Poderia muita gente viver mais tempo do que viveu...

— Si dona Sylvia mandar um mecanico fabricar diversos apparelhos com todas as peças perfeitamente iguaes, e quizer deitál-os a trabalhar no mesmo dia, verá uns se estragarem primeiro que outros. Desta sorte, a machina humana estraga-se tambem.

—A's vezes nasce criança tão bonita, que parece vender saúde; os paes perdem-na de um dia para outro.

— Os filhos de paes, que se alcoolizam, nascem já degenerados; os tuberculosos não podem dar fructo sadio.

— Porém não sou tysico e nunca sedeu o meu marido do vicio da embriaguez; entretanto, o nosso unigenito nasceu tão robusto e...

Par a par cahiram gottas lacrimaes dos olhos della.

O POEMA DE ANCHIETA

COM uma gentil dedicatoria de Dom Helvecio Oliveira, arcebispo de Marianna, recebi o livro intitulado "O poema de Anchieta".

Foi para mim um verdadeiro encanto a leitura dos versos da lavra do sr. Durval de Moraes.

Li-os na pequenina cidade de Benevente, terra escolhida pelo grande sacerdote para passar os ultimos dias da sua vida gloriosa e cheia de luzes, no mais divino e suave dos crepusculos.

O sr. Durval de Moraes, no seu livro, teve a felicidade de repetitr, em um estylo novo, elevado e magnifico, as palavras escriptas por Anchieta nas praias alvas de Rerigtibá.

No poema intitulado "Milagre das Ondas", elle canta:

Nascem lyrios dos osculos das
[ondas
Flores que docemente se desfolham
Ao contacto amarissimo da praia.

Só mesmo um verdadeiro poeta poderia ver lyrios brotando dos osculos das ondas.

O livro do sr. Durval de Moraes tem qualquer cousa da pureza e da brancura dos missaes.

Como se sabe, Anchieta foi um heróe da virtude.

Foi um poeta philosopho, completamente dominado pelo mysticismo, que espoosu a pobreza como S. Francisco de Assis.

O poeta, em "Missionario", faz a comparação:

S. Francisco de Assis da terra
[brasileira,
Esposaste a pobreza ao tropical
[fulgor...
Uniste ao nada uma existencia
[inteira
Pode ser amór, tão triste amór!

* * *

No poema intitulado "A' noite, no convéz, sob as estrellas", ha versos assim:

Para a contemplação da obra do
[excelso Artista
De joelhos cahira extasiadamente,
Sem memoria, sem vista

(conclusão) — FEDELHO

— Não sabia que a senhora tinha dado um rebento!

— Antes Deus nunca se lembrasse de mim. Deu-me um filho... Não me concedeu a ventura de o criar.

— Chamou o medico?

— Chamei.

— Opportunamente?

— Com muita opportunidade. Só me queixo do medico!

— Porém estava a queixar-se de Deus! Foi um ou outro?!

— Queixo-me só do medico!

— Podia ter havido impericia por parte delle. Diga uma coisa: goza de perfeita saúde?

— Sim, senhor.

— E seu marido?

— Perfeitissima.

— Entretanto, não teve o casal sinão um só filho... Talvez algo exista de um ou de outro lado.

— Por que?

— Essa esterilidade num casal tão robusto...

— Para cá venha de carrinho, *seu* futuro Esculapio! Dei já provas das minhas habilidades! berrou lá de dentro o dono da casa, que estava a escrever com açodamento algumas cartas, aproveitando-se do feriado dominical.

— Sei disso. Contra factos não ha argumentos: comtudo, no fim das contas, quem ha de pagar o pato é o medico!

— Vae o senhor contrariar á vocação! Devia estudar direito.

— Por que?

— Fala mais que a preta do leite!

— O senhor Anthero não gosta de brincadeira! Estás tratando-o com muita confiança!

— Quem disse isso á senhora? interviéra o estudante.

— Falas assim, porque não sabes, Sylvia, dos convites que me faz elle na rua, quando me encontra!

— Não me intrigue com dona Sylvia, senhor Ferreira.

— Quando venho para casa, cansado do trabalho, lembrando-me só de ti, já fujo de passar em certa esquina, para não me encontrar com esse senhor! Tem sempre um convite a fazer-me! Si eu não fôsse homem sério...

— Não estejas a dizer tolices, interrompêra dona Sylvia.

— Esse senhor Ferreira é um pandego, disséra o academico, fatigado de lhe ouvir as necedades.

— Lembra-se daquella pequena que o outro dia me deixou bambo no largo da Carioca! Cáspite! Si eu não fôsse casado...

— Que homem arrojado! Engana a senhora com verdades...

— Agora sou eu quem lhe pede: não me intrigue com a minha mulher!

— Querem saber de uma coisa? Deitem um ponto final nesta conversa.

E, meio amuada, recolheu-se dona Sylvia. De passagem pela varanda, lançou olhar faiscante para o Ferreira.

— E' brincadeira, Sylvia!

— E'... E's bom para o fogo!...

E o marido, algum tanto desconcertado:

— Está ahi em que deu o negocio das sciencias!

* * *

Daquelle dia em deante, Anthero Pedroso ficára scismando com os olhos, a bócca, as mãos da dona da casa. Nunca fixára a attenção no olhar triste de dona Sylvia, nem lhe fixára a vista no sorriso encantador; em tempo algum, por tanto tempo, sentira a doçura das mãozinhas della, como na vez da leitura da *buena dicha*.

Percebêra dona Sylvia a insistencia... Sorrira da importunidade; e, de si para si, com um muchocho:

— Vae te criar, fedêlho!

Por Paulo Freitas

Entre os abysmos, elle é o abysmo
[mais profundo.
Em Deus existes, ó penitente,
Entre o oceano e o céo, dentro e
[fóra do mundo!

Muito se tem escripto a respeito do apostolo autor do *Poema da Virgem*. Na minha opinião, entre tudo que se tem escripto, nada sobrepuja e domina a suaviade das estrophes buriladas pela penna delicada e elegante do poeta autor do livro "O Poema de Anchieta".

Verdadeira sensibilidade esthetica, Durval de Moraes é um primoroso joalheiro da phrase.

Seguindo a lição de Bilac, elle soube fazer leves como plumas as suas mãos para engastar a rima no verso de ouro como um rubim.

* * *

Foi em Rerigtibá, tambem conhecida por Benevente, que Anchieta teve, como um sol, o seu ocaso.

Foi ahi que o poeta-philosopho devota e asceticamente passou os ultimos dias da sua vida.

O sr. Durval de Moraes, na poesia "Serenidade", assim se exprime:

O monte Aghá, envolto plea nevoa,
Do sol recebe os derradeiros raios
E envia ao sol as bençoes derra-
[deiras
Dos moribundos olhos de An-
[chieta.

E mais adeante:

Rerigtibá, de joelhos, ao poente,
A oração da agonia murmurando,
Vê se apagar um outro sol mais
[lindo.

Como é linda a poesia! A poesia é bella e é util. Ella nos faz esquecer um pouco de nós mesmos. A poesia é bella e é util porque faz da vida um lindo sonho. Somente o verdadeiro poeta nos sabe conduzir para um mundo longinquo e estranho, onde tudo é grandioso e elevado.

A sorte grande

SINHA' chegou perto do bilhete de loteria espetado, com um alfinete de segurança, na madeira clara do cabeçal da cama e olhou longamente o pedaço de papel verde, rosa e branco. Como era bonito! Dava uma nota alegre a todo o quarto.

Sinhá, pequenina, intelligente e fina, não se queria fazer illusões; certamente ella não ganharia os dois mil contos, nem os premios menores, mas já estava de antemão com pena da sensação desilludida que iria experimentar no dia seguinte, quando fôsse examinar a quarta pagina do jornal, vendo que seu bilhete sahira branco... irremediavelmente branco! Seria o fim das illusões, a morte dos sonhos. E por que fazer mais sonhos?

"39.772"... Numero harmonioso, que agradava ao olhar e tinha cadencias de uma marcha triumphal. "39772". Havia dois mezes que Sinhá conquistára o direito de imaginar que aquelle bilhete, pago com as economias do anno inteiro (350 mil reis, somma fabulosa para ella!) poderia lhe trazer a possibilidade de sahir da mediocridade de sua vida e de viver emfim a existencia de todo mundo. E a famosa *vida de todo mundo* era o maior anseio da bôa e infeliz Sinhá, para os poucos annos de vida que ainda lhe restavam sobre a terra, porque esse immenso palacete de X — o *Castello*, como o chamava pomposamente a proprietaria, não passava, na realidade, de um sinistro asylo de velhos, onde se vivia tão separado do resto da humanidade, como se se estivesse morando num outro planeta. A pequenina senhora Sinhá era viuva e sem familia; por isso refugiára-se no acolhedor aconchego da pensão do *Castello*. Oito contos de capital, e o rendimento irrisorio de alguns titulos empregados a 4 ½ % era tudo quanto possuia a minúscula d. Sinhá. Seria impossivel viver livre com tão poucos recursos. Ao passo que, com mais algum rendimento, poderia ter uma casinha, ou um apartamento bem montado para ella só, uma empregada que lhe fizésse com cuidado o regimen vegetariano, um canario, ou um gato, para se distrahir nas horas interminaveis do dia. E isto até o seu ultimo alento. A vida no *Castello* era demasiadamente dura. Cada cliente devia fazer o serviço do seu quarto; com chuva, vento ou sol, era mistér atravessar o jardim para encher o jarro dagua no tanque e subir a escada com aquelle peso! A comida tresandava a banha de porco rançosa. Era uma verdadeira provação, e muitas vezes Sinhá se perguntava o que tinha ella vindo fazer neste mundo?

Todavia a sua altivez innata impedia-lhe de se queixar. Nunca ninguem lhe ouvira lamentações. Não era como a sua vizinha do quarto ao lado, d. Marócas, que, no emtanto, recebia innumeras visitas e muitos presentes.

D. Marócas, com effeito, não era sozinha neste mundo; não tinha grande familia, mas tinha uma neta; uma linda neta que trabalhava na Prefeitura.

A neta chamava-se Albertina e tinha os olhos côr de myosotis num rosto claro como um sorvete de côco. Parecia ser dôce e bôa e vinha regularmente ao *Castello* todos os 15 dias visitar a sua av... que a adorava!

Pois bem; apesar dessa ven... ra, d. Marócas passava os dias ... gemer, achando-se muito mais des... graçada do que a pequenina do... Sinhá.

— Pelo menos você póde vi... como uma bôa egoista — dizia-l... sempre. — Você não sabe o quan... é doloroso estar presa aqui, qua... do com um pouco de dinheiro ... poderia ser útil e prestar serviç... a um ente adorado.

Quando Albertina vinha ver ... Vóvó Marócas, trazia-lhe semp... fructas, dôces e um pouco de vi... nho do Porto, para fazêl-a esque... cer o menu ordinario... ordina... rissimo, da pensão, e Vovó Maró... cas ostentando aquellas iguaria... para mostrar o quanto era que... rida pela neta, chamava as vizi... nhas, fazendo-as partilhar dos pre... sentes na hora do chá.

Mas era um diluvio de lame... tações provocadas pelas compara... ções inevitaveis dos menos fav... recidos da sorte. Aquelle chá quin... zenal tornára-se uma hora ... amarguras a prazo fixo. E Maró... cas resolvêra supprimil-o. Eng... lia sozinha os dôces, o vinho, ... fructas, chamando ainda, uma ... outra vez, a d. Sinhá, sempre dis... creta, calada, de uma rara dis... tincção, e que, por sua vez, ouv... as reflexões azedas de sua am... phytriã com infinita indulgencia. Bebia lentamente um pouco ... do vinho do Porto e engolia ... dôces misturados a muita amar... gura, mas acceitava sempre o con... vite da vizinha, porque possui... um coração de ouro, que nem ... idade nem os soffrimentos cons... guiram endurecer.

D. Marócas tambem tinha com... prado um vigesimo da grande lo... teria do Natal, e, naquella manh... de chuva, palpitava tambem an... siosamente, esperando com mui... impaciencia, e pouca philosophia, que o jornaleiro trouxesse o s... pirado jornal com a lista tot... dos numeros premiados. Toda ... vida esperáva o milagre, o acon... tecimento inesperado, a varinh... de condão que transforma a su... vida humilde num maravilhos... conto de fadas. Quem sabe? Teri... emfim chegado a hora da be... aventurança encerrada ainda ... molambo da tira de papel do v... gesimo da loteria do Natal? Pa... ella já era cousa certa e form... lava mil projectos.

Quando tirasse o grande pr... mio, que faria? Em primeiro lu... gar, compraria logo um lindo co... lar de perolas japonezas par... Albertina. Depois... depois...

De Itala Gomes Vaz de Carvalho

compraria a casa de Copacabana, na avenida da Rainha Elizabeth, tão linda e geitosa no meio do jardim e pertinho da praia. Poderiam sahir de casa já de *maillot* para tomar o banho de mar; teriam uma baratinha... Albertina aprenderia muito depressa a guiar. Um encanto! E nem poderia ser de outro modo! — Jamais lhe passaria pela idéa a possibilidade de perder o dinheiro que lhe custára o bilhete.

— E se a sorte sahir para mim? — perguntou um dia d. Sinhá, para pôr um termo aos galopes da imaginação desenfreada da sua vizinha.

Ouvindo essa phrase imprudente, d. Marócas levantou os olhos do seu eterno *tricot* e cravou um olhar tão cheio de odio na sua interlocutora, que a fez estremecer. Depois disto as duas senhoras viram-se com menor frequencia. Mal humoradas por motivos divergentes, preferiam attenuar a animosidade latente deixando passar o tempo, que tudo serena e tudo modifica.

Quando despontou a manhã do dia em que d. Sinhá e d. Marócas teriam emfim a sentença da sorte, estavam ambas com vertigens de tanto contemplar os seus respectivos bilhetes da sorte grande.

D. Sinhá chegou á janella, olhando machinalmente as veredas do jardim por onde devia chegar o jornaleiro. O céu ainda estava mais negro; a chuva era imminente.

Trinta minutos; vinte, dez, cinco minutos... E poder-se emfim considerar millionaria! E se de facto tirasse os dois mil contos? Que faria com tanto dinheiro? Ah! Mas ahi pagaria tudo o que devia na casa e faria as malas, embarcando no primeiro vapor rumo da Europa para ver todas aquellas maravilhas de arte e do progresso humano de que tanto ouvira fallar, antes de fechar os olhos para sempre. Sim, teria ainda tempo, saúde e coragem! Compraria tambem um cãozinho; um daquelles baixotes côr de chocolate que só faltam fallar, e que levaria comsigo por toda parte. Faria tambem uma quantidade de presentes aos seus jovens amigos... Aos velhos, não; estava saturada dos espiritos velhos, ranzinzas, egoistas, bisonhos! Emfim, entrou o jornaleiro, todo molhado pela chuva grossa, gritando o nome das folhas e a lista completa da loteria do Natal. Enveredou pela copa e sahiu immediatamente, desapparecendo pelos fundos do jardim, onde havia outro portão. Por economia, a dona da pensão só comprava o *Diario Carioca*, e o lia religiosamente antes de emprestál-o ás suas hospedes; mas, naquella manhã famosa, em que ella suspeitava a curiosidade dos que por ventura houvessem comprado bilhetes da loteria do Natal, pôz-se logo no limiar da porta e chamou alto:

Venham ver a lista dos numeros! Chegou o jornal!... Venham ver depressa quem tirou a sorte!

Ria-se com uma ponta de ironia, julgando fazer uma bôa pilheria, e gritou ainda mais alto:

— "39.772" tirou os dois mil contos! — Quem tem o 39.772?

A cabecinha grisalha da pequena d. Sinhá deu duas voltas. Mas então era mesmo verdade? Estava rica? Bastou a dona da pensão pronunciar aquelle numero fatidico para que ella de repente se transformasse numa millionaria? Como a vida era bella, e interessante, e cheia de milagres! — Correu a buscar o bilhete para se certificar de que não estava louca, que não era uma illusão... Não! Sobre a côr branca, verde e rosa, o n. 39.772 sahia fulgurante, em preto lustroso, como se tivesse uma luz interior a lhe fazer um signal amigo! A pequena d. Sinhá deixou-se cahir sobre a cadeira, esmagada pelo tumulto das emoções, quando a porta do quarto se abriu para dar passagem ao vulto alvoroçado de d. Marócas:

— 39.722! Não ouviu?... Não é mesmo o seu numero?

D. Sinhá fez simplesmente signal que *sim*, com a cabeça.

— E' incrivel! — Gemeu a outra.

E jogou-se sobre a rama, chorando como uma hysterica!

As lagrimas das pessôas moças fazem muita pena, mas as lagrimas vertidas pelos velhos são atrozes.

A pequenina d. Sinhá que de repente se sentira com trinta annos menos, não poude supportar aquelle espectaculo desolador. Sabia muito bem que d. Marócas a considerava como uma usurpadora, como uma ladra que se apoderára do seu numero, do seu direito de tirar a sorte grande, e que as lagrimas se transformariam logo em injurias, em palavras amargas e duras de se ouvirem. D. Sinhá é demasiado indulgente para se revoltar contra as asperezas daquella pobre alma desvairada e tambem sentia a satisfação profunda de poder emfim ser larga, generosa e bôa com os seus dois mil contos.

— Não se afflija, minha amiga! Olhe: eu não sou exigente... Mil contos me bastam! — Você tem sua neta; eu não tenho ninguem! — Vamos descer, e vamos dizer que comprámos o bilhete de sociedade? Dividiremos o premio.

E virando o rosto para não ver no olhar da outra, por causa do vil dinheiro, a expressão de humilde adulação de que estava cheio, agarrou o bilhete verde, rosa e negro e sahiu do quarto lépida e leve, como uma mocinha, gritando com toda a força de sua voz tão fragil:

— O numero 39.772 é nosso... é nosso! Fomos nós que o tiramos: d. Marócas e eu!

A Louca

ERA um logar romantico. Um desses logares encantadores para os homens de pouca imaginação ou para os namorados. Um pequeno lago deixa reflectir em suas aguas os bellos alamos, altos, direitos, como columnas gothicas. Ao longe, altas collinas recortam-se no azul do céo, deixando ver extensos campos cultivados ou cobertos de verde alfombra. E, por detráz do lago, o castello. O castello dos contos de magia.

Era isto o que elle, terrivelmente romantico, extasiando-se na sua contemplação e, ao contemplál-o, pensava no grande valor da vida, mas, principalmente, no amôr.

Sonhava (teria mais de vinte e dois annos e ainda não chegára aos cincoenta)... sonhava com o amôr. Sonhava que ella apparecia, que surgia mysteriosamente do castello, que chegava do fundo do desconhecido.

E sonhou muito tempo... muito tempo... Seus sonhos perderam-se em uma maravilhosa madeixa, na qual elle proprio se perdia... E sonhava que sonhava...

* * *

Quando despertou, ella estava junto delle; parecia uma natural dos paizes que rodêam o mar Tirrheno. Rithmica, graciosa, com immensa cabelleira e uma terrivel bôcca vermelha... Dôce, tenebrosa, era cheia de um enygma inexplicavel, que emanava dos seus bellos olhos negros.

Foi verdadeiramente um milagre de 1830. Ella estava plena de ferocidade e tratava sempre com crueldade os homens e os animaes; mas, então, em vez do seu ar arisco, apresentou-se risonha, e disse-lhe:

— Dormieis como um anjo!

Elle pôz-se de pé.

— Meu Deus! — murmurou. E' possivel que tenhaes vindo?

Se ella possuisse alguma experiencia, teria comprehendido que poderia fazer delle o que quizesse. Mas ainda era muito joven e, já se vê, sem experiencia.

Assim, nada respondeu; quedou-se, muito grave, olhando o lago com seus olhos mysteriosos... E elle não ousou perturbar o silencio...

Por fim, perguntou:

— Gosta que eu tenha vindo?

— Decerto! — respondeu elle, tremulo. — Se não fosseis vós, minha vida não teria encanto.

— E' verdade?

E disse isto em um tom tão baixo e tão carinhoso, que elle se sentiu transportado á gloria.

— Claro que é verdade — respondeu, suspirando.

— Póde ser; mas, amar-me-á se não nos tornarmos a ver?

Com toda a minha alma — respondeu elle.

Pelo exposto, o amôr romanico nasce num instante, como no soneto de Arvers, e, sem duvida, dura muito. E elle era muito ditoso... muito ditoso, com a bella companheira de seus sonhos...

Uma canôa divisava-se ao lado, movendo-se, impulsionada pelas pequenas ondas do lago.

— A ribeira é aquella — disse ella, mostrando-a.

Seus olhos estaticos pareciam estar a ver muito longe um espectaculo maravilhoso. Ella explicou-lhe o que se passava naquella pequena Babylonia. E explicava porque presentia qualquer coisa do imperador daquellas terras. Dependiam todos delle e qualquer desobediencia era paga com a vida.

Chegaram á ribeira. Ainda não haviam sahido da canôa, quando ella exclamou, com um grito:

— Os escravos do tyranno! Ahi estão! Vêm á minha procura.

E, abraçando-o, murmurou, entre soluços:

— O tyranno não perdôa. Esta tarde estarei morta: desobedeci á ordem de não sahir desta povoação. E' essa a nossa lei...

— Mas amar-te-ei sempre... sempre...

* * *

O pequeno lago deixa reflectir em suas aguas os bellos alamos, altos, erectos como columnas gothicas. E, ali, um medico pôz uma casa de loucos. Depois do passado, que todo foi um sonho, volta a realidade.

Elle ama-a, mas ella está louca. Todas as tardes senta-se ao pé duma arvore e sonha com ella e com ella se passam historias discordes do que foi narrado... Mas está com ella. E, em sonhos, pelo menos, é feliz.

Elle a quer com um amôr raro, muito raro neste tempo. Gosta della com loucura e, como ella louca, pensa assim com ella e é ditoso...

Um psychiatra, ao conhecer esta historia, disse:

— No fundo, elle está mais louco do que ella, mas a sua loucura não causa damno a ninguem, porque ninguem o conhece e ninguem sabe nada do seu louco amôr...

J. H. Rosny

HOMO

(*A Gustavo Barroso*)

Vibrante associação de Atomos Superiores,
illuminando pela excelsitude astral
do Pensamento — flôr de magnos esplendores —
a propria immensidão da Esphera Sideral,

nos milagres da Pa, nos Bellicos Furores,
sonorizando a Prece, uivando a Bacchanal,
em psalmodios de Gloria ou imprecações de Dôres,
tens o Mundo aos teus pés de giganteo Fanal!

Mas da tua Estulticia inutil e impossivel,
negando e escarnecendo através falsas Sciencias
o prodigio sem par do Espirito Indizivel

que fez a luz dos Sóes e fez a Vida Plasmica,
afflora á tua Idéa, em negras imminencias,
o sinete fatal da Lama Protoplasmica...

Figueiredo Silva

Descoberta maravilhosa

MARCIA empurrou violentamente a porta, premiu o accendedor da luz e entrou afoita no quarto, jogando o chapéu e as luvas brancas sobre o "toilette". Ia virando as costas, quando o crystal grande do espelho a convidou a perfilar-se deante delle... Sorriu ao seu vulto esguiu lá dentro. Depois examinou, o esbanjamento loiro da cabelleira, a profundeza azul dos olhos, a pôlpa vermelha dos labios, e julgou-se deliciosa na belleza fresca dos seus dezoito annos.

Voltou, em seguida, a correr o trinco á porta... Passou os olhos no relogio, que marcava onze e meia. Horas de deitar-se. Mas não poude dominar a tentação de tornar ao espelho... Não restava duvida, era bonita. E, entretanto, Carlos parecia não enxergar essa belleza irradiante. Sempre o mesmo indifferentismo, o mesmo cégo ao seu grande amôr, á sua incuravel paixão. Sim! Amava Carlos, e muito. Já não sabia o que fazer para alcançar a glorificação do seu amôr. Já lhe havia declarado a paixão que a angustiava. Fizéra sacrificios para mostrar quanto o queria. Chegára até a supplicar que a amasse tambem e, entretanto, o rapaz não lhe concedia senão um pouco de amizade a mais do que ao commum das mulheres.

Ao commum, não, porque havia uma, a Lucia, que, se não despertasse amôr ao Carlos, ao menos bastante interesse. E a Lucia não era nenhum prodigio de belleza. Estava até convencida de que, ao seu lado, Lucia se eclypzaria.

A imagem de Lucia clareou-lhe na memoria. Marcia achegou-se mais ao espelho e começou a comparar-se com a outra... O seu vulto reflectido no espelho e o della, dentro da sua memoria... O loiro dos cabellos, a frescura do rosto, o azul dos olhos, a vivacidade da bôcca, a harmonia dos traços, o fulgôr da expressão, a alvura ondeante do cólo... Marcia desabotoou o vestido azul e lançou-o para cima da cama, sem poder desviar os olhos do corpo, enquadrado na moldura do espelho, cuja seducção incomparavel descia em ondas harmoniosas desde o pescoço branco até o contorno leve dos tornozellos. Depois appareceu-lhe, naquella febre de imaginação, dentro do crystal, a silhueta morena da Lucia, que, mal chega, a empurra violentamente para dar o logar ao vulto dominador de Carlos. Logo os dois vultos invasores se abraçam... Já não é o espelho que Marcia vê á sua frente. O branco transparente se alonga e se alarga numa sala de baile, onde ella distingue Carlos e Lucia dançando muito unidos, quasi devorando-se mutuamente. E' a mesma sala, ali do quarteirão defronte, onde esteve com a sua irmã até as dez e meia, e onde Carlos revelou toda a sua predilecção pela rival, dançando com Lucia o tempo quasi todo e apenas uma vez com ella.

E Marcia, como que delirando, continuava a ver o par bailando no fundo do espelho... Lucia abandonava-se num languor felino ao arrebatamento de Carlos... Tal como no baile daquella noite.

Marcia teve uma idéa. Estava descoberto o motivo da preferencia do rapaz. Lucia era mais mulher do que ella. Ligava menos aos preconceitos, entregando-se muito mais do que uma joven de bom nome deve fazer. Lucia sabia seduzir... E se tambem procedesse assim?... Marcia experimentou um sobresalto... O seu corpo estava, de novo, sozinho atraz do crystal. Esquadrinhou-o ainda mais. Tirou, depois, os olhos da imagem e baixou-os sobre si mesma. Um calafrio percorreu-lhe o arminho da pelle de alto a baixo... Sim! Era bem seductora. Havia de tentar aquelle ultimo recurso para ganhar o amôr de Carlos. Mas outra idéa sacudiu-lhe o cerebro. Teve vergonha e medo do que pensára. Correu a cobrir-se com um pyjama rosa, e atirou-se na cama.

* * *

Uma manhã bonita.

Marcia vinha subindo a Avenida. No mesmo passeio descia Carlos de braço com Lucia; unidos, olhos de um dentro dos olhos do outro. Marcia levou um choque enorme. Nunca os tinha visto assim tão dados. Era o namôro declarado. Quiz desviar, mas era tarde. Armou-se de uma indifferença que estava longe de possuir, e continuou a subir.

Carlos cumprimentou-a friamente. Lucia fez peor. Feriu-a apenas com um sorriso de triumpho e mergulhou outra vez a cabeça no hombro forte do companheiro.

Marcia sentiu um impeto selvagem de fazer escandalo. Lembrou-se, depois, da idéa que lhe havia acudido á noite precedente, e sorriu com superioridade. Sim! se Lucia lhe roubára Carlos pela magia offertante da sua seducção, ella iria mostrar á rival que tambem dispunha de armas bastante efficazes. Não poderia era tolerar aquelle desprezo. Que a virtude se abrigasse nas mulheres que se avizinham do outomno da vida, que ella não lhe podia dar mais guarida na primavera do seu corpo...

* * *

Outro dia bonito.

Muito cêdo ainda e o sol já estendia os seus dedos de luz para acariciar o corpo verde das arvores, cuja folhagem estremecia sob aquelle contacto morno.

Carlos e Marcia esperavam que o cantil se enchesse dagua. Teriam que esperar muito, porque o cantil não era pequeno e a agua descia num filete unico do leito fino de musgos e seixos.

Na divisão do trabalho para melhor andamento do "pic-nic",

(Continúa na pag. seguinte)

coube aos dois apanhar a agua. Aos dois, por acaso ou por arranjo de Marcia com as outras organizadoras do passeio.

O local do convescote distava dali uns duzentos metros, e Marcia viu naquella fonte um sitio

Descoberta maravilhosa

(Conclusão)

opportuno para ensaios a reconquista de Carlos, conforme Lucia lhe dava exemplo. Por isso que Marcia estava nervosa.

Carlos notára e chegou-se mais a ella. Marcia levantou, então, os olhos morenos e deitou toda a força da sua abstracção voluptuosa sobre os olhos do rapaz.

Carlos não se conteve, e perguntou, arrebatado pela força mysteriosa daquelles olhos azues:

— Marcia, você ainda me ama?

— Muito, Carlos.

E Marcia, abafando os ultimos protestos de um poder instinctivo resolução firmada de conquistar aquelle que lhe escolhêra o destino, pela força da sua seducção incomparavel... exclamou, numa vertigem:

— Quér uma prova?

E atirou-se nos braços de Carlos.

O rapaz estreitou-a fortemente e começou a cobrir-lhe o corpo branco de beijos febricitantes, quando Marcia, num impeto feroz de repulsa, se lhe desvencilhou dos braços para cahir pesadamente sobre a gramma, cuja verdura almiscarada ella molhava, então, com a amargura liquida das suas lagrimas... Soluçava baixinho, murmurando phrases de angústia e arrependimento:

— Perdôe-me, Carlos... Mas eu não sei, eu não posso ser como Lucia.

Carlos commoveu-se profundamente. Num impeto de arrebatamento, baixou-se sobre a divina Marcia e, segurando-lhe as mãozinhas tremulas dentro das suas, sussurrou-lhe no ouvido:

— Marcia, eu a amo... Quero-a assim mesmo; virtuosa e exaltada... Só agora a amo loucamente, Marcia divina, porque só agora a comprehendi... Venha, Marcia, que eu preciso de seu amôr...

E a bôcca de Carlos procurou a de Marcia, agora num beijo quente de amôr e ternura...

GETULIO TEIXEIRA

PSYCHOLOGIA DO «GARÇON»...

Uma garrafa de champagne.

Uma garrafa de vinho branco.

Uma garrafa de vinho tinto.

Uma garrafa de agua mineral...

saibam todos...

GLORIA (Capital) — Uma cartinha azul como um "bluet". Ingenua, como tudo que sáe da penna de uma joven de 15 annos... (Dubios ou simples?)... Difficil de responder como são todas as missivas, que tratam de casos pessoaes, casos intimos, de amores contrariados, e os quaes só podem e devem ser resolvidos pelos interessados.

Vejamos, porém, essa famosa missiva de criança... de 15 annos — mas, criança sabida, "enfant terrible"... do seculo XX...

"Rio, 17 de março de 1934. Yves. Esta é a 2ª carta que te escrevo, sem contudo ter obtido resposta. Não me zanguei, o que, aliás, seria inutil. Resolvi fazer o que estou fazendo — escrever-te novamente. Tenho grande vontade de ser gaúcha. Meu ideal, minha maior aspiração é ir ao Rio Grande do Sul. Desde pequena tenho esta predileção, predileção essa que se acentuou ha mais ou menos um ano quando comecei a amar um... Gaúcho. Eu fui porem para ele uma distração e no fim de dois meses de "amor" ele me deu — "Good-bye". Chorei muito e continuei a ama-lo, como ainda o amo. Sou ainda quasi criança pois conto sómente 15 anos, e sendo assim, Yves, te pergunto — "Conseguirei esquece-lo? Que devo fazer para isto?

Aconselha-me, Yves, aconselhe a esta criança que já tem um passado a recordar e uma saudade em seu coração. — *Gloria*. Pseudo — *Gaúcha*."

Commentarios:

1º. — O seu ideal, tem uma limitação geographica: termina em nossas fronteiras do sul. Não é um ideal difficil. Nem grande. Por que então não o realiza depressa?

Um avião, em poucas horas, tudo resolverá.

Não ha razão para não se considerar muito feliz... Imagine si v. ex., em vez de querer ir ao R. G. do Sul, desejasse ir ao Polo Norte...

A empreza não seria facil, creio eu. De resto, offereceria o risco das phócas e dos ursos brancos — sem falar naquelles pinguins engraçados, que parecem andar eternamente de frack... como si acompanhassem enterro ou se encaminhassem para o Palacio da Justiça, no desempenho de uma seria missão forense...

Mas, afinal, os pinguins nada têm com a sua missiva. E eu só os puz aqui paa dar uma côr... polar a esta resposta... *fria*...

2º. — Declara que foi para o seu gaúcho um simples passatempo sentimental.

Aos 15 annos, senhorita, a mulher ainda está numa phase de transição. A sua personalidade não está formada. (E acaso, ella se formará algum dia?)

A mulher só depois dos 21 annos é que começa a raciocinar com mais segurança e clareza. Mesmo assim, si ella não é dotada de um espirito forte e de uma intelligencia limpida, jamais terá o descernimento preciso e a dose necessaria de energia, para resolver por si mesma. Será sempre governada pelos outros; será sempre um automato, uma machina, um fantoche nas mãos alheias; um frágil espelho, a reflectir os actos, as idéas e a vontade daquelles que mais influem sobre a sua pessôa.

Essa é que é a situação da mulher de poucas luzes.

De modo que, aos 15 annos, — mesmo sendo intelligente, como v. ex. é, — ainda não cristalizou os elementos que marcam uma personalidade feminina.

E' de esperar que essa sua paixãozinha — enthusiasmo do primeiro momento — passe mais depressa do que suppõe.

De uma coisa pode ficar certa: — a reacção, isto é, o phenomeno, que se opéra dentro de nosso sêr, no sentido de destruir uma affeição, se verifica na razão directa da ordem de factores que contribuiram, mais de perto, para que elle se elaborasse.

Em outras palavras: Si v. ex. amava, cégamente, a esse moço — (cegamente? uma mulher? E' bobagem minha... Em todo caso — vá lá!) si v. ex. o adorava, (as mulheres querem tudo e não sabem o que querem...) é claro que a offensa da attitude assumida pelo gaúcho, lhe ha de doer tanto quanto fosse o gráu e a intensidade do affecto que experimentasse por elle.

E isso, para v. ex., será um grande bem. Porque a dôr da offensa auxiliará a sua cura, isto é, trará, mais facilmente, o esquecimento desse amor fracassado. Mas, apesar dos pezares, por que não tenta um exame da sua situação? Sabe lá si em tudo isso não houve um intriga soêz, o dente da inveja, a baixeza de um despeito qualquer, a trabalhar contra a felicidade de ambos?

Isso é importante, no caso.

De mais, não creio que, um homem educado — será elle um moço distincto? — seja capaz de afastar-se assim á franceza — ou á ingleza — "good bye!" — sem um motivo ponderoso. O importante não é examinar os effeitos — mas a causa que os determinou. Si v. ex. ouviu aqui o estampido de uma bomba, é porque alguem a fabricou. Os petardos não nascem do humus, como cogumelos... Si o gaúcho foi grosseiro, displicente, ou brincalhão, deixando-a a ver estrellas, é porque houve um motivo qualquer...

Na melhor das hypotheses, v. ex. não o soube prender, não lhe inspirou confiança ou lhe fez comprehender que tambem não o amava, ou só queria se divertir á sua custa...

E as amiguinhas? as invejosas? As que só fornecem más noticias?

(Cont. na pag. seguinte)

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

E atrapalham tudo, por maldade? Fuja dellas. Não creia que intervenham na sua vida, interessadas pela sua felicidade pessoal. O mais que ellas podem fazer é sorrir. Sorrir de v. ex. — quando a sua felicidade passar...

Si, porém, está tudo perdido — o melhor é confiar no destino. E' preciso ser fatalista, para não desesperar, deante das surprezas do amor...

JUCA APITO (Capital) — Meu caro poeta, o sr. pode usar o processo de certos poetas que mando para a *cesta*. Esse processo consiste no facto de elles esperaram um, dois, tres annos, que eu publique um livro, para se vingarem de mim.

Que fazem elles? Entram a criticar os meus livros, com uma abundancia tremenda de insolencias contra os mesmos e o seu autor. Então, não ha jornaléco do interior, revistécas clandestinas, sem circulação nem leitores, que não me chamem de burro, cretino, imbecil, nullidade, isto e mais aquillo.

E' um delirio de graça!

Si fôrmos descobrir os autores dessas mofinas, que, geralmente, vêm assignadas com pseudonymos estapafurdios, verêmos que são os taes poetas d'agua doce, que, no anno tal, me enviaram uma certa versalhada que acabou indo parar na cesta.

Quem paga o *desastre* de elles terem ido para ella, é o pobre do livro que publique...

São adoraveis esses poetastros!

Ora, o sr., na sua carta, me pede não commentar, chistosamente, os seus versos... E eu respondo qeu o sr. tem a faca e o queijo na mão: — meu poema *Azul e Rosa* anda por ahi...

Agora, o que não me é possivel é deixar passar camarão pela malha...

Mas, vamos á sua missiva:

"Rio — 16-3-34. Sr. Yves. Reputo desnecessario escrever a V. S. apresentando-lhe o trabalho annexo.

V. S. sabe o que deseja quem lh'as envia. E eu sei ser desnecessario um commentario meu ou uma exposição de minhas idéas ou minhas inclinações, o que não poderia influir no espirito de V. S. a não ser que V. S. fôsse um espirito — direi — maleavel ao sabor das lisonjas ou das defesas antecipadas.

O que me levou portanto a escrever a V. S. foi unicamente pedir-lhe que, caso eu mereça commentarios chistosos da parte de V. S., seja poupado o meu nome que, embora praticamente seja por si um pseudonymo, eu o prezo muito e tenho horror a ve-lo exposto ao ridiculo.

Certo da discrição de V. S., sou, para seus commentarios, admirador sincero. — *Juca Pito.*"

Tudo isso para me remetter um mau poema — *Alvorada triste*, onde o sr. se revela um poeta de segunda classe.

Diz banalidades como estas:

Quando nasce um poeta
um abismo de rosas arrebenta.
A natureza se reveste em galas:
a Terra é grande multidão de flô-
[res,
em bacanal de côres e perfumes.

Não vale a pena escrever um poema, no seculo do modernismo para dizer coisas de tal jaêz.

Não é que o sr. não seja capaz de surtos mais elevados. Mas a verdade é que, a escrever bobagens dessa natureza, o melhor é não escrever coisa alguem.

A MULHER E O AUTOMOVEL...

O momento fatal em que a gente se encontra no caminho com um automovel dirigido por uma mulher...

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviarnos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 31 - 3 - 934

Data da consulta............

Nome do consulente..........

....

Em todo caso, o sr. conta commigo — desde que produza coisa mais consistente...

Gostou?

GATINHA ANGORA' (Capital) — E' com o maior desvanecimento que registro o recebimento de sua carta, tão enthusiasticamente elogiosa á minha pessôa, ou antes ao meu livro.

E' um prazer constatar esse facto, tanto mais quanto os poetas que mando para a *cesta* e se tornam meus inimigos, timbram em assignalar que as minhas leitoras são mediocridades que não sabem julgar uma obra literaria.

Ora, o que se dá com v. ex. revela o contrario disso. Póde ser que os meus livros não prestem. E' bem verdade. Mas uma coisa não se póde negar: é que a maioria das minhas leitoras são bonitas e illustradas. Pelo menos, sabem escrever bem. E uma prova é a sua carta, que peço licença para publicar:

"Carissimo poeta. Ler o seu poema Azul e Rosa é lembrar o mais raro e exotico perfume Oriental. "Aquarelas", "Renuncia", "Fidalguia" e "Subtilezas" são suaves essencias Orientaes que perfumam e extasiam a alma de quem compreende o bello e de quem muito amou e soffreu.

Ler Azul e Rosa é recordar. E recordar é viver. Antes, eu jamais havia experimentado uma sensação de encantamento espiritual tão suave, tão deslumbrante.

Agradeço-lhe, Yves, de todo o meu coração (embora V. não creia em coração de mulher...) o prazer immenso que V. me proporcionou com o seu poema maravilhoso. Admira o mais que nunca e deseja-lhe, mais uma vez, uma infinidade de venturas em 1934, sua maior amiguinha *Gatinha Angorá.*"

E' claro que os poetas que vão para *cesta* hão de ficar fulos de raiva — contra mim e contra as minhas leitoras.

PARISINA (Capital) — Perfeitamente. Acceito a sua visita de bom grado. E' imprescindivel, porém, que me avise, antes, pelo telephone desta redacção: 2-4136, de 10 ás 11 e de 5 ás 6 horas da tarde.

De antemão, faço vêr que é perigoso dar opinião sobre um livro de mulher. Si o nosso juizo não lhe é favoravel, é uma inimiga que fazemos, na pessôa da autora. Tanto mais quanto v. ex. me previne que o seu confrade paulista considerou bôa a sua obra literaria.

Que é que irei dizer — para cahir nas suas graças?

YVES

O CEGO

De J. Kessel

HAVIA ainda pouca gente no salão do restaurante. Os musicos tocavam com indolencia, e na pequena ante-sala os *garçons* esperavam, encostados á parede.

Todos elles tinham a expressão peculiar de nostalgia, de suavidade de certa astucia, que é tão caracteristica nos rostos russos. Em alguns notavam-se grandes cicatrizes, e quasi todos tinham mãos finas e aristocraticas.

Quando um delles, chamado por algum cliente, se dirigia a passos vagarosos para uma mesa, ao vel-o inclinar-se obsequiosamente, julgar-se-ia que desejava imitar a attitude servil dos *garçons* em geral, mas sem o conseguir, pois no gesto da sua cabeça e no tom da sua voz conservava alguma coisa de uma liberdade incontida e de uma nobreza innata, resultando simplesmente serviçal.

E os que lhe davam as suas ordens pareciam querer desculpar-se por isso. Essa troca de palavaras russas, no centro de Paris, creava como que um laço amistoso e quasi fraternal entre o freguez e o *garçon*.

As mesas começavam a ser occupadas, e subiam sem cessar pela estreita escada novos freguezes, que eram recebidos á entrada pelo mordomo, um homem agigantado e de aspecto bondoso, cujos largos hombros estavam aprisionados no "smoking" como numa couraça.

Havia tempo já que o salão-refeitorio estava quasi cheio, quando perto da porta de entrada se mostrou um novo freguez.

Pelo modo como o cumprimentava o mordomo, pelo seu sorriso de alegre comprehensão, via-se logo que o recem-chegado era um dos freguezes preferidos, daquelles que sabem fazer de cada jantar uma festa, visto que entre os verdadeiros russos não ha homem mais popular do que, aquelle que com a sua simples presença domina numa mesa, dirigindo o côro melancolico ou alegre dos cantores, atráz de uma barricada de garrafas vazias.

— Quantos talheres ordena, Sergio Andrejewitsch? — perguntou o mordomo.

— Seremos trez. Acompanham-me duas senhoras, que estão ainda lá em baixo, no vestiario, retocando-se um pouco. Receava não encontrar mesa e por isso subi primeiro.

— Oh! Sergio Andrejewitsch! — disse o colosso, em tom de amavel censura. Bem sabe que ha sempre uma mesa disponivel para o senhor... E a melhor.

E, baixando um pouco a voz, continuou:

— Custou-m bastante reservar-lha hoje... Ha mais gente do que de costume.

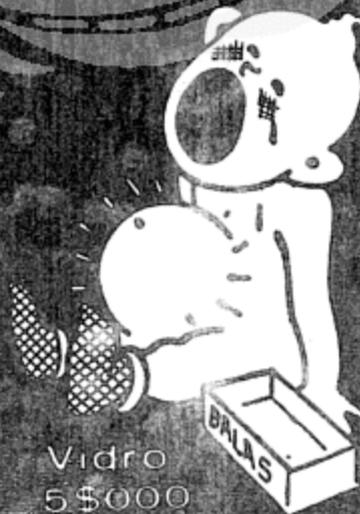
Passaram por entre as mesas, dirigindo-se á que fôra reservada para o recem-chegado, e que estava situada num dos angulos do salão. Pela janella entreaberta entrava o ar de uma noite de verão. Dos pequenos e macios assentos que rodeavam a mesa, dominava-se perfeitamente o salão, como tambem a orchestra, a qual entoava já, em surdina, suaves e tristes canções eslavas.

— Ficará muito bem aqui, Sergio Andrejewitsch — disse o mordomo, cheio de solicitude.

Mas depressa o seu rosto, deformado por uma grande cicatriz, adquiriu um ar de gravidade.

— Trata-se agora de lhe preparar um bom menú, não é verdade? São francezas as damas que o acompanham. Sergio Andrejewitsch?

— Não, meu amigo, não. São duas encantadoras aristas russas, cantoras, a quem pedi me fizes-

(*Cont. na pag. seguinte*)

sem a honra de acompanhar-me a jantar aqui, pois ainda não conhecem este restaurante.

— Perfeitamente! — exclamou o mordomo. — Vão comer como em Moscou.. Permittir-me-á senhor, que eu organize o jantar, não é verdade? Para começar, um pouco de vodka, e depois o champagne.

— Tudo o que quizer, meu bom amigo. Confio na sua proficiencia.

O novo freguez viu que o mordomo havia collocado um cartão branco sobre um dos copos, para evitar que a mesa fosse occupada por outras pessoas. Pegou no cartão e leu: "Sergio Andrejewitsch Arkadine"... Sorriu ironicamente, e depois guardou o cartão no bolso.

A pequena lampada, coberta com um *abat-jour* côr de rosa, illuminava-lhe suavemente as feições; essa luz velada pareceu-lhe, sem duvida, muito forte ainda, porque elle a afastou para o outro extremo da mesa, com um movimento flexivel e cauteloso, que dizia muito bem com toda a sua pessoa, com o seu rosto magro e estreito, de olhos duros e claros, e com as suas mãos finas e esguias.

Estava tão abstraido nas suas meditações, que se sobresaltou quando ouviu dizer a seu lado:

— Realmente, é preciso pouco tempo para que o senhor nos esqueça!

Arkadine ergueu-se immediatamente, e, inclinando-se ante as duas damas que acabavam de chegar, convidou-as a sentarem-se.

Uma dellas poderia contar uns trinta annos; tinha esplendida figura, rosto expressivo, a epiderme calidamente bronzeada, os olhos chammejantes e maravilhosos das gitanas russas. A outra era loura, muito moça, de rosto pállido e formoso, labios muito vermelhos, e parecia uma menina melancolica e innocente.

A ultima disse:

— Demorámos um pouco lá em baixo, porque encontrámos alguns velhos amigos... de Moscou. Não é verdade, Anuchka?

A gitana respondeu que sim, com a cabeça, dizendo negligentemente:

— E' verdade; os dois criados do vestiario. Dantes dispunham de milhares de rublos... São realmente sympathicos.

— Não pensem em coisas tão tristes, queridas amigas — disse Arkadine. — Isso não me agrada, nem este logar é apropriado para tal...

— Mas não são coisas tristes — disse a joven. — Emquanto houver pão e voz para cantar e se possa dançar, pode-se viver.

— Muito bem dito, minha pequena Vera... Mas esqueceu-se de accrescentar: e vodka para beber!

Entretanto, dois criados tinham

O CEGO

(Continuação)

começado a dispôr sobre a mesa uma porção de pequenas travessas e pratinhos contendo caviar, tomates, anchovas, salmão corado e azeitonas, tudo profusamente coberto de sal e pimenta.

Por detráz dos criados, surgindo a cima delles com a altura de toda a cabeça, via-se a figura gigantesca do mordomo, que tinha na mão uma garrafa cheia de um liquido transparente.

Emquanto servia a bebida, Arkadine exclamou:

— Mas esqueceu-se de si mesmo, meu caro amigo!

O gigante inclinou-se, agradecido. Mandou trazer um copo, e depois disse, cerimoniosamente:

— A' saude das excellentissimas damas!

Tomou, de um só trago, o licor do seu copo, que queimava com o gosto especial de trigo cosido. E os trez commensaes imitaram-no em seguida.

Nesse momento fizeram-se ouvir pelo salão alguns murmurios reclamando silencio.

A orchestra tocava uma aria infinitamente nostalgica, executada só pelo piano, um violino e um cymbalo, mas tão harmonica, tão cheia de rythmo, tão vibrante de sensibilidade, que chegava até o mais intimo da tristeza humana.

E, contrariamente ao que é vulgar succeder em taes logares, nesse recinto só frequentado por russos, todos guardaram o maior silencio, tanto em respeito pelo musico como pelo desejo de ouvir sem distracção a harmoniosa melodia.

Quando esta, dolente e simples, se extinguiu, as duas mulheres que jantavam com Arkadine permaneceram alguns minutos immoveis, como que paralyzadas por um encanto demasiadamente forte.

Arkadine olhava-as de soslaio, sorrindo de um modo estranho. Com crueldade e com ternura... Um sorriso que lhe punha a descoberto os dentes brancos e juntos.

Emquanto ageitava a écharpe sobre os hombros, Anuchka disse lentamente:

— Da ultima vez que ouvi esta melodia, foi executada pelo grande Ildenko, na ilha dos Principes.

— E ha muito tempo que as senhoras abandonaram a Russia? — perguntou Arkadine.

Fizera essa pergunta como que distrahido. Mas logo o seu rosto adquiriu uma expressão de desgosto contra si mesmo, e esperou, nervoso, a inevitavel resposta:

— Durante a revolução... E o senhor?

Elle respondeu, de máo modo:

— Ha um anno...

— Só um anno? — exclamou Vera, surprehendida. Mas, então, o senhor deve ter soffrido muito!

— Como tods os outros...

— E como conseguiu fugir?

— Tive sorte...

O tom dessas respostas fôra tão estranho, que um surdo mal estar se apossou das cantoras. Mas já Arkadine erguêra a sua taça, desta vez cheia de champagne, e exclamou:

— Só estamos conversando, e não bebemos nada!

E, como nesse instante o violinista começasse a tocar, accrescentou:

— Escutem bem, senhoras: é a "Troika", e tocam-na só por mim. Tocam-na admiravelmente.

As cordas vibraram com uma alegria selvagem. Parecia agora que no salão não existia mais que o ardente cantico, no qual se misturava sem cessar a mais profunda tristeza com a mais transbordante alegria.

Arkadine, mais pallido que de costume, com os olhos semicerrados e os labios apertados, seguia suavemente, o compasso da musica. Anuchka, a gitana, e a sua com-

panheira loura começaram a mover lentamente os hombros, respirando afanosamente, como que impregnadas por aquella musica barbara e embriagadora.

A muita attracção desse grupo era tão forte, que o violinista, sem deixar de tocar se aproximou da mesa. Parou deante de Vera, e parecia que o seu instrumento cantava só para essa menina loura, cujos olhos estavam marejados de lagrimas.

E, de subito, não se podendo conter, ella começou a cantar. A principio, muito suavemente; mas depois a sua voz elevou-se com mais brilho e força quando se lhe juntou a calida voz de contralto da sua companheira.

O violinista não tirou mais os olhos das duas lindas mulheres.

O seu arco parecia dirigir o côro improvisado, e entre o pallido artista e as duas cantoras estabeleceu-se um fluido magnetico, originado pelo rythmo e pelo som...

Expirou, afinal, a ultima nota nas cordas e nas vozes. Ergueram-se applausos de todos os lados, e, como que despertando de um profundo somno, Vera e Anuchka sorriram distrahidamente, surprehendidas por aquelle enthusiasmo.

A um signal de Arkadine, foi dada ao musico uma cadeira e offereceram-lhe champagne, emquanto o mordomo offerecia ás damas ramos de rosas vermelhas. E Arkadine disse-lhe, alegremente:

— Foi uma verdadeira sorte eu ter trazido estas duas damas... Parece que o seu cantor hoje não vem.

— Mas temos outro, que deve estar a chegar.

— Quem é?

— E' uma surpreza...

Decorria o tempo tão agradavelmente naquelle salão-restaurante, onde tudo recordava a patria perdida, desde as physionomias dos criados, o idioma, o sabor dos manjares até á melodia da musica... Amanhã, esperava-os de novo o trabalho naquella cidade estranha... Mas o momento presente era tão bom... tão embalador... e faltava ainda tanto para o amanhã...

De subito, uma profunda emoção pareceu apossar-se de todos quantos ali estavam reunidos. Junto da orchestra apparecêra um homem, que com a animação geral não fôra visto entrar.

Era muito alto e de forte compleição. E, apesar dos seus cabellos brancos, o seu rosto denotava juventude. Mas em toda a sua attitude, na flexão do pescoço, e, sobretudo, nos movimentos incertos das mãos, havia uma impotencia, uma debilidade desamparada, que im-

O CEGO

(Continuação)

pressionava profundamente, que fazia pena e compungia.

O seu olhar tudo explicava: era um olhar opaco, immovel... O olhar branco e parado dos cegos.

O assombro, a compaixão e uma ansiosa curiosidade occasionaram um subito e profundo silencio. E o cego, como se não esperasse mais que esse silencio, pousou a mão esquerda sobre o piano. Os instrumentos preludiaram muito suavemente, e elle começou a cantar.

Era evidente que não estava acostumado áquillo. A sua propria attitude lhe revelava a inexperiencia. A cabeça permanecia-lhe inclinada, a mão direita cahia-lhe ao longe do corpo. Todo elle era perturbação e embaraço.

E todo o auditorio se sentiu dominado por um doloroso espanto.

— Ora! Que surpreza! — murmurou Arkadine, desgostado.

As suas duas companheiras tinham baixado a cabeça como para esconder o proprio mal estar.

Mas tornaram a erguêl-a á medida que o canto se desenvolvia. E, em torno dellas, todos os presentes, se sentiram tambem como que alliviados, passando uma especie de clarão de satisfação pelas suas physionomias descontentes ou crispadas.

O proprio Arkadine, a quem não agradava a tristeza, seguia com avida attenção o canto do cégo.

Este não mudára de attitude nem de accento. Mas a sua voz surda e lenta, desagradavel a principio, ia adquirindo, pouco a pouco, um tom de soffrimento indizivel, uma violencia contida, uma febre de dor que chegava como um feitiço ao coração dos seus ouvintes.

Continuava com a cabeça inclinada, mas já não parecia conserval-a assim por embaraço. Parecia antes escutar dentro de si mesmo o seu canto desesperado, que lhe enchia o coração sem poder dominal-o.

Os instrumentos calaram-se. O pianista, de vez em quando, fazia ouvir um acorde profundo, que resoava longamente. E a voz monotona cantava, com matizes apagados, uma queixa selvagem, que pela primeira vez resoava naquelle salão de festas.

Aquella voz não cantava as alegrias nem os tormentos do amor; nem os gozos da vida, nem as façanhas dos grandes bandidos da steppe russa. Descrevia numa cadencia ampla e lugubre, o horror das prisões russas, a agonia dos condemnados á morte, o fim de toda a esperança, e a perspectiva do carrasco. E despertava em cada um dos ouvintes atrozes recordações, recordações das cellas das prisões, de gemidos, de tiros sinistros e de noites febris...

Lia-se em todos os semblantes uma angustia indescriptivel. As mulheres sentiam como que um nó na garganta, e os homens pestanejavam nervosamente para conter as lagrimas.

Muito tempo cantou assim o cego.

Quando a voz se calou, todos permaneceram silenciosos. Mas as respirações irregulares, um suspirar ansioso e abafado rendiam-lhe a mais pathetica das homenagens.

Arkadine cravara convulsivamente as unhas na toalha, e foi o primeiro que sacudiu aquelle penoso torpor.

— E' realmente assombroso! — exclamou. Mas, para que havemos de recordar todos esses horrores?

A loura Vera, porém, com lagrimas a tremerem-lhe nos olhos azues, indignou-se:

— Não tem vergonha? Essa canção é tão linda como os martyrios de Christo!

E Anuchka, cujo rosto estava co-

(Cont. na pag. seguinte)

O CEGO

(*Conclusão*)

mo que petrificado pela emoção, disse, com voz rouca:

— Vá, convide-o para a nossa mesa. Vê-se que está esgotado.

Por mais que Arkadine fosse senhor de si mesmo, não poude conter um movimento de inquietação.

— Não — disse, terminantemente. — Não quero tel-o á minha mesa.

— Então retiramo-nos nós — disse Vera.

Mas já um sorriso, que elle queria fazer parecer amavel, mas que não passou de uma careta, distendia os labios de Arkadine.

— Pois bem... Não se aborreçam. Farei o que as senhoras quizerem.

Conduzido por um *garçon*, o cego veiu sentar-se em frente delles. A pequena lampada, que Arkadine afastara antes de junto de si, illuminou em cheio o rosto do cantor.

Viram-no, assim, livido e como que inchado, sulcado por espantosas rugas e immovel como os olhos.

As duas damas ficaram muito surprehendidas ao notar o estremecimento que agitava Arkadine.

— E' a janella aberta — murmurou este. Tenho frio.

E como Vera fizesse signal a um criado para que a fechasse, protestou, nervoso:

— Não, não... Deixe. Abafariamos.

E limpava disfarçadamente as gottas de suor que lhe corriam pelas temporas.

Entretanto, Vera perguntava ao cego:

— De quem é essa canção? Nunca ouvi nada tão commovente.

— E' minha — respondeu, com simplicidade o cantor, erguendo o copo com mão tremula.

— E o senhor... soffreu tudo isso? — balbuciou a joven.

— Sim... junto com muitos outros.

Depois, com a sua voz baixa e monotona, começou a contar os soffrimentos do seu encarceramento, os infindaveis interrogatorios... E sobretudo narrava as refinadas crueldades de um dos investigadores, homem cortez, mas de uma astucia impiedosa e de um diabolico encarniçamento. E contava a maneira como esse vampiro o torturára, porque elle nada tinha que confessar... Quantas vezes lhe encostára o revolver á testa, só para martyrizalá-o, retirando-o depois e disparando o tiro para o ar. mas estão perto dos seus olhos que o clarão da polvora lhe fôra, pouco a pouco, apagando a vista para sempre...

Foi interrompido subitamente por Arkadine, que gritou, ebm voz estridente, como que hysterica:

— *Gaçron*, traga champagne! Depressa!

Ao ouvir essa subita exclamação, o cego ergueu o rosto, que conservára inclinado, e volveu-o para Arkadine. E este, assim como as duas damas, teve a impressão angustiosa de que o cego o via. Produziu-se um silencio mortificante.

— E como poude fugir? — tornou Vera a perguntar, afinal?

Mas o cantor que fizéra recuar a cadeira em que estava sentado, respondeu:

— Receio aborrecê-los com as minhas historias... E, além disso, estorvo o seu amigo de falar.

Arkadine esforçou-se por sorrir.

— Não tenho nenhum interesse em falar, meu amigo — respondeu. Tudo o que o senhor conta nos interessa muito.

— E' curioso — murmurou o cego. — Parece-me reconhecer a sua voz... Não nos encontrámos já alguma outra vez?

— Tenho certeza de que o senhor se engana.

O cego ficou calado um momento, e depois disse:

— Não sei o que me passava pela cabeça... Quer ter a bondade de me dar um cigarro?

A cigarreira de Arkadine estava sobre a mesa. Uma cigarreira genuinamente russa, de finissima madeira de abeto, com incrustações de ouro. Tinha, num canto, uma **pequena falha.**

Teria Arkadine esquecido que ella estava cheia de cigarros, e que tinha ao alcance da mão? Ordenou ao criado:

— Depressa, uma carteira de cigarros.

— Mas aqui tem cigarros — disse Vera, chegando ao mesmo tempo a cigarreira ao cego.

Este pegou nella, ás apalpadellas, para tirar um cigarro, mas os seus dedos começaram a tactear a cigarreira, detendo-se na falha.

Bruscamente, o rosto convulsionou-se-lhe numa espantosa agitação.

— E' a minha! — disse, offegante. — Reconheço-a... Ah! Eu não estava enganado!

Poz-se em pé, terrivel, como disposto a saltar. Apoiou os punhos na mesa, e gritou:

— Essa voz... a minha cigarreira... Tenho a certeza! O senhor é o meu carrasco... E' o investigador da Lubianka!

A estas palavras, todo o salão pareceu estremecer... porque o cego acabava de citar a "Tcheka" moscovita.

Anuka e Vera tinham-se afastado bruscamente de Arkadine, e todos os olhos estavam fitos nelle com um odio demente... subito e terrivel.

Elle quiz rir com arrogancia, com indifferença. Mas ao dirigir o olhar para o cego, ao ver a certeza que se lia naquelle rosto sem luz comprehendeu que tudo se acabára.

Atravessou o salão a cambalear, com a espinha curvada. Ao transpôr o humbral encontrou-se com o cordomo e sorriu-lhe machinalmente. Mas o colosso ergueu os punhos ameaçadores, enormes, dizendo-lhe, em tom terrivel:

— Se tornas a pôr aqui os pés, juro por todos os santos que te esmagarei como a um insecto!

Arjadine deslisou para fóra, perdendo-se na noite.

MARIA ROSA

ESTAVA exhausta. Sentia contracções violentas nas entranhas. A vista ia-lhe, pouco a pouco, tornando turva. Quanto tormento, depois da partida de Aracy, que deixára com o esposo e o filho recem-nascido, para alcançar a turba de fanáticos!

As caminhadas longas em demanda do amago do sertão a terra promettida que se lhe afigurava então cada vez mais distante; e seus pés em carne viva, que iam deixando a cada passo, nas interminaveis estradas, manchas negrejantes de sangue; e carregando, com uma lamuria, em seus braços quasi paralyzados, o pequenino filho; e, de permeio, accorrendo, aqui e além, companheiras de éxodo que, exanimes, se quedavam, estendidas naquelle solo bruxoleante; e a hostilidade das caatingas, em cujos estreitissimos claros, era, não raro, obrigada a refugiar-se das vistas do inimigo! Que horror!

E um dia, quando pensava os feridos na retaguarda, onde se mantinham os homens para garantir a fuga, encontrou o seu querido Pedro já sem vida. A visão tôra-lhe cruel; porém a morte de seu marido, parece, viéra-lhe, como um anteparo, a sua já tão intensa fé no Senhor Bom Jesus, augmentar.

No unico compartimento daquella casinha de paredes transparentes, sentada num caixão, Maria Rosa mal podia lobrigar o filhinho que, deitado no chão, aos seus pés, sobre os frangalhos de uma esteira, ardia em febre. Pobre mulher!

Grossos fios de lagrimas escorriam-lhe pela face. Relanceou em volta um olhar, levantou-se e dirigiu-se a um canto onde se achavam algumas pequenas latas vazias, ás quaes, nos momentos de paroxysmo, já havia recorrido por varias vezes. Abriu-as outra vez, pensando num milagre. Nada. Tudo vazio. Nem um pouco de farinha, nem uma gotta de agua com que resarcir o alento do filhinho que,, ha quantos dias, não tomava, como ella, alimento algum. Automaticamente, dirigiu-se á porta da cabana, abriu-a e, como um relampago, despertou-a do marasmo em que até então permanecia, a fuzilaria da tropa atacante que assediava já a cidadella de Canudos. E os sertanejos, cuja fé se solidificava á medida que os companheiros iam sendo abatidos, faziam heroica e derradeira contra offensiva.

(Cont. na pag. seguinte)

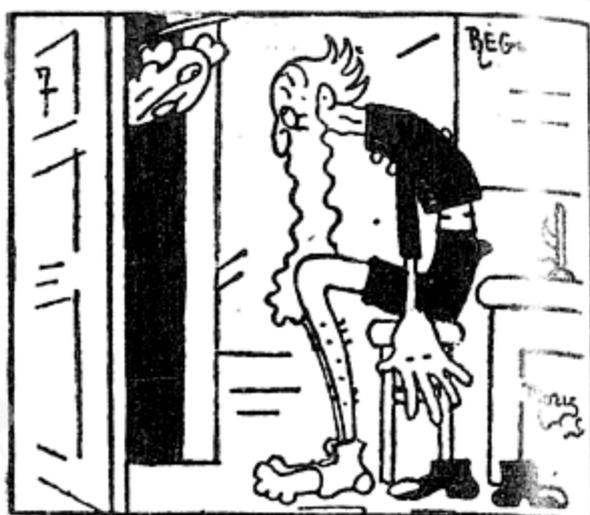
POEMA DO MEU CORAÇÃO

(A minha Mãe)

VÓS, que eu não comprehendo ainda e que, no emtanto, tendes sido tudo na minha vida; vós, que fazeis da vossa maior alegria um sorriso para os meus labios e da vossa infinita tristeza uma cegueira para os meus olhos; vós, que choraes quando eu chóro e que sorrides quando estou contente; vós, que adivinhaes o que meus olhos dizem e o que sente meu coração; vós, que transformaes em pérolas as lagrimas que deslizam pelo meu rosto; vós, que reunis na vossa magestosa figura de Mulher todas essas virtudes que eu bem procuro comprehender e que, entretanto, distinguir não sei; vós, — oh! creatura unica na vida! — vós vos chamaes triste e simplesmente — Mãe!

GUSTAVO STUART

(Da Associação Campineira de Imprensa).

O pequeno servente do consultorio medico, quando um cliente entra para falar ao telephone...

E quando o mesmo cliente sáe...

MARIA ROSA — (conclusão)

Maria Rosa, como que movimentada por uma força estranha, tornou a entrar na cabana, ajoelhou-se deante do filho, beijou-o e sahiu como louca, a correr.

Antes, quando em Aracy, era disputada pelos guapos rapazes das cercanias, devia ter sido bella. Agora, embora a penuria lhe tivesse roubado a saúde inabalavel de que gozava, quem sabe os traços que causavam contendas entre os sertanejos de sua terra, não haviam de todo desapparecido. Depois, tinha ainda a estuar-lhe nas veias o sangue tropical, que seria uma attracção...

E, pensando assim, atravessou uns atalhos reconditos que conhecia, transpôz, sem deixar de beber, as minguadas e sangrentas aguas do Vasa-Baris e foi ter á retaguarda das tropas atacantes. Subiu uma pequena elevação e divisou, em baixo, á sombra minguada de um ingazeiro, um soldado que descansava. Dirigiu-se a elle que, vendo-a, foi como se visse um phantasma. Offereceu-se-lhe ao sacrificio e elle, os olhos fuzilando, agarrou-a e ambos rolaram juntos, pela pequena encosta. Depois do primeiro, como féras famintas, sentindo, de longe, as narinas dilatadas, a presença da presa, muitos outros se acercaram, submettendo, aos seus prazeres incontidos, a pobre mulher. Anoitecia. O cansaço tentava apoderar-se com as suas possantes garras, de Maria Rosa, mas esta reagia, pensando no seu pobre filhinho, e sobrevivia.

Quando ella escapou das garras de seus algozes, com uma porção de rapadura e outra de farinha ás mãos, já a lua andava a dançar, lá em cima, no firmamento estrellado.

Honra! Para que serve esse adereço? Ao menos agora poderia vêr, como outra hora, o sorriso fagueiro do pequenino ser que, lá na cabana, deixará sozinho! Levava comsigo o necessario para o vitalizar...

Ao atravessar, porém, de volta, o Vasa-Baris, foi surprehendida por uma gritaria ensurdecedora. Era a tropa do governo que, abatendo o ultimo reducto, tinha penetrado em Canudos e já começava a incendiar as primeiras casas.

Maria Rosa desatou a correr, por entre a soldadesca em furia. Cegos do terror que lhes inspiravam os sertanejos, já vencidos, com pressa de terminar aquella horrivel tragedia, os soldados nem a divisavam.

Ao aproximar-se do seu relicario, notou que lá dentro, havia alguem. Esperou, fóra uns momentos. Viu, então, de lá sahirem diversos soldados. Com a sahida destes, entrou no casebre. Tacteou, anhelante, o local onde deixára o filhinho. Não percebeu nada, nem a esteira velha que servia para suavizar a dureza do chão. Pôz-se a gatinhar, tentando encontrar, cheirando e com as mãos, o fructo do seu amor. Nada. Levantou-se, lembrando que trazia comsigo, dos soldados, uma caixa de phosphoros. Foi buscál-a. Accendeu um. O ambiente ficou illuminado e ella viu então a um canto, esmagada, sujo de sangue e de poeira, o pequenino ser que era a razão maxima da sua vida. Ajoelhou-se ante elle e, tentando pela última vez beijál-o dobrou-se sobre os joelhos, encostou os labios na face sangrenta da criança e quedou-se, alli junto a ella, para sempre.

LAURO DE OLIVEIRA

UMA ONDULAÇÃO PERMANENTE DA CASA ERITIS

OBJECTOS DE TOILETTE

VAPORISADORES, Arminhos para pó de arroz, Limas para unhas, Pinças para corrigir sobrancelhas, Travessas para cabellos, Pentes de alizar para homens e senhoras.

COM UMA ONDULAÇÃO PERMANENTE

feita na CASA ERITIS por processo novo e aperfeiçoado, V. Exa. poderá obter um penteado com ondulações largas e naturaes semelhantes as das gravuras.

Pelo nosso systema os cabellos conservam o brilho e a côr natural e garantimos os mesmos resultados nos cabellos PINTADOS ou DESCOLORADOS com agua oxygenada. Fazemos experiencias gratis

CASA ERITIS

TINTURAS DE CABELLOS

Applicações de Henne e Tinturas em todas as côres, inclusive o BLOND PLATINE

ONDULAÇÕES MARCEL

Mise-en-plis

ESPECIALIDADE EM CORTES DE CABELLOS PARA SENHORAS E CRIANÇAS

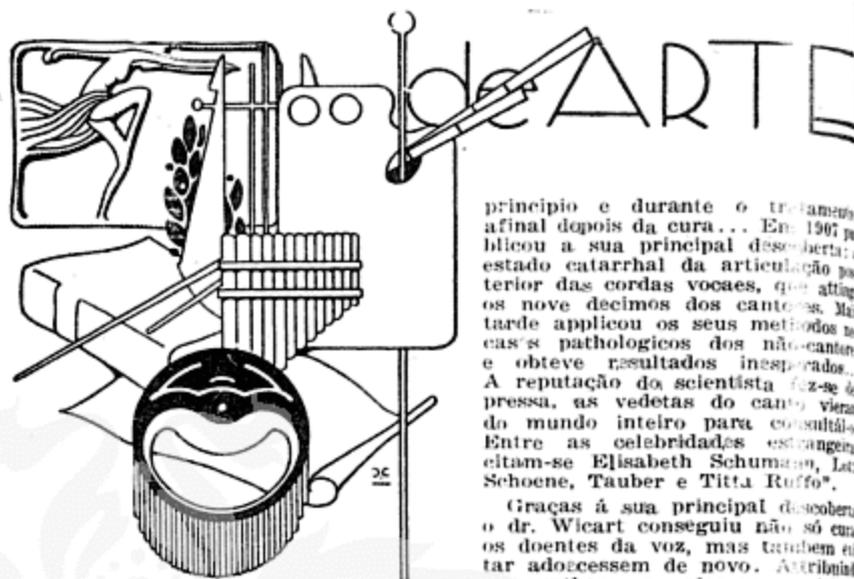
MANICURES

Especialidade da CASA ERITIS

8 perfeitas manicures para senhoras

MASSAGENS

A CASA ERITIS É A MAIS ANTIGA E A MAIS IMPORTANTE CASA DO RIO, NO GENERO

Notas de ARTE

A ARTE DO CANTO. — Unico vivo, é a voz humana, o mais nobre dos instrumentos musicaes. Nenhum tem alma a não ser elle. A alma dos outros não lhes pertence, mas aos instrumentistas. Entretanto, não é raro que instrumentistas da voz deixem de corresponder á nobreza, á primazia do seu instrumento, e que os outros, os instrumentos sem vida o vençam nos torneios musicaes, revelando terem mais vida que o instrumento vivo. Qual a razão principal do triumpho, admittida a equivalencia no valor natural dos instrumentistas? Sabem-no todos os mestres da arte lyrica: é a falta de cultura racional, de cultura scientifica da voz. Vozes, bôas vozes, mesmo vozes raras, encontram-se hoje, como se encontravam hontem; mas a technica correspondente é quasi sempre incompleta, ou nulla. Na sua maioria os cantores, os cantores profissionaes, fazem questão sobretudo da voz, e não da arte da voz. E fazer questão da voz é para elles poder cantar com força, com excepcional intensidade, de modo a arrancar os applausos da multidão embasbacada. E' o que levou certa vez um critico musical, Armand Gouzien, citado no grande pequeno livro de Mme. J. Meyerheim — *A arte do canto technico* — a este exaggerado conceito, a esta *boutade*, a este repente, quando em sua presença se recusara cantar um artista allegando não ter voz: "Tanto melhor, diz o critico; é signal de que sabeis cantar. Eu desconfio muito dos que têm voz!..."

Vieram-nos á mente essas divagações, ao ler a noticia do recente Congresso Nacional de Canto, reunido em Paris, sob a presidencia de Thomaz Salignac, apontado como excellente actor e cantor.

Composto de cantores, professores, medicos, laryngologistas, compositores e criticos, o C. N. C. ouviu e discutiu varias memorias, entre as quaes se distinguiram as dos tres doutores em medicina: Wicart, Labarraque e Balland.

Occuparam-se os dois ultimos, respectivamente, da hygiene da voz nas diversas idades da vida, e do desenvolvimento thoracico em relação com a arte do canto.

Das tres memorias a que a todas superou, segundo o breve relato que vimos de ler, foi a do dr. Wicart sobre — *A emissão physiologica*, assumpto de que o congressista já tratára num livro considerado notavel e intitulado — *O Cantor*, onde o "Doutor Milagre" — é assim que lhe chamam nos meios theatraes pelas curas excepcionaes que tem operado — reuniu 30 annos de investigações, durante os quaes perscrutou os órgãos vocaes em 180.000 consultas.

"Quando o scientista—diz o resumo que temos á vista — havia examinado as cordas vocaes de um artista, ia ouvil-o no theatro, no concerto. Estudava desse modo a relação existente entre o aspecto externo e o resultado sonoro do orgão. Isso no principio e durante o tratamento, afinal depois da cura... Em 1907 publicou a sua principal descoberta: o estado catarrhal da articulação posterior das cordas vocaes, que attinge os nove decimos dos cantores. Mais tarde applicou os seus methodos nos casos pathologicos dos não-cantores e obteve resultados inesperados... A reputação do scientista fez-se depressa, as vedetas do canto vieram do mundo inteiro para consultál-o. Entre as celebridades estrangeiras citam-se Elisabeth Schumann, Lotte Schoene, Tauber e Titta Ruffo".

O joven e festejado maestro Eça de Oliveira Gomes realizou, no dia 18 de março, nesta capital, um recital de violino, no qual apresentou á platéa que o foi ouvir e applaudir, interpretações de Schubert, Sarasate, Wienansky e outros mestres da grande arte

Graças á sua principal descoberta, o dr. Wicart conseguiu não só curar os doentes da voz, mas tambem evitar adoecessem de novo. Attribuindo em synthese os males vocaes á emissão pathologica, definiu, caracterizou precisamente a emissão physiologica.

"Sem entrar em minucias — diz ainda a noticia a que nos referimos — eis o que caracteriza a *emissão physiologica*. *A tomada de som* (*prise de son*) necessita a aproximação facil das cordas vocaes. O estado catarrhal descoberto pelo scientista impede esse movimento e o cantor contrae a glotte para corrigir o defeito, donde modificação do timbre, fadiga das cordas e, por abuso prolongado, alteração, até perda da voz. Mantendo a lingua em posição horizontal, e se preciso fôr, estendendo-a fóra da bocca, toda contracção da glotte torna-se impossivel e ao mesmo tempo todo truque. O alumno, o professor descobre logo a carencia do orgão e evita o forçamento (*forçage*), algoz das mais bellas vozes. De resto, a emissão com a lingua estirada assegura uma posição elevada do larynge. Dahi resulta que o pharynge, largamente dilatado, deixa passar com facilidade o som que vem tocar a abobada palatina. Esta e, por sympathia os seios da face, entram em vibração. E' o que se chamam as *resonnancias* (ou harmonicos), tão uteis á qualidade do timbre, ao alcance da voz. A emissão physiologica despista logo todos os defeitos vocaes, os truques conscientes ou não e permitte um arrastamento de base (*entrainement de* base) sem nenhum perigo para o orgão."

Pela *emissão physiologica* exposta e demonstrada com o canto de Mlle. Hédouin, da Opera de Paris, provou o dr. Wicart não haver operas incantaveis, quando os compositores sabem escrevel-as, e dirigil-as os regentes. No seu recente e substancioso artigo — *A crise moderna de canto se restaurará pela sciencia* — cita a proposito o autor de *Le Chanteur*, as operas de Wagner e *Pélléas et Mélisandre*, de Debussy. "Esses dois genios da

musica, ...reve o dr. Wicart, eram sabios n... technica vocal e os seus conhecim...tos nesse ponto em nada lhes obs...eceram o esplendor musical. Sem duvida, recorrem elles a quasi tod... a escala vocal, para della tirar gr...ativamente os mais apropriados ...entos; mas não lhe ignoram nem os pontos fracos, nem os pontos v...rosos, para, em consequencia, dosa... a acção da orchestra, e permittir o ...deroso effeito intellectual e auditiv... da articulação verbal. Não é culpa ...les se, ás vezes, os regentes levar... os instrumentos da orchestra a de...uirem os instrumentos vocaes... os regentes instruidos souberem obter, nas passagens mais sonoras, uma synthese harmoniosa dos instr...mentos e das vozes synthese na qu... as vozes guardarão sempre uma ...erta preponderancia, a arte do comp...sitor completo será plenamente e...pressa, já que quiz a presença dos cantores em proeminencia no tablado (?). A arte do proprio cantor poderá desenvolver-se, visto como, longe de ser extincta, brilhará nas suas formas novas de expressão, se puder escapar a essa antiga obrigação de triumphar pelas notas extremas do agudo a pela forte sonoridade..."

ENTERRO — Que faz ahi, vizinho?

— Estamos enterrando nossa *voiturette*. Foi esmagada por um automovel...

"Uma voz sã, scientificamente sã — são ainda palavras do dr. Wicart — desdobra-se, com facilidade e extensão, por toda uma escala vocal de mais de duas oitavas se fôr trabalhada no sentido da *emissão physiologica*, que descrevi e demonstrei no C. N. C. Pois essa emissão dá o maximo de rendimento com o minimo de esforço e facilita além disso a evolução e o colorido da voz em toda a sua extensão. Essa emissão porque reclama um funccionamento flexivel e natural dos orgãos vocaes em todo o percurso da escala, não póde por isso mesmo convergir á fadiga, nem pelo agudo, nem pelo medio, nem pelo grave; deixa essa flexibilidade de acção, uma latitude á mais expressiva articulação, meio justamente procurado por numerosos compositores modernos para intellectualizar o canto. Vejo assim para amanhã a aurora de uma arte nova do canto que desabrochará nas proprias asas da inspiração musical, quando esta elevar-se partindo de bases solidas e naturaes, na especie, de conhecimentos technicos, de principios scientificos."

Sem autoridade technica para aconselhar, mas animado de sincero devotamento á Arte, á arte no sentido integral do termo, pensamos não ser importuno chamando a attenção dos amadores e profissionaes, de leigos e scientes — que porventura ainda não a conheçam — para a obra do dr. Wicart, que nos parece confirmar experimentalmente, systematicamente, o que tem ensinado intuitivamente, empiricamente, grandes mestres da arte lyrica.

Que a lição moderna do dr. Wicart, tornando agora mais moderna pelo recente Congresso Nacional de Canto, seja seguida com efficacia pelas grandes ou pequenas vocações lyricas, para gozo espiritual de ouvintes e cantores e para gloria maior da mais viva, mais poderosa, mais emocional de todas as manifestações da arte — o canto — é o que apenas temos em vista vulgarizando aquella lição através desta resumissima Nota.

OSCAR D'ALVA

— Quantos annos tens?

— Menos dois.

— Menos dois?

— Sim, senhora. Quando eu nasci, mamãe tinha 26, e como agora ella tem 24...

BAZAR DE AMOR

(Das cartas de amôr)

A carta de amôr é uma carta de fiança de valor espiritual incalculavel, tendo por fiador idoneo o coração que ama...

* * *

O amôr é a grammatica que estabelece normas para se escrever bem e correctamente uma carta amorosa...

* * *

A troca de correspondencia amorosa é um verdadeiro namoro das almas...

* * *

O amôr que escreve cartas é mais sentimental do que o amôr que marca entrevistas...

Quem não amar verdadeiramente não deverá escrever cartas de amôr...

* * *

A melhor carta de amôr será aquella que fôr tão carinhosa como um terno olhar ou como um beijo...

* * *

As entrelinhas de uma carta de amôr são destinadas a dizer sempre mais do que dizem as linhas escriptas...

* * *

As cartas de amôr devem ser ternas e não eloquentes, que a ternura será sempre a melhor eloquencia dellas...

* * *

Uma carta de amôr com outra carta de amôr se paga...

* * *

O principal das cartas de amôr é serem amorosas...

* * *

Uma carta de amôr será dolorosa apenas quando falar de tudo menos de amôr...

* * *

Para a collocação certa de um pronome numa carta de amôr deverá sempre ser consultado o coração e jamais a grammatica...

* * *

As cartas de amôr que não forem tagarellas, expansivas e barulhentas, obrigar-nos-ão a fazer mau juizo da sinceridade do amôr de quem as escreveu. O silencio é a alma do amôr, mas não o é das cartas de amôr...

* * *

A ansiedade com a qual se espera uma carta de amôr é a menos dolorosa ansiedade do amôr...

* * *

A carta de amôr que se espera e que não chega commove sempre mais do que aquella que chega...

* * *

As cartas de amôr terão que ser dictadas pelo coração, e com o coração lidas...

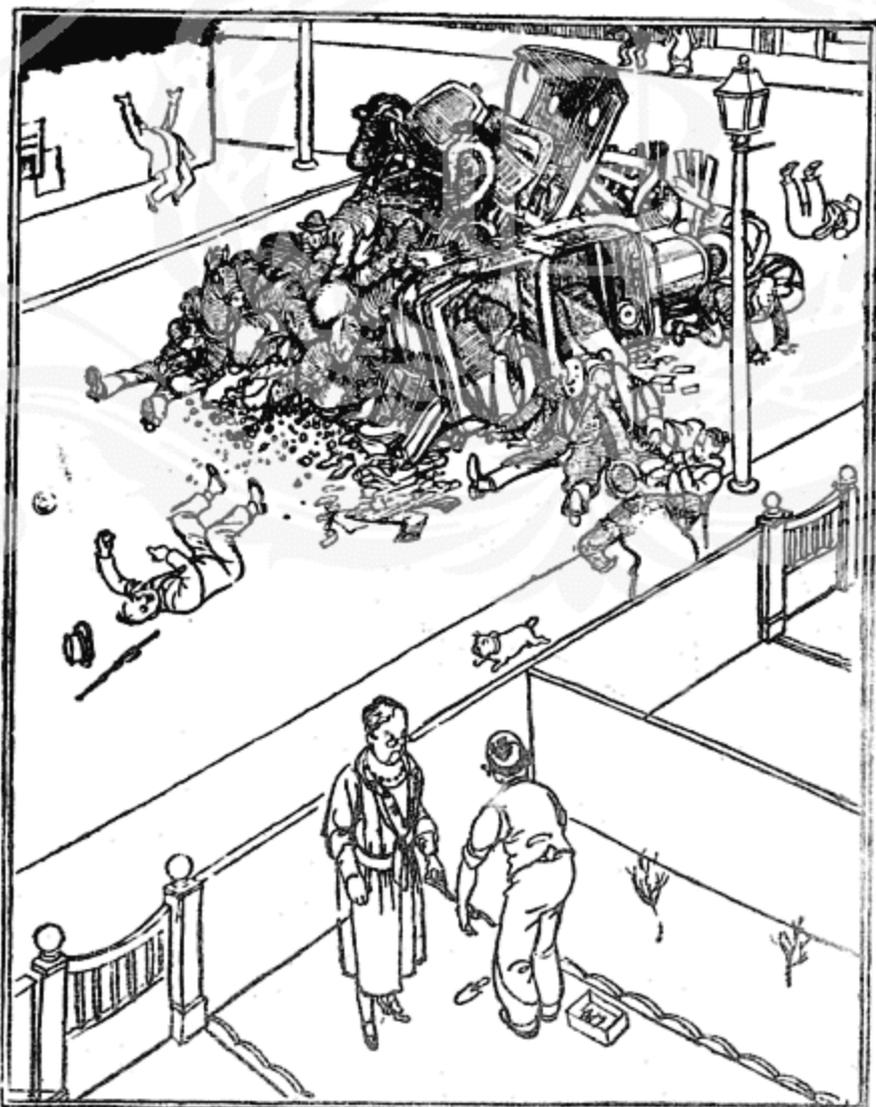
* * *

Um feixe de cartas de amôr em occasião alguma será um maço de papeis inuteis.

* * *

O fim de cada carta de amôr precisa superar em ternura toda a carta...

* * *

A ironia é o maior defeito das cartas de amôr. Quem escrever uma carta de amôr ironica deverá

FORÇA DE HABITO — Vamos ver, Roberto, si continúas com o teu trabalho e não te distráes, como sempre, com as insignificancias que occorrem na rua!

De Mauro de Andrade

queimal... antes de enviál-a ao seu destino...

* * *

A esp... ie de pontuação que necessita ... collocada nas cartas de amôr c... mais habilidade e com mais co... nho, são as reticencias...

* * *

Não será derramando no vazio do papel phrases ternas sobre phrases ternas que se escreverá carinhosamente uma carta de amôr, mas sim impregnando essas phrases de tanta ternura e de tanta sensibilidade, que essa sensibilidade e essa ternura saltem aos olhos e ao coração daquelles que estão destinadas a lêl-as..

* * *

Cada carta de amôr deverá trazer, após o seu ponto final, a vontade de relêl-a...

Oswaldo Teixeira e sua arte

E' um principe na pintura nacional, Oswaldo Teixeira. Penetrando-se em um recinto onde se encontrem télas suas, sente-se qualquer coisa de nobre de elevado, de puro, de sublime, no ambiente, qualquer coisa que, de poetica nos seduz e enleva e nos faz contrictos...

Na luz, na côr, no sentimento que se nota em tudo, Oswaldo Teixeira— que tambem é um *gentleman* — é artista, um grande artista.

A sua recente mostra de arte na Associação dos Artistas Brasileiros, provou os conceitos acima expandidos. Mas, como na pintura ha sempre uma especialidade do pintor, em Oswaldo notase a sua tendencia accentuada para *natureza morta* e para *retratos*, o que, porém não lhe desmerece a paizagem.

Acham alguns que o nosso artista se prejudica pe... minucia. Entretanto, ... é-se que certas subtil... na pintura de Oswal... são espontaneas e não ... ocuradas propositada... ente. São pequenos ... que o artista, com ... larga visão, reprodu... sem buscál-os...

Co... essa exposição, ...tinúa de parabens ... Associação dos Artis... Brasileiros e a pintur... nacional.

Pe... AULO FARIA ROCHA

BISCOITOS
AYMORÉ
MARCA REGISTRADA
LEVES
SABOROSOS
NUTRITIVOS
FAÇA SUA ESCOLHA DO SORTIMENTO ABAIXO:
AGUA
ALPHABETO
CARIOCA
CHAMPAGNE
CHA' RICO
CHOCOLATE
CHOCOLATE-CREME
COCO
COMBINAÇÃO
CREAM CRACKERS
DIGESTIVOS
GINGER NUT
INDIGENAS
LEITE
LUZITANOS
MAIZENA
MARIE
MEL
PEROLAS
PETIT-BEURRE
SORTIDOS
THE' DANSANT
TRIGO E ARARUTA
31
ZOOLOGICOS

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 13

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 31 de Março de 1934

MULHER

O episodio é napolitano e passou-se com Afranio Peixoto em frente ás ruinas do antigo Palazzo Dona Anna, na estrada de Posilippo.

Andava o nosso escriptor em peregrinação com o seu incomparavel espirito de curiosidade intellectual, vendo as coisas pelas duas faces, que apresentam: uma accessivel a toda gente; outra só visivel a poucos, com o sentido occulto da intelligencia e da arte.

Naquellas paragens, conta Afranio Peixoto, a sua lembrança evocava a doce heroina de Lamartine e fazia-o "ver" nas raparigas a imagem de Graziella.

— Um vintem para comer!

O autor de "Fructa do Matto" olhou a pedinte.

"Nunca vira mendiga mais linda", rindo com os miudos dentinhos brancos, que lhe aljofravam a rosa fresca da bôcca."

Deu-lhe uma moeda maior. E continuou o seu passeio, encantado, num embevecimento, que Napoles justifica.

De retorno, vae-lhe ao encontro a rapariga, com os cabellos lindamente penteados, tendo preso a elles um cravo encarnado.

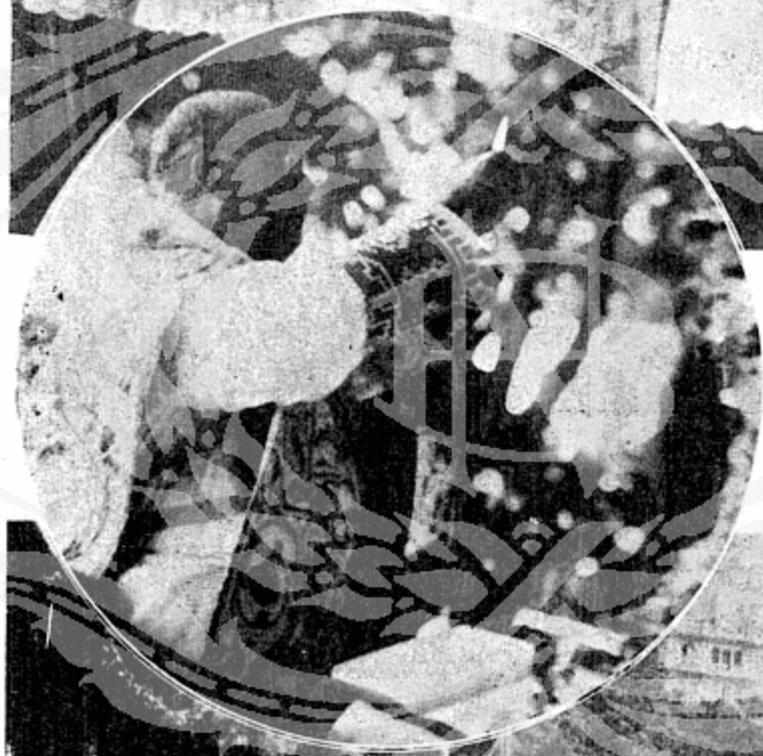
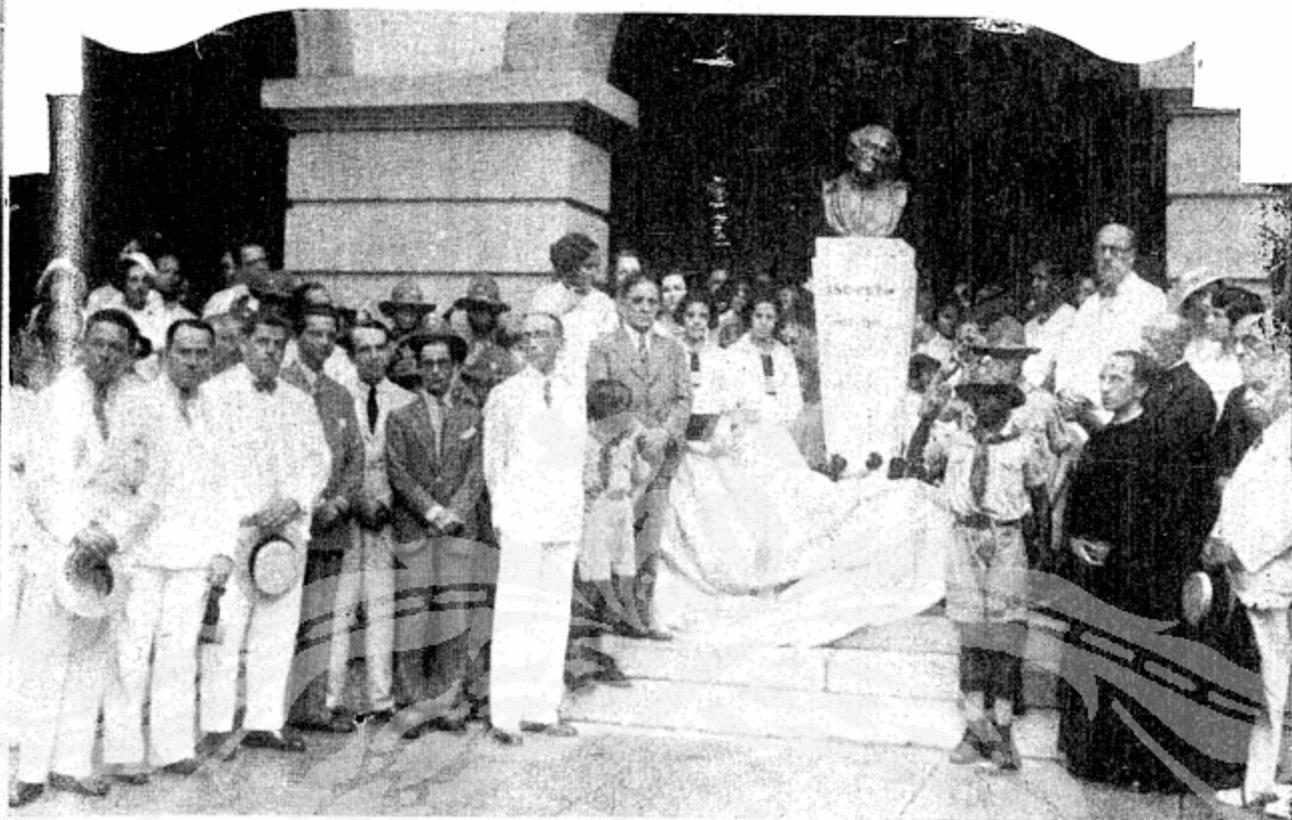
"Assim tratada, a face era uma maravilha. O mais, o busto em flor, a mulher que já se presentia, continuavam sob os andrajos e sobre os pés sujos, descalços, que pisavam a lama da sargeta."

* * *

A pobrezinha era mulher. Pedira um vintem para comer. O escriptor condoêra-se. Déra mais.

Com as sobras ella fôra a uma penteadeira e comprára aquelle cravo.

Afranio Peixoto ainda hoje ha-de sentir que nunca viu o seu dinheiro tão bem empregado...

POVINA CAVALCANTI

José de Anchieta, o apostolo do Brasil, cuj figura excelsa ha quatro séculos illumina nossa terra com os seus exemplos de abnega-ção e de altruismo, foi expressivamente evoca nesta capital, por occasião do quarto cente-nario de seu nascimento, a 19 do mez corrente. Entre as commemorações da grande data an-chietana, figurou a missa campal celebrad na esplanada do Russell, pelo cardeal-arcebisp d. Sebastião Leme, e que teve o aspecto de uma verdadeira consagração publica á memo-ria do eminente evangelizador.

Por iniciativa de uma commissão de professores catholicos, a que os illustres drs. Anisio Teixeira e Lourenço Filho deram inteiro apoio, foi inaugurado, no pateo interno do Instituto de Educação, na tarde de 19 do corrente, o busto do grande educador padre José de Anchieta, sobre cuja obra admiravel se manifestaram, em expressivos discursos, os professores Afranio Peixoto e Jonathas Serrano, oradores da solennidade.

UM ETERNO OPPOSICIONISTA

O Fagundes é dos melhores amigos que Deus me deu. Empresta-me livros bons. Não me pede dinheiro. Não pensa em casamento. Aconselha-me a que continúe solteiro. Diz-se honrado com a amizade que lhe dedico e possúe a sinceridade de escalpellar quanto de mal me saia da penna desaparada. Ao par disso tem uma phobia visceral aos governos. Desde os seus dez annos de idade, no tempo do marechal Hermes, que o Fagundes é opposicionista incondicional, de profissão, embora disso não lhe advenha um unico real. Não ha dirigente que sirva, nem administração que preste. Louvo-lhe, principalmente, a independencia de opinião. Recusou trez empregos publicos para continuar blaterando contra os governantes. O ostracismo politico a que se devotou desde 1910 fál-o mais corado do que devêra, nos ataques de revolta de sua consciencia idealista. Um grande amigo...

Pois foi o Fagundes quem, hontem, entrou portas a dentro de meu quarto, trazendo nos grandes braços um eterno gesto de incontido protesto. Antes que nos saudassemos, desfiou elle, colérico, o seu eternamente longo rosario de imprecações contra o governo. Estava a ser demittido um velho funccionario da Central, com quarenta e dois annos de serviço. Um bom e exemplar funccionario! Jamais déra um desfalque, nem soffrêra qualquer admoestação. Honrado e inatacavel, o Souza Pinto! E por que? E elle mesmo respondia. Por uma tolice. Isso só no Brasil! Interessei-me pelo caso. Pedi-lhe explicações. E elle, muito sério, concluiu:

— Tudo isso porque o desgraçado levou duas rodas de um trem de suburbio para fazer um yoyô...

E, revoltado contra aquella «injustiça»:

— De um trem de suburbio, imagine! Se ainda fôsse do Cruzeiro do Sul!... Não, meu amigo, esse Brasil está mesmo perdido...

E sahiu, sorrindo...

Nelson de Souza Carneiro

No Instituto Historico e Geographico Brasileiro o quarto centenario de Anchieta foi commemorado com a cerimonia de encerramento da série de conferencias anchietanas que ali se vinham realizando, ouvindo-se, então, a palavra do eminente orador sacro padre Leonel Franca, que a photographia apresenta na tribuna, quando desenvolvia o thema de sua palestra sobre o apostolo do Brasil. Vê-se, tambem, no «cliché», a mesa que presidiu á solennidade.

Alto-Falant

Neves Manta é um nome que, de ha muito, está firmado entre nós — sob um duplo aspecto: como escriptor e como psychiatra. Possûe, consequentemente, uma personalidade marcada. Numerosa é já a sua bagagem literaria, que reúne uma série de livros em que são defendidos, brilhantemente, modernas théses de psychopathia. Entre essas é justo destacar «A Arte e a Neurose de João do Rio», que é, indiscutivelmente, um trabalho que se notabiliza pelo valor literario e scientifico. «A Arte e a Neurose de João do Rio», — onde é estudada a individualidade e a obra mental de Paulo Barreto, em face da psychiatria — produziu, quando do seu apparecimento, uma grande celeuma nos meios cultos do paiz. Dahi o seu successo de livraria e o motivo por que apparece numa primorosa 2.ª edição de Marisa-Editora.

— TUDO obra da fatalidade... Tudo...

— Da fatalidade? Pobre fatalidade, sempre invocada para justificar a nossa volubilidade, as nossas fraquezas, os nossos erros, as nossas desillusões!

— Mas, meu amigo, não se trata de nada disso. Entre nós, o que ha é apenas a impiedade mesma do destino. E' doloroso o que se dá. Mas era fatal...

— Antes, quando nos encontramos, um dia, numa das esquinas da nossa vida, você — lembra-se? — me disse, a principio, que não era possivel o nosso amor e pediu-me que a esquecesse...

— Sim. Foi isso mesmo. Mas você não esqueceu e insistiu...

— Insisti, sim. E, pouco depois, era você quem vinha para mim para dizer-me entre lagrimas: "Não posso mais lutar contra o meu coração. Confio-o a ti. O destino assim o quer, o destino que nos aproximou e, agora, nos liga para sempre!"

— O destino... A fatalidade... A incoercivel, inelutavel fatalidade do amor...

— E trocámos, então, o nosso beijo nupcial, o beijo ardente e louco com que sellavamos o nosso pacto de amor e de felicidade...

— Sim, querido. E tudo, em derredor de nós, parecia festejar aquella linda tarde azul... A tarde azul do nosso amor...

— Que se repetiu tantas vezes, tantas...

— Até ensombrar-se e encher-se de melancolia...

J. Didier Filho vem de enriquecer a nossa literatura infantil com a publicação de «Garotadas», um livro bastante interesante, com uma versão musical de L. Didier, e destinado «á turma do barulho», conforme assignala o autor antes de começar o texto do volume, cujo successo está de antemão assegurado.

— Sombra e melancolia creadas pela sua volubilidade...

— Volubilidade?

— E que outra coisa é o que você agora faz, propondo esta separação?

— Desencanto... Desillusão da vida, do amor, da felicidade, de tudo...

— Faltou-lhe, um dia, o meu amor? Deixei, algum dia, de tudo fazer para sentil-a feliz junto de mim?

— Não! Não... Perdôe-me. Prefiro não falar...

— Mas, minha pobre filha, vejo, sinto que você soffre... Não chore, não... Venha cá. Diga-me, com absoluta franqueza, porque é que deseja esta separação, proposta tão brusca, intempestivamente...

— Sim... Vou dizer-lhe: é p[...] que não quero nunca passar p[...] decepção de me ver abandon[...] por você... Conheço, hoje, s[...] pensamento, seu verdadeiro pen[...] mento sobre o amor... E, an[...] que você me diga o seu adeus, [...] go-lhe eu o meu!...

— Mas, filhinha, você está lo[...] ca! Que é que penso sobre o amo[...] senão que elle existe para mi[...] porque a amo e supponha e[...] amado?...

— E isto?

— Isto, que?

— Isto que você escreveu e q[...] fui encontrar no meio de seus p[...] peis: "Nossas almas são um co[...] tinuo amor e um continuo adeus"

— Mas, queridinha, além de n[...] ser minha, essa phrase, linda, alé[...] de um escriptor inglez, é profund[...] mente sincera no seu conceito. Po[...] que tudo, na vida, é amor e é sa[...] dade, e é adeus, quando esse amo[...] nos falta... Como agora está acon[...] tecendo...

— Não, querido, não. Não es[...] acontecendo nada. Creio em vo[...] e no seu amor... Mas, o adeu[...] quando virá?

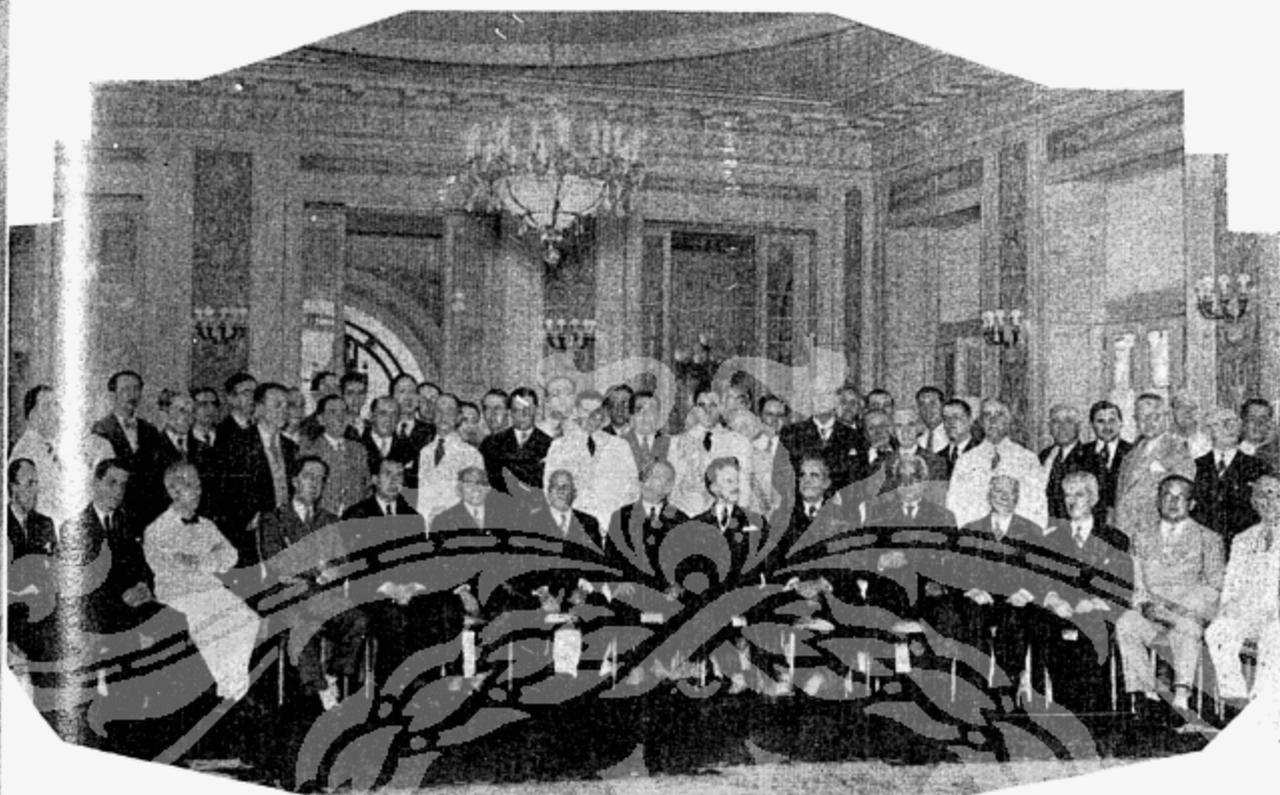
— Quando meus olhos se fech[...] rem para o somno da eternidade.

— E os meus tambem, não [...]

— Talvez...

— Máu!

MAX LINDE[...]

O joven Geraldo Xenocrates Barre[...] de Almeida, que acaba de conclui[r] com brilho, o seu curso de perito contador na Academia Sy[...]io Leit[...]

Ao ministro Octavio Kelly, por motivo de sua nomeação para o Supremo Tribunal Federal, foi offerecido um almoço, no último sabbado, no Automovel Club do Brasil. Promoveram essa homenagem ao antigo magistrado e illustre figura da nossa sociedade varios amigos e collegas do dr. Octavio Kelly, que quizeram assim festejar o recente acto do governo da Republica premiando o mérito e a integridade de um dos vultos mais dignos do nosso mundo juridico. A essa manifestação de apreço ao ministro Kelly associaram-se as altas autoridades e innumeras pessôas gradas. O grupo do «cliché» focaliza os principaes convivas do ágape, vendo-se ao centro o homenageado.

VIAJAR ...

Adeus. Um lenço agitando-se entre uns dedos nervosos. Inquietação. Gaivotas brancas voando sobre a esmeralda liquida. O mar tão lindo... O sol, lá do alto, derrama poemas de ouro. Poemas de ouro em pó.

* * *

Verde. O mar tão lindo... Adeus! Agitam-se os braços freneticos da multidão, em de rio, junto ao cáes. O navio, como um sonho, vae fluctuando sobre as aguas verdes. A perder-se no verde mar tão lindo, o navio lá se vae... Azul...

O illustre diplomata boliviano dr. David Alvestegui, que exercia, nesta capital, as altas funções de ministro plenipotenciario de seu paiz junto ao governo brasileiro, e acaba de ser nomeado chanceller da Bolivia, visitando a séde da Associação Brasileira de Imprensa, onde foi recebido pelos drs. Herbert Moses e Borja Reis, presidente e secretario da A. B. I. S. ex. foi ali despedir-se dos jornalistas brasileiros, para quem teve palavras de expressiva sympathia.

O céo tão lindo... O céo azul. Nuvens não ha. Em procura do céo, o navio lá se vae.

* * *

Viajar... Ha uma volupia de abysmos nas grandes travessias oceanicas. Deante do navio, o mundo das coisas maravilhosas e ineditas.

Viajar...

Egypto, com os seus camellos pensativos...

India, com o seu Tagore..

Grecia, com a "Apologia de Socrates" e as lindas flôres do jardim de Athenas...

PAULO FREITAS

Trepações

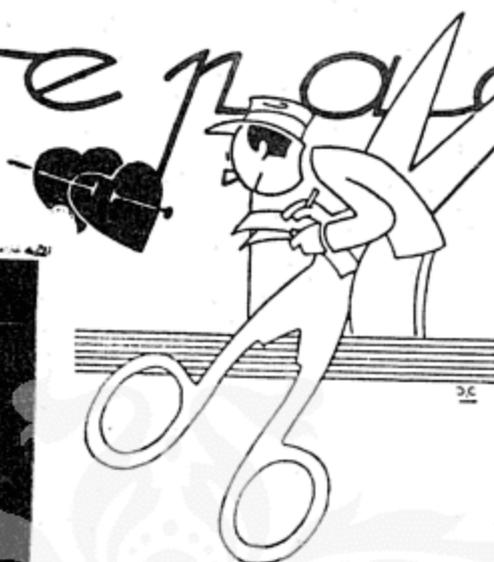
Glycia, filhinha do sr. Olbiono de Mello e de d. Laura Ferreira de Mello, residentes em Minas Geraes.

HA manias mais perigosas... Entretanto, a do illustre bacharel não deixa de ser incommoda, reveladora que é de um estado psychico digno de attenção de especialistas na cura de certas anormalidades... Roupinha esticada, chapéu pachóla cahindo sobre os olhos, flôr na lápela, olhos amortecidos por uma falsa myopia, e o boneco já entrado em annos é encontrado todas as tardes, ali no ponto dos bondes da Jardim Botanico, pavoneando a sua importancia, atropelando tudo quanto é mulher ou coisa parecida... Porque o Adonis não escolhe entre feias e bonitas, entre meninas ou velhas; todas servem para alimentar a triste doença do seu espirito.

Com tal mania, o bacharel é hoje um typo popular das calçadas, como poderá ser amanhã um curioso caso clinico de qualquer manicomio, si não arrepiar carreira, curado por uma surra de pau de algum marido zeloso.

E' o que póde muito bem acontecer...

O *bungalow* tinha o aspecto de ninho...

Ali os passaros cantavam num ambiente de espumas de rendas, parecendo que a felicidade se escondia atraz das cortinas de sêda que velavam as janellas.

Fartura. Radio a todas as horas. Automovel até para atravessar de um lado ao outro da rua, de uma para outra calçada... Vida de gente rica, indolente. E, pela vizinhança, pescoços esticados, espiando, com inveja da felicidade do casal, que vivia vida regalada.

Repentinamente, porém, operou-se uma metamorphose em tudo aquillo. Ninguem sabe explicar como foi.

Desappareceram os automoveis, uma *andorinha* apanhou os moveis, os creados dispersaram-se, e o *bungalow*, onde parecia morar a felicidade, ficou fechado, com a tabeleta: *Aluga-se ou vende-se.* Do casal, não ha noticias. Um mysterio impenetravel!

Até parece *coisa feita*...

MADAME sempre nos pareceu uma creatura lúgubre, leitora assidua de dramalhões antigos e outras coisas indigestas.

Dizem que quem vê cara não vê coração. Entretanto, a gente ás vezes olha para a cara e logo adivinha a especie de coração que a creatura esconde.

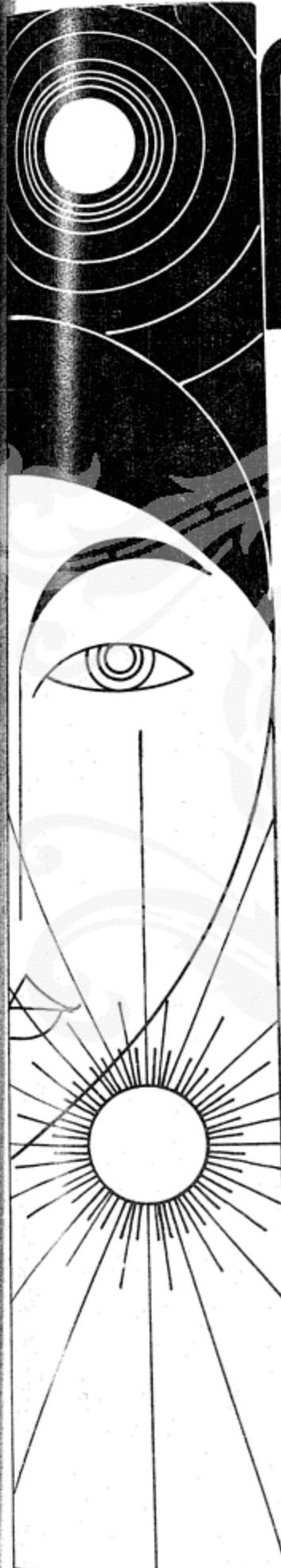
Pois a aventura de *madame* tem um aspecto funebre, com todos os aspectos desagradaveis.

Em primeiro logar, o *escolhido* não é, positivamente, um cavalheiro do mesmo nivel social de *madame*, não se explicando como tenha sido objecto de attenção.

Em segundo logar, nós estranhamos o ponto escolhido para os encontros, ali ao pé do muro de um cemiterio, o que denota o mau gosto deploravel de *madame*. O caso assume um aspecto lúgubre, e tudo indica o fim tragico, si o casal não mudar de rumo...

ÉCOS DO CARNAVAL

Uma ciganinha de Momo. Isabel, filha do sr. João Gomes Guerra e de d. Alzira Guerra.

David Davies, o encantador filhinho do distincto casal Stella Costa Davies - Francis Davies.

MADRIGAL SIMPLES

No mundo, querida,
na morte ou na vida,
de noite ou de dia, ao sól ou com lua,
eu sempre me lembro que és meu amor.

Quando a noite descáe sobre o céu de turqueza.
cobrindo de sombra, vestindo de treva
um reino de luz,
— querida, eu me lembro dos cilios de sêda,
que vestem de luto, cobrindo de sombra
os teus olhos azues.

Quando a madrugada móstra as rósas vermelhas
que a noite entreabriu no jardim socegado,
e que estão no rosal como um grito de côr,
querida, — eu me lembro da púrpura viva,
do mél, do perfume, do gosto e frescura
dos teus lábios em flor.

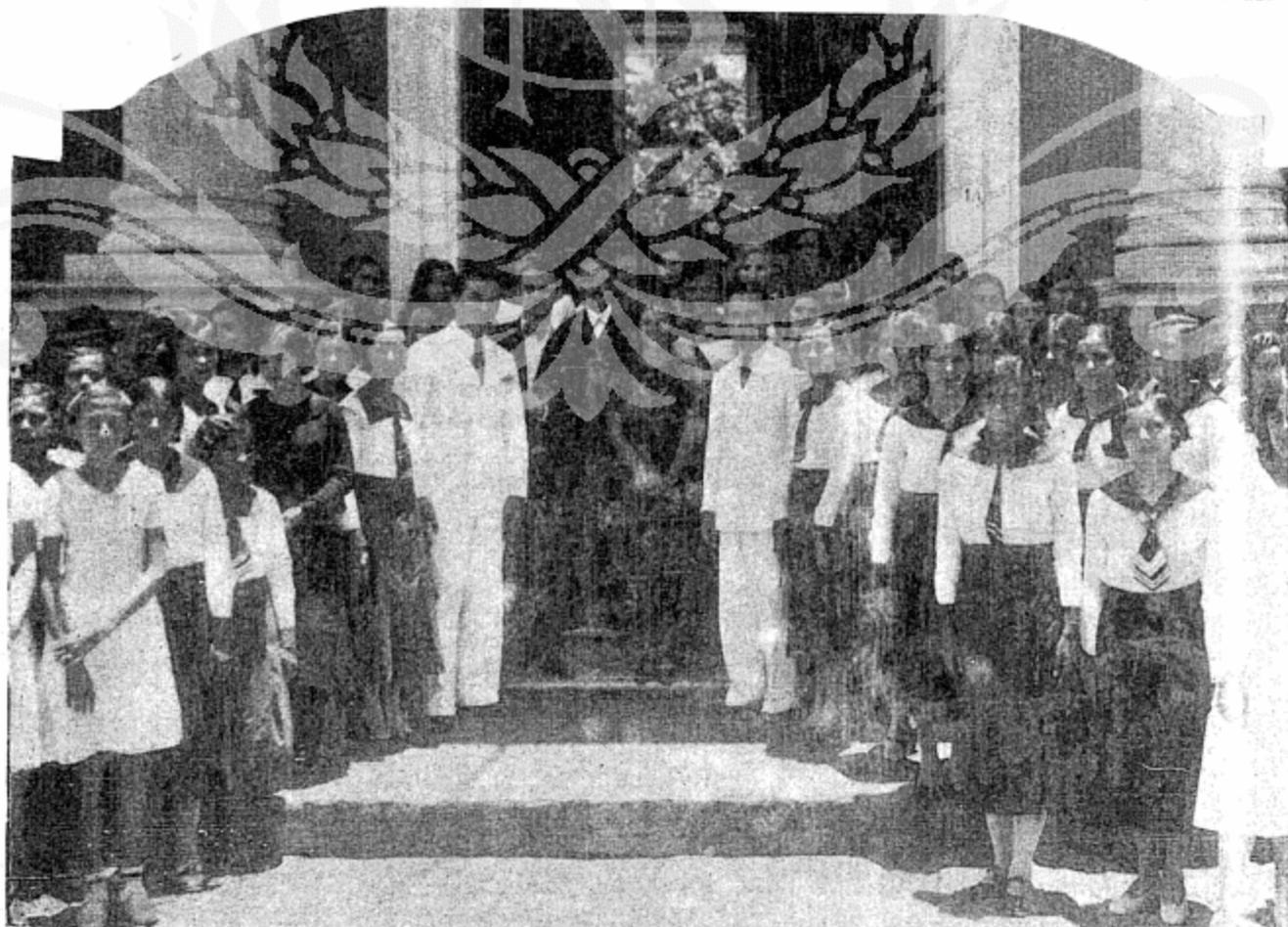
No mundo, querida,
na morte ou na vida,
de noite ou de dia, ao sól ou com lua,
eu sempre me lembro que és meu amor.

OLIVEIRA RIBEIRO NETO

Um grupo de amigos e admiradores do dr. Elba Dias offereceu, no Lido, um almoço de despedida a esse grande animador do «broadcasting» nacional, que está de partida para os Estados Unidos. Trez oradores saudaram o illustre director do Radio Club do Brasil: os srs. Hildebrando Gomes Barreto, Felicio Mastrangelo e Roquette Pinto, este, presidente da Confederação Brasileira de Radio Diffusão. O dr. Elba Dias agradeceu, sensibilizado, a homenagem dos sues amigos.

A NAÇÃO

A Nação é a expressão duma tradição commum, dum pensamento commum, dum interesse commum, superior na sua estructura ideal e real a todos os interesses particulares dos individuos e castas que a formam, que as classes operarias e agrarias não devem negar e destruir, mas conquistar, isto é, conquistar nella o lugar que lhes compete.

O Estado não é um poder estranho, antimonico ou hostil, instituição pela qual homens opprimem ou explorem outros homens, sim a resultante total, integral da ação, de maneira que cada individuo se sinta legitimamente parte viva e vital delle, a quem cabe o imperioso dever de encarar e resolver com rapidez e precisão os problemas humanos e sociaes da collectividade.

"FON - FON" EM SERGIPE

Os estudantes da embaixada da Associação Universitaria que ora visita o norte do paiz, empenhada na nobre campanha de alphabetização do nosso povo, photographada quando visitava a Escola Normal de Aracajú.

Galathéa

A hera e o musgo enrodilharam-se pelo plintho, envolveram o bocel numa rendilha de folhas, escondendo, no afago macio da relva, num tufo viride, os pés frios da velha estatua de marmore.

A humidade do relento, pelo patinado lento de suas tonalidades, marchetou-lhe, nas curvas e nos vincos umas estrias leves de limo, que lhe davam uma impressão instantanea de vida, a illusão humana de veias verdes, de arterias latejantes, intumecidas.

Entre dois salgueiros destrançados, no parque, nûa, numa alvura espumea de nenuphar, os braços mal fechados, as mãos em seta, na ameaça indecisa de lançar-se ao banho, num arrepio, sobre o lago donde, em fuste irisado, sóbe um repuxo como um cajado de crystal para amparál-a.

Passantes, aos bandos, deante della, abrandam os passos, olhos em extase, para absorver toda a belleza das suas fórmas, todo o fascinio expressional do seu gesto parado; para surprehender o milagre genial da imaginação que a plasmou, a graça emotiva do escopro que lhe facetou as linhas, e todo o assomo esculptural do cinzel que a bruniu!

O tempo mysterioso artifice, que, no envelhecer dos annos, com a maceração das côres, marfiniza as pedras e os marmores, debuxador das meias tintas com a paleta das sombras e luares, fulvo pastelista em oiro, em iris e rosa, com as luzes e os reflexos, o tempo, que vinca, paciente, com uma gotta d'agua, que desbasta, nervoso, com o vento, arrancou uma lasca da estatua, abrindo-lhe no peito albente uma racha infima, uma frincha imperceptivel.

Pelo orificio, um casal de abelhas esgueirou-se e teceu, no segredo do bojo, um favo que augmentou em colmeia, e cresceu em zumbidor enxame que esvoaçava ao sol, num halo tonto de faiscas, numa aureola de azas de oiro!...

E o artista, que era pobre e derreado, na humildade do seu pudor, a horas mortas, sózinho, para que ninguem o soubesse apaixonado da creação do seu ésto, para que ninguem o visse na adoração de sua obra perfeita, ia olhar longamente, esquivando-se no silencio das sombras, a estatua que fôra a mais pura inspiração do seu sonho, o sonho mais alto de sua vida!

Então, no abandono das alamedas desertas, dentro da noite, ficava a auscultar a sua imagem de mulher na impassibilidade do mármore. Nem uma abelha bohemia pairava fóra, num vôo de vigilia! Todas recolhidas no labor sussurrante, dentro do seio da estatua.

Elle escutava, sem nada adivinhar, um zunzum de azas freneticas, um murmurio secreto, tenuissimo, de adejos e revôos. Conjecturava dentro do seu enlevo, absorto, olhos alargados, ouvidos atilados, vigilantes. A alma aturdida, arquejante, na exaltação dos seus sentidos inquietos.

Nunca contou a ninguem o sortilegio revelado, para que não o julgassem um tresloucado. Nunca disse a ninguem, mas ficou com aquelle segredo no pensamento, com aquella abstracção nos olhos. Murmurejando sempre, aos seus ouvidos, aquelle fremor recondito não se apagava na sua lembrança como uma obsessão sonóra. Levava na memoria, latente, vivo, aquelle zumbido de bater de azas, aquella vaga resonancia de palpitação de alma que offega, de coração que ainda pulsa!

Envelheceu assim, no delirio desse enleio zonzo, nessa extatica adivinhação, e morreu, contente, nessa gloria maior, louca e divina, pensando que a sua velha estatua de marmore tinha uma alma!...

Edward Carmilo

Rendas de espuma

Um Poeta das antilhas

CUBA.

Eu sempre tive uma particular sympathia por essa pequena republica.

Conheço a Cuba do mappa geographico. Uma ilha estreita, comprida, estirada como um lagarto dorminhôco, immovel, a fluctuar nas aguas côr de chumbo do bello mar das Antilhas.

Cuba que já vi, tantas vezes, desfilar, em sangrentos enredos de films norte-americanos, através de tiros e cavalgatas, pelas montanhas rispidas e onde se disputa a posse de uma cubana.

Cuba da formosa Havana.

Cuba americanizada, com a vida dos seus *cabarets* subterraneos, onde se dançam *foxs nervosos*, tangidos por *jazzs* epilepticos, e *habaneras*.

Cuba entrelaçada de fitas. Cuba de castanholas e pandeiros. Cuba dos magnificos charutos. E Cuba sonhadora dos poetas.

Cuba...

* * *

Sim. Eu conhecia tambem a Cuba dos "jóvenes poetas cubanos." E quem me revelou essa Cuba sonhadora, foi uma criatura amada que, certa vez, me offereceu uma anthologia, onde se enfeixam os mais expressivos valores poeticos daquella gente sympathica.

E curioso é que esse livro traz uma data de abril de 1926.

Oito annos!

A criatura querida se foi. Ficaram os poetas do livro e as saudades da mulher. As saudades... Mas que hei de fazer dellas? Os poetas, — eu os trago para aqui...

Abro essa velha anthologia, ao acaso. E um lyrico — Rodolfo Araujo — me conta...

"La lluvia, que no cessa,
pone sobre la tarde
un nebuloso manto...
. . . .

Yo, lejos de mi amada
siento que en mi alma cae
esse violento golpe de la
[lluvia
con la misma rudeza que
[en la calle..."

* * *

Noutra pagina, outro poeta apaixonado — celebrando um rompimento de amor — (Oh! Em toda parte, as rupturas de amor serão sempre iguaes? As almas serão sempre as mesmas?) — o poeta confessa:

"Hoy he roto las cartas
[donde en lejanos dias
en tono voluptuoso me
[hablabas de tu ardor
y con vehementes frases
[pasionales querias
inflamar mis sentidos con
[tu candente amor!"

* * *

Agora, é um poeta mais moderno, ainda — no sentido artistico e chronologico da palavra — que vem ter ás minhas mãos. Esse poeta é advogado cubano, Andr de Piedra Bueno, aut de um formoso poema que deu o nome sing de *Pascualita.*

De lá, dessa agita Cuba, cujo povo ain traz, nas veias, o nob sangue hespanhol, o p ta Andres descobriu meu obscuro nome, p va a homenagem do s livro de alma e de son

"Pascualita tiene oc
[laño

Una melena negrissim
Una piel que transparen
los rieles de la vida...

Pascualita, a musa, heroina do poema, é a f lhinha do poeta. Eis p que elle fala com tan carinho da garôta. Acon panha as phases prin paes da sua vida... um dia, dia de chuva, que parece ser um mo vo esthetico preferido p los poetas cubanos Bueno descreve:

"Llueve, llueve... Se
[encogi
una telaraña de
cristales sobre la Hab
[na..
?Quién llora en el ciel
[quién
Pascualita está muy tri

viendo las nubes caer
y pasa una hora y pas
los horas y pasan tres...

Por fim, o poeta con que Pascualita lança agua empoçada da chu um barquinho de pape e fica aprehensiva, po que tem a impressão que, dentro delle, se a ta a imagem querida pae...

* * *

Um livro de emoções Um livro que faz ch ou sorrir, tristemente.

Yv s

SOCIEDADE GAÚCHA

Senhorita Deolinda M. Monte, elemento de destaque na sociedade de Pelotas (Rio Grande do Sul).

ECOS DO CARNAVAL

Sabbado de Alleluia... Quarenta e seis dias depois do Carnaval, este grupo alegre de foliões de Curityba parece ainda festejar o delirante Momo com os seus risos que já não se ouvem e com os seus trajes que, hoje, de certo entrarão novamente na pandega...

FELICIDADE

Minha vida é uma tragedia interior marcada, dolorosamente, pelas desillusões de um erro sentimental. O destino não quiz que eu acertasse o caminho da felicidade. E deu-me a amargura de um desencanto que não finda. O eterno desencanto dos desencantados.

Você chegou quando eu precisava de um consolo para o meu pobre coração desalentado. Chegou um pouco tarde. Mas chegou a tempo de salvar-me.

Quando foi mesmo que eu a conheci? Ha tanto tempo, meu doce amor, ha tanto tempo... Conheci-a antes de a conhecer. Não sabia como você era. Sua alma acenava-me de longe, promettendo chegar onde estava o seu triste irmão. E aquella doçura que a minha sensibilidade reclamava, nos annos inquietos da adolescencia, era a mesma doçura que eu via em você, miragem do meu deserto, figura imponderavel do meu sonho delirante.

Esperei-a tanto tempo... Tanto... Afinal, você chegou. Você, a mulher que eu esperava, a mulher que havia de me trazer a alegria e a ternura que eu nunca tive e o deslumbramento emocional que eu não sentia. Você, a mulher que eu via nos meus sonhos impossiveis, nos meus sonhos de criança insatisfeita.

Afinal, você chegou. Suave e linda como a esperança.

Você chegou, Felicidade!

MAURO

«FON-FON» EM LISBÔA

Lucina Soeiro e Maria Carolina, as duas applaudidas cantoras brasileiras que acabam de terminar brilhantemente a sua «tournée» artistica pelo velho mundo, numa photographia recentissima, tirada em Lisbôa, quando ali se encontravam. Lucina Soeiro e Maria Carolina são diplomadas pela «Scuola di Canto Ugo Fratti», de Milão.

MODELOS
DE
PARIS

Paris... Sempre Paris! O centro dictador da moda offerece cada dia, pela arte subtil dos seus costureiros famosos, novas originlaidades para a volúvel indumentaria feminina. Prodigamente, multiplica as suas creações. Vejam esta pagina. Olhem como é, toda ella, Paris. Na graça dos modelos e na elegancia dos vestidos...

LIDO

NO começo do verão, o Lido era o mesmo, isto é o mesmo elegante *chalet* normando, no mesmo aprazivel logar e com os mesmos predicados. No entretanto, a sociedade carioca praticava uma grande injustiça. Preferia outros estabelecimentos. A razão era simples: o Lido não era nenhuma novidade. E nós gostamos das novidades...

* * *

Ha um dictado antigo, que começa assim: *Não deixe os amores velhos pelos novos*... O Lido esperou. E esperou pouco.

A estação animou-se. Copacabana manteve o sceptro da praia predilecta. E os cariocas começaram a comprehender a elegancia do veraneio na sua praia mais bonita...

Foi, então, que o Lido inaugurou os seus chás dançantes dos domingos. E annunciou as suas ceias das quinta-feiras. (Todas as noites, jantares dançantes.) Depressa, a cidade encheu-se da novidade: o Lido estava do outro mundo...

* * *

Quando a estação se tornava mais animada e *chic*, o Lido tinha empolgado a estação. Veiu o Carnaval. O Carnaval sublimou o Lido. Hoje, é preciso uma escada de Jacob para attingir aquelle setimo céo...

* * *

Domingo ultimo, á meia noite, o Lido parecia annunciar o seu proximo *reveillon* de sabbado de Alleluia. Repleto. Repletissimo. E lá fóra, na area cimentada, ainda uma multidão saboreava o seu *drink*, bafejada pelas auras do mar.

* * *

Registrei a presença das seguintes pessôas: senhora Pedro São Paulo, senhora Loureiro Sobrinho, senhora Miguel Sucar, senhora Sergio Vasconcellos, senhora Octavio Gama, senhora Olga Silveira, senhora Edgard Sottello, senhora Gerdal Boscoli, senhora Carlindo Sá, senhora Joel Monteiro, senhora Mayrink Veiga, senhora Edmar Machado, senhora Yolanda Santerre, senhora Dulce Goulart Becker, senhora Braz de Pinho, senhora Pinto Machado, senhora Joel Motta, senhora Pires de Albuquerque Junior, senhora Costa Moreira, senhora Pedro Camargo, senhora José Maranhão, senhora Plinio Carvalho, senhora Dourado Lopes, senhora Lucia Medeiros de Oliveira, senhora Bertha Pinto de Moares e senhora Aracy Povina Cavalcanti; senhoritas Lourdes Nelson Machado, Elza Pacheco, Ruth Santiago, Elisa Machado Viveiros, Adrienne Rouchon, Anisio de Sá, Heloisa Helena Gama, Marina Martins Rodrigues, Alice Abrahão, *sir* Palm, Emilia Pollo, Sylvio Romero, Edla Costa Lima, Julio Prestes, Ligia Macedo Soares, Vilobaldo Santos, Gilda Masset, Amalia Gabizo, Tobias Moscoso, Helena Garcia, Lucia Lobo e Lafayette Stocker.

RIVAL-THEATRO

REALIZOU-SE na penultima quinta-feira a annunciada inauguração do Rival-Theatro, com a estréa da Companhia Dulcina de Moraes-Odilon Azevedo. O novo theatro funcciona no sub-solo do edificio Rex, na Cinelandia, e deu a impressão de uma elegante *boite* parisiense. A novidade de represen-

CASTRO ALVES

OCCORREU no dia 14 de março corrente o 87º anniversario do nascimento de Castro Alves. A gloriosa data não passou despercebida da nossa élite literaria. Celebrou-se a grande ephemeride, com o respeito e o amor devidos á memoria do genial poeta das "Espumas Fluctuantes". Castro Alves é para muitos criticos nacionaes o maior poeta do Brasil. Assim o considera, por exemplo, o sr. Afranio Peixoto, homem de sciencia e de letras, grande erudito e romancista. Castro Alves foi, na verdade, uma expressão á parte da nossa mentalidade literaria. Teve rasgos de genio e morreu deixando um nome immortal. Na poesia do seu tempo, foi incontestavelmente a figura mais impressionante do Brasil. A opinião da critica nacional não existe, pela razão simples de que, por emquanto, só possuimos criticos. E esses têm pontos de vista pessoaes, que só podem ser considerados isoladamente.

tação num palco triplice com uma peça cinematographica, intitulada "Amor", de autoria do festejado escriptor Oduvaldo Vianna, encheu o theatrinho. E foi uma noite de gozo espiritual, digna da cultura e da intelligencia de seus promotores.

* * *

"Rival-Theatro" é a realização de um sonho de Odilon Azevedo, escriptor e actor dos mais representativos de sua geração. A estréa de sua companhia foi a mais auspiciosa. O Rio elegante e intellectual compareceu á *great attraction* da inauguração. E teve uma noite deliciosa, cheia das impressões magnificas da peça linda de Oduvaldo e dos cuidados artisticos de sua representação. Uma victoria, que é preciso levar avante com amor e enthusiasmo.

SOCIAES

A data de 23 de março registrou o anniversario natalicio da senhora Zila Lisbôa Nogueira, digna esposa do illustre engenheiro e industrial dr. Antonio do Amaral Nogueira. A anniversariante, que é um dos elementos de maior distincção da alta sociedade carioca, reune ás suas admiraveis virtudes moraes os primores de uma grande sensibilidade e de uma bella intelligencia. Dadas as relações de amizade, que o casal Amaral Nogueira conta na *élite* social do Rio, fôram innumeros os cumprimentos recebidos e as ricas *corbeilles* de flores naturaes, com os votos mais expressivos pela felicidade commum.

O villino da nobre anniversariante, na Tijuca, encheu-se das figuras mais representativas da sociedade.

* * *

A bordo do "Southern Cross", procedente de Nova-York, regressou sabbado ultimo a notavel pianista patricia, senhora Guiomar Novaes, que foi recebida por suas numerosas relações de amizade do *grand monde* carioca.

A senhora Guiomar Novaes obteve nos Estados Unidos novos e sensacionaes triumphos, consagradores do seu talento e da sua maravilhosa virtuosidade.

DIPLOMATICAS

EM honra do senhor ministro Moniz de Aragão e senhora, o senhor ministro da Austria e senhora Retschek offereceram, no penultimo sabbado, no palacete da Legação, á Avenida Atlantica, um almoço, que teve o cunho da maior distincção.

Compareceram ao fino agape diplomatico, alem dos offertantes e dos homenageados, os senhores embaixador Cavalcanti de Lacerda, ministro das Relações Exteriores, e embaixatriz Cavalcanti de Lacerda; ministro Joaquim Eulalio e senhora; conselheiro de embaixada Paulo Coelho de Almeida e senhora; o 1º. secretario da Legação do Brasil em Vienna e a senhora Alves de Souza; o 1º secretario de Legação Rubens de Mello e senhora; senhor e senhora Renato Almeida; senhores Karl Klette e Acyr Paes, respectivamente addido á Legação da Austria e chefe dos Serviços Politicos Diplomaticos do Itamaraty.

Os senhores ministros Retschek e Moniz de Aragão trocaram amistosos brindes.

Entre os seus contemporaneos, só Tobias Barreto, que era uma poderosissima organização intellectual, tentou galgar o seu nivel. Mas, Tobias ascendeu a fulgurantes dominios, sem ter, na poesia, attingido a culminancia estellar do poeta dos escravos.

A nota social, que Castro Alves imprimiu aos seus versos, deu-lhe uma caracteristica de grande repercussão. Quando se escreve hoje a historia do Brasil, ha um capitulo reservado á chamada poesia social, de que foi elle o mais alto cantor. Mas, nos dominios puramente literarios, o autor das "Espumas Fluctuantes" foi um engenho maravilhoso, cheio de profundas harmonias. Escreveu os poemas da America e do Navio Negreiro, porque a agua corrente da sua poesia tinha o curso natural da sua época.

Quando transbordava, lá se ia, de roldão, toda a opulenta flóra ribeirinha, para cahir mais adeante em catadupas, no seio revolto do romantismo.

LUCIANO

URBI ET ORBI

Os jornaes trouxeram, esta semana, algumas noticias interessantes. Recorto duas dellas, que dizem respeito ao thema eterno do amor. Contem a primeira: "Em Varsovia, acaba de firmar-se o contracto de casamento da filha mais velha do ex-rei Amanullah, do Afaghnistão, com um pobre estudante judeu, chamado Edgar Wollman, ora foragido da Allemanha, em virtude da campanha nazzista. O casamento da princeza com o joven burguez se realizará em Roma."

A outra noticia, mais ou menos sensacional, é de origem indigena e reza assim: "O chefe da fuga dos sentenciados da cadeia de Bello Horizonte é um preso, accusado de se haver casado mais de sessenta vezes. Esse marido levado da breca casou-se em quasi todos os Estados do Brasil. E ainda agora, no presidio, foi visitado por uma dama mysteriosa, que chamou a attenção dos directores do estabelecimento."

Como se vê, o noticiario dá margem a este commentario, sem malicia. Num caso, é a renuncia dos privilegios do sangue azul, por amor de um estudante pobre, que deve valer por todos os principes do mundo. Noutro caso, é um amoroso phenomenal, que tem um coração elastico, capaz de conter os cuidados matrimoniaes, relativos a nada menos de sessenta mulheres...

Na verdade, esse thema do amor é inesgotavel. Uma princeza liga o seu destino a um rapaz, corrido da Allemanha, e pede para a sua união a benção paterna, que o rei Amanullah concede, cheio de ternura e de precauções: um aventureiro consegue illudir sessenta mulheres incautas e ainda tem quem o vá visitar, no presidio, condoido da sua sorte... E tudo isso feito em nome do amor...

LUCIANO

CULTURA ARTISTICA

HA alguns mezes, o doutor Rodolpho Josetti reuniu em sua residencia um grupo de artistas e intellectuaes, com o elevado e nobre fim de celebrarem a fundação da Cultura Artistica, bello e augusto sonho da senhora Amelia de Rezende Martins. A reunião teve, como era de esperar, o exito mais completo. E desde logo, sob os auspicios da senhora Alba Josetti, madrinha acclamada da harmoniosa sociedade, fôram conhecidos os nomes da primeira directoria e do conselho musical: doutor Rodolpho Josetti, frei Pedro Sinzig, senhor Luiz Gonzaga Botelho, senhor Theodor Heuberger, senhora Vera Janacopulos, professora Paulina d'Ambrosio, professor Aloysio de Castro, professor Guilherme Fontainha e professor Alfredo Gomes.

* * *

A linda iniciativa conquistou immediatamente numerosas adhesões. Nem era para menos. Fazendo a sua util propaganda cultural, a novel sociedade argumenta:

I: O Rio de Janeiro não pode continuar em condições inferiores, na audição de obras primas e summidades de Arte, invejando outros centros de maior cultura.

II: E' indispensavel que se consigam fundos necessarios, permittindo o contracto de solistas ou conjunctos de valor, estimulando, quanto possivel, o cultivo da Arte no paiz.

III: Conseguil-o-á a Cultura Artistica, a exemplo da sociedade congenere de S. Paulo, organizando-se com segura orientação e autonomia necessaria, para proporcionar, aos socios, audições que, sem ella, seriam inaccessiveis.

A Cultura Artistica promette realizar, nesta capital, dez a doze grandes concertos, por anno, no minimo, com os mais afamados artistas nacionaes e estrangeiros.

* * *

A existencia de uma sociedade desta natureza deve ser de todos conhecida. A Cultura Artistica, que tem sua séde na Avenida Rio Branco, 118 e 120 (edificio da Associação dos Empregados no Commercio) faz hoje parte inseparavel do patrimonio cultural da metropole.

MANHÃ DE SOL

COPACABANA. Feriado de Anchieta, o suave apostolo, que escreveu versos na areia. A praia, que os pés do doce evangelista pisaram, era deserta e feia. Cresciam espinheiros bravos no littoral e rugiam féras matto a dentro. Hoje as praias alvejam, orlando opulentas Avenidas, como uma franja decorativa. E não ha nenhum receio da solidão, nem dos nativos anthropophagos. Tambem esse feriado é commemorativo do quarto centenario do nascimento do Santo... Quatro seculos de Brasil!...

* * *

O feriado é domingo na praia, que desde cêdo se apresenta toda enfeitada de barracas multicôres. E os banhistas augmentam, estirados ao sol, ou abrigados á sombra dos amplos chapéos.

O mar é uma aquarella de imprevistos effeitos luminosos. Esse pintor esquisito deve ter sido muito festejado no seu tempo...

* * *

As senhoras Mario de Castro e Annibal Nelson Machado acompanham o vôo de uma gaivota, muito harmonioso e nostalgico. A senhora Francisco Martins Netto saúda do seu novo automovel a u'a amiga, que passa, na Avenida Atlantica.

Na praia, ainda registro outras presenças: senhora Amynthas Santos, senhora José Manhães, senhora Nilo Goulart.

Feriado de Anchieta... Que segunda-feira mais parecida com um domingo!

Aspecto do desfile dos integralistas em S. Paulo, no dia 11 de março: o chefe nacional, Plinio Salgado, ladeado pelo chefe provincial de S. Paulo, sr. Stello, e pelo commandante geral das milicias integralistas dr. Gustavo Barroso, á frente dos camisas-verdes.

D. Regina Reale, secretaria do Departamento Feminino da Acção Integralista Brasileira na provincia de S. Paulo.

CONFITEOR!

(A Pereira da Silva)

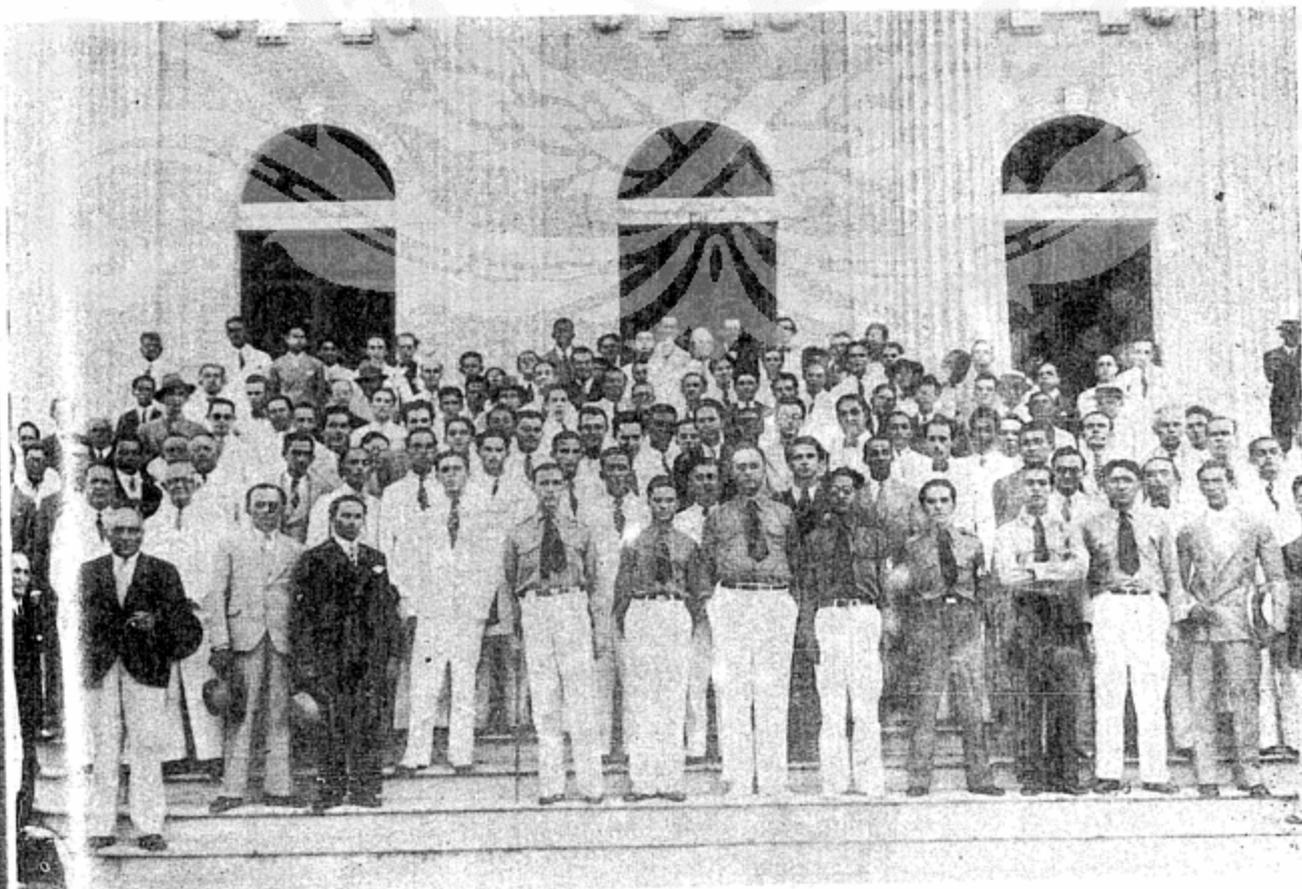
Humildade, Senhor! Que eu vos confesse
meus erros tão carnaes, erros humanos,
e, batido de dôr e desenganos,
abrir-vos possa o coração em prece.

Sois testemunha do que me acontece
através deste mundo, ha tantos annos:
plantei peccados trágicos, insanos,
colhi de angustia a inevitavel messe.

Que a vossos pés prostrado, alma indefesa,
em suores de agonia, na tristeza
de só tão tarde, agora, vos ter visto,

eu, de uma vez, me abata e me convença
que sou tão miseravel quanto immensa
é a piedade dulcissima do Christo.

Aracajú, 1933.

PASSOS CABRAL

Photographia tirada na escadaria da Associação Commercial de Maceió, após a ultima conferencia do dr. Gustavo Barroso, chefe da Bandeira Integralista que visitou aquella capital, em dezembro de 1933.

O CONGRESSO INTEGRALISTA DE VICTORIA

O chefe nacional Plinio Salgado e as delegações provinciaes ao Congresso de Victoria saúdados pela milicia integralista espiritosantense.

Desfile de integralistas pelas ruas de Victoria, durante o Congresso integralista ali realizado.

Os systemas philosophicos que, depois do israelita Spinosa, se fôram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apregoavam idealistas, e apresentaram sempre os mais accentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo, o pessimismo, o saudozismo, o penumbrismo e outras formas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectaculo das carpideiras literarias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fôra grande, fôra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdem da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve herões e martyres, é que se não haviam perdido de todo, nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão uma era nova, e este seculo, para as gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo, de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

A resposta do escriptor Celso Vieira

O mais bello dos principes orientaes, coroado e cingido magnificamente de ouro, se o interrogassemos á volta dos jardins, onde avistára com espanto a velhice, a doença e a morte, responderia: não. O mais desditoso dos sabios europeus, inexoravel para a sua carne e o seu espirito na solidão, no trabalho e na dôr, affirmaria deante dos velhos altares e dos novos idolos: sim.

Ahi temos os polos da alma — oriente e occidente, a quietude nirvanica e o ideal super-humano. De um lado, a renuncia ao desejo, abreviando o cyclo da illusão e do soffrimento, redemoinho em que tumultuam os seres e as coisas. De outro lado, o curso da vontade heroica, disciplinada para crear e poder, accendendo todas as flammas, exprimindo todas as forças da vida com exuberancia e orgulho. Entre o cimo de neve do Himalaya e a onda azul do Mediterraneo, entre a renuncia budhista e a rhapsodia homerica está suspenso o maior dos problemas: ser ou não ser.

Tropicaes, submettemos a propria natureza ao genio occidental. Através da paizagem, que nos deslumbra e nos adormenta, o espirito da nossa cultura, vigilante, é o demiurgo da Renascença, que ao mesmo tempo clareia o Mar Tenebroso, povôa as ilhas encantadas, resuscita as fórmas encantadoras. Este o primeiro contraste da alma brasileira. A incandescencia do sol e os effluvios da terra, hypnotizando-a, poderiam fazel-a contemplativa, tão propensa á volupia quanto á inercia, tão disposta ao ocio quanto ao prazer. Mas o sangue dos antepassados neo-latinos redimiu-a da estagnação. Occidentaes e christãos, amamos dynamicamente a vida, entre os povos christianizados, na realidade os mais vivazes, os mais audazes da historia moderna. Sob a idéa christã renasceu a arte; refloriu a humanidade nos sentimentos, nos costumes, nos methodos, nas leis; e até o Oriente, para sobreviver, assimila esse impulso vital.

Quando todas as almas penam, todos os lares soffrem, todos os povos se rebellam contra a guerra e a paz, contra o bem e o mal da civilização, ha de ser necessariamente collectivo, no limiar da ira collectivista, o alcance de uma pergunta como essa: vale a pena viver?

Se ha penuria, enfermidade, ignorancia, barbaria e discordia, flagellos do corpo e da alma nos meus sertões, como nos jardins do principe oriental — responde o homem brasileiro —, tambem ha germens e fructos maravilhosos. Intrepidamente, viverei para sanear os pantanos e semear os oasis, colorir novas imagens com o sangue de outras gerações, enriquecer o mundo com a graça dos lavores estheticos e a força dos inventos mecanicos; — viverei para juxtapôr outros élos á cadeia de realizações infinitas, que vae da scentelha inicial até o vôo humano. Quatro seculos foram degraus, talhados pelo mysticismo, pela bravura, pela intelligencia, pela secreta energia constructora da raça, exaltando-me nesta evolução incompleta, mas innegavel. Nem todas as escadas, que o sonho reergue do mesmo pó, na mesma treva, são caminhos para as alphas resplandescentes. Mas através dos surtos ou das faltas de uma existencia, como pelos degraus de uma escada, é que nos elevamos ou decahimos. Emquanto nos impelle a consciencia heroica de uma ascensão, cujos perigos e esforços augmentam, vale a pena viver.

Idealizado o progresso por ondulações, a nossa viagem neste oceano conhece fraguedos e baixios, tormentas e vasantes. Que importa? O silencio das pro-

(Conclúe na pag. seguinte)

Vale a pena viver?

(conclusão)

fundezas, como a espiral dos torvelinhos, é sempre uma germinação latente no abysmo. Invisiveis correntes esboçam creações innumeras, e as ondas são cada vez mais altas, embora não tenham belleza igual de cambiante e de contorno. Retraem-se umas na escuridade; outras rebentam ao sol. A onda hellenica da arte quebrou-se, desfez-se com todas as suas nereidas e todas as suas perolas, mas a ondulação fremente da vida sobe pelas escarpas, desenha novos circulos, arranca ao mysterio das brumas ou das algas novos thesouros.

Percorrendo as idades, sentimos que os valores humanos recrescem por metamorphoses, variações, progressos de estado material e estado psychico, desde o antro á *urbs*, no individuo e na sociedade, em aperfeiçoamentos evolutivos, enumeraveis como nutrição, hygiene, conforto, senso religioso do universo, da especie, da familia, senso moral da prole e da patria, economica do tempo e dominio do espaço, equivalencia de saber e poder, accrescimo da industria e da riqueza, apuro das sensações artisticas, desenvolvimento do solidarismo.

Tudo isso é complexo e formidavel, ameaçando ruir, entretanto, na voragem dos nossos dias. Porque tudo isso estremece — dizem—; tudo se esborôa, como num terremoto. Sob a ruinaria do cataclysmo, porém, já se adivinha a tendencia organica do microcosmos na elaboração de outra sociedade para outra mentalidade, não obstante as mutilações da guerra e as dissonancias da crise. Fincados na moral e no direito alguns padrões, suppostamente inalteraveis, precipita-se de outras nascentes a catadupa, envolvendo aqui, renovando além as imagens como os espelhos, as legendas como os porticos, as idéas como os institutos. Só pelo eterno descontentamento e pela eterna inquietação dos homens remoçam as coisas humanas deste grão de areia, em cujos limites somos incontentaveis, porque somos perfectiveis.

* * *

Collectivamente, pois, a vida triumpha no seu dynamismo. Subjectivamente, porém, geme na sua desolação. Cada existencia, por mais feliz, reconstitúe o episodio, recompõe o anathema das proprias origens, e o derradeiro peccador findará como o primeiro homem, exilado, á porta inviolavel do Eden.

Quasi todos os grandes systemas religiosos, metaphysicos e poeticos, no oriente e no occidente, exhalam o mesmo pessimismo, "que é a disposição fundamental da humanidade", já o disse Hartmann. Sómente, a esperança é tambem a inclinação magnetica da alma nessa trajectoria. Entre o poema de Job e o monologo de Hamlet, esperamos teimosamente alguma coisa melhor; o entardecer mais lugubre não desespera do anoitecer com estrellas; e as religiões situam a esperança no ignoto, quando a terra já não alimenta as raizes da planta immorredoura. Decrepitos, chegamos a extrahir da velhice outra mocidade fugaz; ephemeros, chegamos a esperar que a morte não venha ao nosso encontro ou nos seja um dia suave como foi o primeiro somno, embalado pela canção maternal.

Vale a pena viver, quando viver é penar, de accôrdo com a vossa interrogação, e concluir sobre a vida, nestas alturas, é ter já vivido através de penas incontaveis? Seria, talvez, por isso que os romanos desejavam aos seus inimigos a longevidade, um seculo inteiro de existencia? Não obstante, o sentimento contemporaneo da vida util, da vida plena, da vida longa deseja aos amigos dois seculos de ouro. Que digo eu? Dois millenios em flôr. Se as dadivas do tempo fossem caprichos do meu poder, o harmonioso Platão escreveria ainda hoje os seus dialogos á sombra dos loureiros athenienses.

Tudo está em comprehender a face dupla da vida, como a dupla face da terra, primaveril ou hybernal, sobredoirada ou ennoitecida para os homens, alternativamente, no claro-escuro do mesmo enigma celeste. Onde houver comprehensão, haverá conformidade. Acceitaremos da vida os carinhos e as torturas, os dias bons ou maus, até nos despedirmos della sem levar saudades, bemdizendo-a na sua magia e no seu desencanto. Foi esse o melhor conselho de Nietzsche.

Em summa, o dever e o amôr justificam esplendidamente a curiosa aventura planetaria. Aos olhos do artista, porém, e acima de todas as fealdades ou decepções, resumindo todos os amôres e deveres, a belleza é a coroação instantanea do mundo no seu reino illusorio.

Sim, vale a pena viver, quando se traz comsigo o lampejo de um ideal, ao menos para sentir na tragedia a gloria do amphitheatro, o rythmo dos côros, o prestigio dos herões, a ligeira dança dos ephebos, o divino gesto das musas.

Celso Vieira

No proximo numero virá a resposta de Berilo Neves

"BAUDELAIRE E OS GATOS"

A proposito de sua chronica sob o titulo acima, publicada em *FON-FON*, o nosso prezado collaborador Berilo Neves recebeu do eminente academico Felix Pacheco a seguinte carta:

"Meu caro patricio e distincto confrade Berilo Neves:

Muito e muito obrigado pela renovação de suas amabilidade no *FON-FON*, a proposito de "Baudelaire e os gatos". O meu trabalho é antes de mera compilação e pouco vale. O que quero é apenas pagar a divida da geração symbolista áquelle pae espiritual de todas as novas escolas literarias que têm brotado e continúam brotando na Europa e na America.

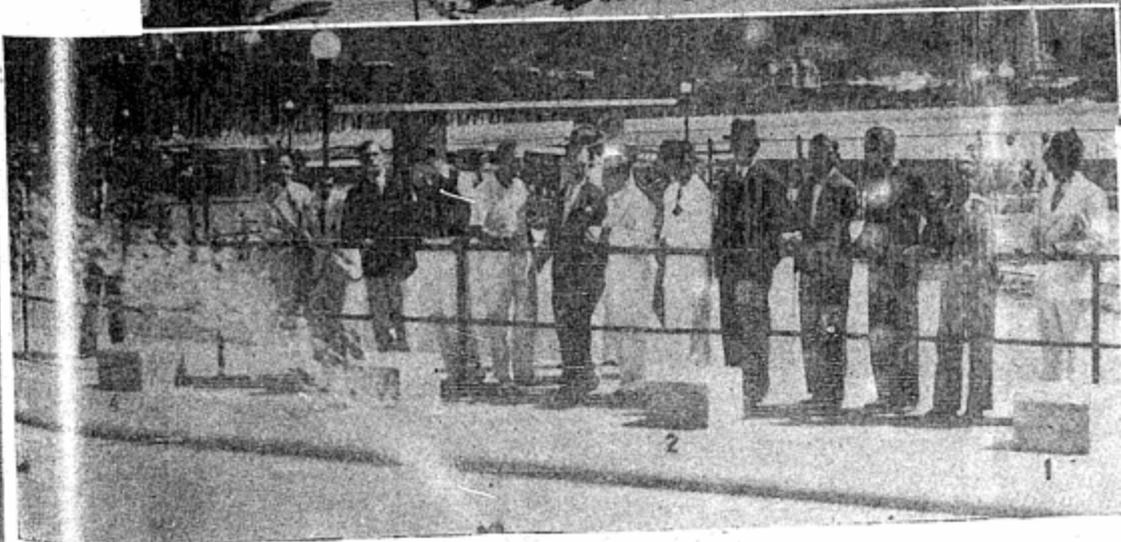
Ao *FON-FON* não sei como agradecer as palavras da redacção com que encabeça o seu artigo. Rogo-lhe que entregue ao bello semanario os volumes que a esta acompanham e são especialmente impressos para elle. Novos agradecimentos e o cordeal aperto de mão do. — *Felix Pacheco.*"

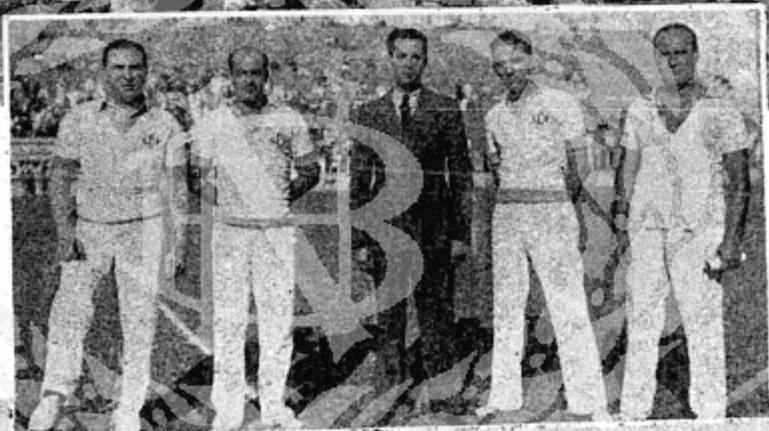
Somos gratissimos ao illustre homem de letras pela offerta a que se refere a carta supra.

AUSENCIA

Depois de tão grande separação, os meus olhos se extasiaram no panorama soberbo das tuas linhas harmoniosas. Houve uma festa rutilante na minha alma de poeta. E tu, minha linda flôr, parece que foi com mais volupia que recitaste, na manhã dourada, o meu poema de amor. O pensamento do grande La Rochefoucauld é verdadeiro: *"L'absence diminue les mediocres passions et augmente les grandes, comme le vent eteint les bougies et al lume le feu".*

«FON-FON» EM FRIBURGO

Um grupo de veranistas na praça 15 de Novembro da linda cidade fluminense. São elles o sr. e sra. Vianna do Castello, o sr. e sra. Manoel Moraes, o sr. e sra. Miranda Fortes, o sr. e sra. Oldemar Leite, o sr. e sra. Arthur Faverest.

A directoria do Club de Regatas Botafogo convidou os jornalistas para uma visita ás obras da piscina que aquelle prestigioso gremio nautico está construindo ao lado de sua séde, na praia de Botafogo. O nosso «cliché» mostra aspectos dessa visita.

Inaugurou-se domingo passado a temporada official de «football» profissional, com o «Torneio Initium Eliminatorio» da Liga Carioca, realizado no stadio do Club de Regatas Vasco da Gama. Essa competição inicial, ansiosamente esperada nos nossos meios sportivos, attrahiu ao campo de S. Januario grande multidão interessada no desfecho da mesma. As photographias desta pagina mostram o «team» victorioso em primeiro logar e o segundo collocado, respectivamente do Bangú F. C. e do America F. C.

O «TORNEIO INITIUM» DA LIGA CARIOCA

Os outros «teams» que tomaram parte no movimentado «Torneio Initium» da Liga Carioca, domingo ultimo, no stadio de São Ja-

nuario, e um flagrante de um dos jogos que ali se realizaram. Na ordem em que ahi se acham collocados, vêem-se os quadros do Bomsucesso, do Fluminense, do Vasco da Gama, do Flamengo e do São Christovão.

NOTAS SPORTIVAS

O joven «sportman» Aginaldo Campos dirigindo a «padonave» de invenção de seu pae, o dr. Edilberto Campos, nas aguas da ilha do Governador.

Uma «pose» do galant José Vicente, filho de d. Jandyra Soares Amabile e enteado do sr. Antonio Amabile, residentes em Sorocaba, São Paulo.

Maria Luiza e Julinha G. Pinto, duas interessantes creanças paulistas, filhas de d. Jandyra Soares Amabile e enteadas do sr. Antonio Amabile, da sociedade de Sorocaba.

DEUS E A IGREJA

"Negar o christianismo implica uma loucura monstruosa: negar Deus. Muitos o negam verbalmente, e a elle se encaminham pela virtude e pelo esforço. E outros, que se julgam intimos de Deus, nem de longe o conhecem, porque a todo o momento o estão negando nos seus actos, embora o affirmem nas palavras, loucas umas vezes, outras vezes hypocritas.

O Syndicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornaes e Revistas de São Paulo festejou, com uma sessão solenne, o primeiro anniversario de sua fundação, inaugurando, ao mesmo tempo, em sua séde social, o retrato do dr. Eduardo Prado e de sua esposa, que foram grandes bemfeitores da classe. Varios oradores fizeram uso da palavra durante a solennidade. As nossas gravuras fixam aspectos da festa dos vendedores e distribuidores de Jornaes e Revistas de São Paulo.

Deus é a infinita expressão, porque é Amor Infinito, sentindo e vencendo a infinita dôr. Os mais amorosos são os que mais se lhe chegam, e os mais egoistas, os mais afastados e os mais impios.

.. ..

Eu tenho sido, devo declarál-o, muito injusto com a Igreja. "A Velhice do Padre Eterno" é um livro da mocidade. Não o escreveria já aos quarenta annos. Annunciou-o e ditou-o o meu espirito christão, mas cheia ainda dum racionalismo estreito e superficial. Contendo bellas coisas, é um livro mau, e muitas vezes abominavel. Ha na grandiosa historia do catholicismo paginas de pavor, mas a Igreja com os Evangelhos christianizou e salvou o mundo. No doutrinado catholicismo resplandecem verdades fundamentaes, verdades eternas, as verdades de Deus. A força moral do catholicismo é hoje immensa, não se póde negar.

GUERRA JUNQUEIRA

FON-FON no Cinema

O AZ DOS AZES - (Ace of Aces) - Producção da RKO-Radio

com Richard Dix, Elizabeth Allan e Ralph Bellamy

A gloria e a tragedia do az da guerra estão relatadas na historia do tte. Rex Thorne da 65ª. Esquadrilha Aerea, do primeiro grupo de caçadores, do Serviço Aereo Americano.

Joven promissor esculptor em 1917, elle detesta a guerra e não supporta a idéa de ter que matar os seus irmãos. A sua coragem é posta em duvida pela moça que ama, Nancy Lee Adams. Enfermeira voluntaria da guerra, ella se convence de que elle procura apenas salvar-se e assim rompe dramaticamente com elle, chamando-o de "covarde".

O immerecido estigma de covardia converte o poder creador de Thorne num poder destruidor. Pondo de lado os seus escrupulos contra o assassinio legalizado das guerras, elle se alista no Serviço Aereo Americano. Enviado para o front, abate um avião inimigo logo ao primeiro vôo sobre as linhas inimigas. Embora a sua vida corresse perigo, foi-lhe necessario appellar para toda a sua coragem para puxar o gatilho sobre a sua primeira victima.

As tempestades de sua consciencia, porém, são logo abafadas na commoção da victoria. Como o tigre ao provar pela primeira vez o sangue, aquella primeira victoria desperta no piloto o instincto de matar e os seus principios pacifistas são esquecidos na terrivel luta para subsistir. Elle aprende a gozar a suprema sensação de uma caça ao homem nas nuvens; a rejubilar-se á vista de um alvo vulneravel; a exultar no mergulho mortal de um adversario. Transforma-se numa verdadeira ave de rapina que persegue as suas victimas com a maior crueldade e uma astucia verdadeiramente diabolica. Procurando sempre as supremas alturas na sua veloz machina, elle se esconde no sol por traz das nuvens, emergindo como um falcão sobre os aviões mais lentos, destinados a photographar as linhas e abatendo os bombardeadores e pilotos noviços. Torna-se um "matador de luxo"; uma machina de destruição; um mercador da morte.

Com mais de vinte e quatro victorias a seu credito, Thorne se converte no "As dos Azes" do Serviço Aereo Americano, titulo alcançado mercê dos corpos queimados e dilacerados de galantes adversarios. Cada victoria deixa no triumphador o seu sello sinistro e o commandante da Esquadrilha, temendo que o az se descontrole, concede-lhe uma licença.

Em Paris, Thorne encontra Nancy, a qual se surprehende em descobrir que esse brilhante cavalheiro do ar, com todas as suas glorias e de-

(Cont. na pag. 53)

LABIOS DE FOGO – DA FOX

com CLARA BOW e PRESTON FOSTER

NIFTY, o propagandista do circo do coronel Gowdy, recebe a maior surpreza da sua vida ao ver descer de um "vagon" de um trem de carga seu filho Chris que lhe vinha fazer uma visita. Apesar de insistir em que elle volte para a fazenda onde estava passando as férias, nos seus estudos de direito, o rapaz insiste em ficar, pedindo ao coronel Gowdy que lhe dê alguma cousa que fazer no circo.

Esta visita inesperada do filho faz com que Nifty mude por completo a sua maneira de viver. Deixa de beber, modifica a sua maneira de fallar e exige que Carrie se mude do seu quarto onde ella costumava viver. Carrie, para se vingar, embriaga o rapaz com uma pessima genebra e de comparsaria com a trefega e endiabrada bailarina do circo Lou. Nifty aborrecido com o procedimento de Carrie, resolve separar-se della definitivamente. Furiosa com Nifty, Carrie resolve tomar maior vingança para o que se serve da bailarina Lou que sempre affirma que não ha homem que lhe resista. Offerece-lhe cem dollares para que ella seduza Chris. A tarefa é facilima para Lou. Dentro de pouco Chris está apaixonadissimo pela encantadora bailarina, deixando-se dominar por completo pelos seus attractivos.

Aconteceu porém um facto que a vingança de Carrie não previa: Lou apaixonou-se sinceramente por Chris. O que principiára como divertimento sem importancia transformára-se numa verdadeira paixão. Para acabar com tão difficil situação. Lou resolve contar o seu passado a Chris. Nem assim o ingenuo rapaz se convence de que não deve casar-se com ella como é seu manifesto desejo. Durante um espectaculo numa pequena aldeia um homem embriagado insulta Lou e Chris agride-o violentamente: Nifty interroga o filho sobre o interesse que demonstra pela bailarina e Chris responde ao pae que quer casar-se com ella.

E' em vão que Nifty procura convencer o filho da loucura da sua idéa. Chris teima no seu proposito e com Lou trata de arranjar o dinheiro preciso para sahirem do circo. Partem por fim. Nifty, desgostoso com a partida do filho, entrega-se de novo ao vicio da embriaguez, perdendo por isso o logar no circo. A esse tempo Lou está em grande successo como bailarina em Chicago, continuando Chris os seus estudos de direito. Lou, sabedora da triste situação de Nifty, consegue que o seu emprezario o admitta como seu propagandista, pagando ella o ordenado sem que elle saiba.

Nifty, sabendo quem por ella se interessa, resolve não acceitar o emprego. Mas a felicidade que Lou soube dar a seu filho impressionou-o e resolveu perdoar participando dessa felicidade porque aquella mulher fizéra por seu filho muito mais do que elle.

"O AZ DOS AZES"

(Conclusão)

corações, é apenas um matador impenitente dotado de todos os instinctos selvagens do seu typo.

Mas, ella presente a tragedia por traz da sua sombria feição e, como penitencia por havêl-o induzido áquella carreira de morte e destruição, propõe ao az ajudal-o a esquecer.

Depois de quarenta e oito deliciosas horas passadas na companhia de Nancy, Thorne volta ao "front". A sua carreira espectacular não soffre interrupção até a sua quadragesima segunda victoria. Ferido em combate, elle é conduzido a um hospital, onde o collocam ao lado da sua ultima victima, um joven cadete allemão. Pela primeira vez o az confronta os resultados dos seus feitos. O rapaz morre durante a noite e Thorne finalmente comprehende a que preço conquistou a sua gloria. Quarenta e dois homens mortos pela sua mão... quarenta e dois corações partidos... quarenta e dois lares que elle enlutou.

Abalado e arrependido, Thorne alegra-se quando o commandante da esquadrilha, ao ser promovido, consegue que o nomeiem instructor da aviação, até o fim da guerra.

O commandante se apercebe que as tacticas de Thorne de tão bôas serão muito mais uteis aos aprendizes, do que se fossem aproveitadas unicamente pelo az. Ao volver ao seu acampamento, Thorne ouve dizer que um novo az excedera os seus proprios feitos, roubando-lhe a gloria. Thorne irrita-se ao pensamento de que outro haja abatido mais aviões do que elle mesmo e, antes de ser transferido para a escola de aviação, diz ao novo commandante da esquadrilha que quer seguir novamente a sós. Aquelle o previne de que não deve emprehender mais vôos solitarios em busca de fama e sim ficar em formatura, para proteger os seus collegas.

Desobedecendo ordens, no entanto, Thorne sobe e é em seguida avistado por uma esquadrilha inimiga, que inicia a perseguição.

Recordando o soffrimento do joven cadete allemão, e com o seu instincto de matar já muito attenuado, Thorne não tem mais coragem de puxar o gatilho sobre outra victima, sendo abatido e gravemente ferido.

De volta á casa, invalido, Nancy o acompanha, promettendo devotar-lhe todo o seu amor e a sua vida de modo a fazel-o esquecer os horrores por que tinha passado.

Illustrações do film

Ann Vickers

da R. K. O. -- Radio, cujo enredo publicamos na nossa edição de sabbado passado.

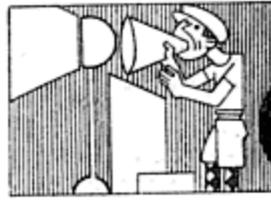
UM LIVRO COM CAPA DE OURO PARA IRENE DUNNE — Uma conhecida casa editora dos Estados Unidos offereceu a Irene Dunne um exemplar de Ann Vickers, o famoso romance de Sinclair Lewis, com uma capa de ouro, como uma justa homenagem ao seu formidavel desempenho nesse grande film.

UM NOVO SUCCESSO DOS AMOROSOS DE "AVE DO PARAISO" — Vão bem adeantados os trabalhos da filmagem de "Green Mansions", o film que Dolores Del Rio e Joel McCrea estão fazendo para repetir o exito formidavel de "Ave do Paraiso", que aquelle par romantico viveu com tanta felicidade.

O "FILHO DE KING-KONG" PÕE O PAE NO CHINELLO... — As noticias mais recentes chegadas dos Estados Unidos dizem que o "Filho de King-Kong" põe, como espectaculo e emoção, o film do "pae" no chinello... Neste celluloide de grandes emoções figuram como artistas principaes Robert Armstrong e Helen Mack.

O PROXIMO FILM DE BARRYMORE — A RKO Radio acha-se filmando "Long Lost Father", em cujo film John Barrymore interpreta o papel principal. Helen Chandler substituiu a Elizabeth Allan no papel feminino, em virtude desta ter soffrido um accidente que a obrigou a abandonar sua parte.

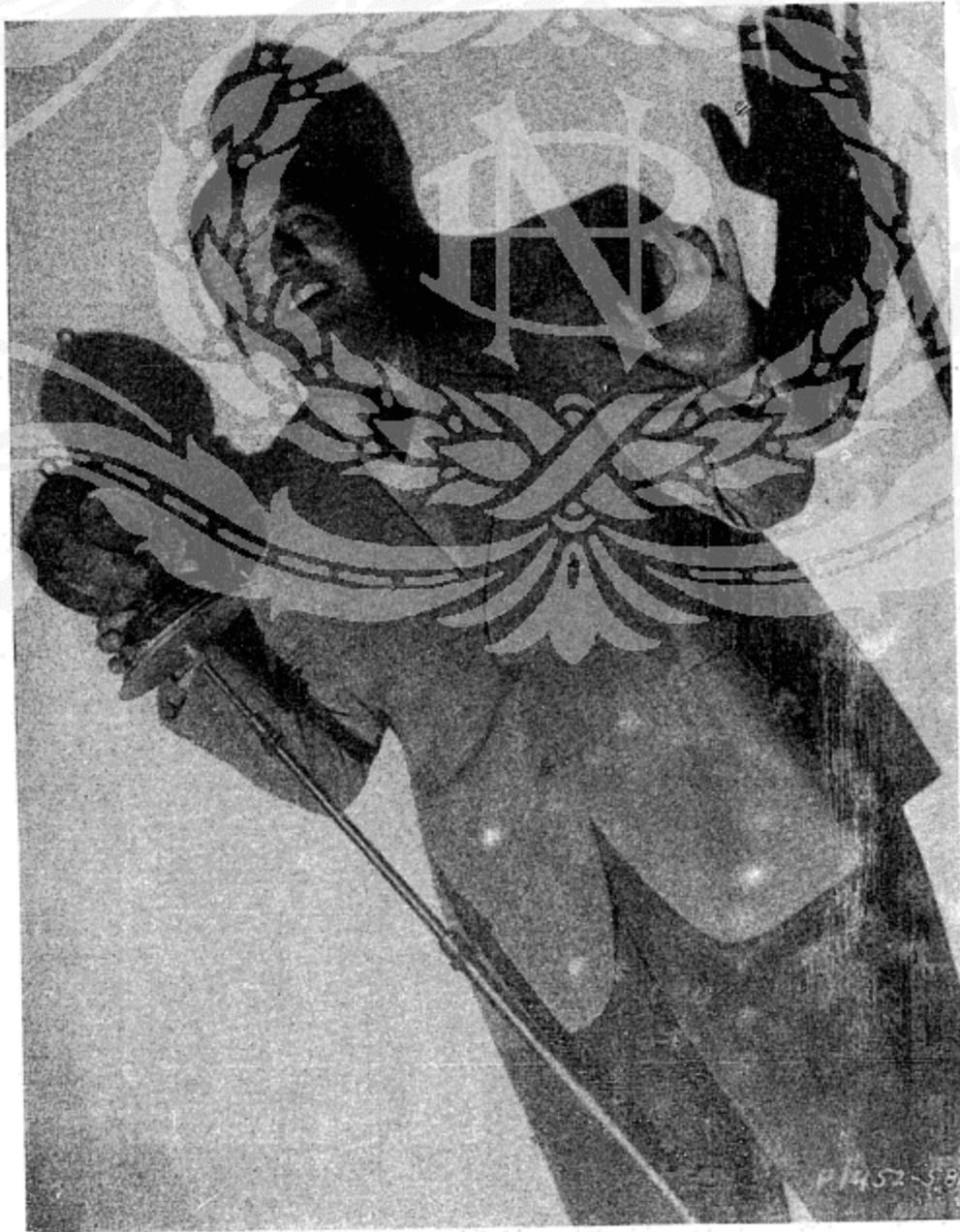
"Long Lost Father" terá, em portuguez, o titulo de "O Lar Desfeito".

"LITTLE WOMEN" TRADUZIDO PARA O PORTUGUEZ — "Little Women", a sensacional novella americana de Luise May Alcott que vem sendo lida por dezenas de gerações, foi transpontada para o celluloide pela RKO Radio que, em breve, nol-a mostrará com a inconfundivel Katharine Hepburn no principal papel. Certa do successo da obra notavel, a Companhia Editora Nacional vem de publical-a, para a sua collecção de "Bibliotheca das moças". A traducção é de Godofredo Rangel e é muito feliz, tendo recebido o titulo de "Mulherzinhas". O film fez grande exito nos Estados Unidos. Somente no "City Music Hall", da Radio foi visto por mais de quatrocentas mil pessôas. Aqui, certamente, o film obterá grande successo.

ALGUMA COISA ACERCA DE "VOANDO PARA O RIO" — No sensacional espectaculo "Voando Para o Rio", que na America do Norte dizem ser a maior realização da cinematographia moderna, o nosso patricio Raul Roulien canta "Orchids In The Moonlight", canção deliciosa e bonita.

DIANA WYNARD E CLIVE BROOK NUM FILM RKO-RADIO — A RKO Radio annuncia que, sob a direção de J. Walter Ruben, fará, dentro de poucas semanas, "The Dover Road", extrahido da peça theatral do mesmo nome, de A. A. Milne.

Serão seus interpretes Diana Wynyard, Clive Brook e Billie Burke.

MODIFICAÇÕES NO "CAST" DE "THE CRIME DOCTOR" — Otto Kruger substituirá Richard Dix em "The Crime Doctor", porque este artista foi designado para figurar ao lado de Irene Dunne em "Stingaree". Em "The Crime Doctor" figurarão ao lado de Kruger: Karen Morley, Nils Asther, Irving Pichel e J. Farrel MacDonald.

KATHARINE HEPBURN CONSAGRADA PELA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE HOLLYWOOD — Como acontece todos os annos, a Academia de Sciencias de Hollywood reuniu-se para julgar quaes os melhores films do anno de 1933, fazendo a classificação pelo valor dos interpretes, do film, da direcção, da producção, do enredo e da adaptação. Na categoria da melhor interpretação feminina Katharine Hepburn, a maior revelação do cinema, e que é uma das grandes figuras da RKO Radio, ganhou o primeiro lugar pelo seu trabalho em "Morning Glory", que em portuguez se chamará possivelmente "Manhã de Gloria". O premio da melhor direcção coube tambem á RKO Radio em "Little Women" que foi dirigida por George Cukor. Foi considerada a melhor producção tambem "Little

Bruig Croeby, o astro-cantor da Paramount.

...studios

...Women", o majestoso film RKO RADIO. E esta producção mereceu tambem outro premio como a melhor adaptação. Como se vê "Little Women", que em portuguez talvez se venha a chamar "Mulherzinhas", é um film que reune credenciaes bastantes para impressionar e marcar época entre nós, sendo certo que nesse film de grandes proporções mais se evidencia a arte inconfundivel da grande Katharine Hepburn.

* * *

A notoriedade de Mae West é tão grande que já reflue sobre as pessoas de sua familia. Beverly West, sua irmã, estava ás ultimas datas fazendo apresentações pessoaes no "Ambassador" de St. Louis que naturalmente se consolou desse modo de não ter podido obter a famosa estrella da Paramount.

* * *

O numero de 23 de janeiro de "Variety" annuncia a conclusão de "A Czarina Galante" (Scarlet Empress), o ultimo film de Marlene Dietrich, sob a direcção de Joseff Von Sternberg.

A grande actriz ia iniciar immediatamente outro trabalho. Não havia sido porem ainda escolhido nenhum argumento, em definitivo.

* * *

Leo McCarey que dirigiu ha pouco tempo "Six of a Kind" e "Duck Soup", dirigirá tambem o proximo film de Mae West, "It Ain't no Sin".

* * *

A sra. Gary Cooper foi "officialmente recebido no seio da familia Paramount" por occasião da recepção que lhe offereceu em Hollywood, o sr. Emmanuel Cohen, director de producção daquella empreza. Assistiram á recepção, além do sr. Adolph Zukor, presidente da Paramount, todos os altos funccionarios dos studios, estrellas, directores e escriptores ligados á empreza, successivamente apresentados á sra. Gary Cooper, *née* Sandra Shaw.

* * *

"Her Master's Voice", uma adaptação da peça do mesmo nome, original de Clar Kummer, terá por principal interprete Lanny Ross, popular figura do "broadcasting" americano.

* * *

Está mais ou menos fixada a distribuição de "Melodia da Primavera" que Norman Leod dirigirá para a Paramount: Charlie Ruggles, Mary Boland, Lanny Ross, Ann Sothern, Helen Lynd, Wade Boteler e Wilfred Hari.

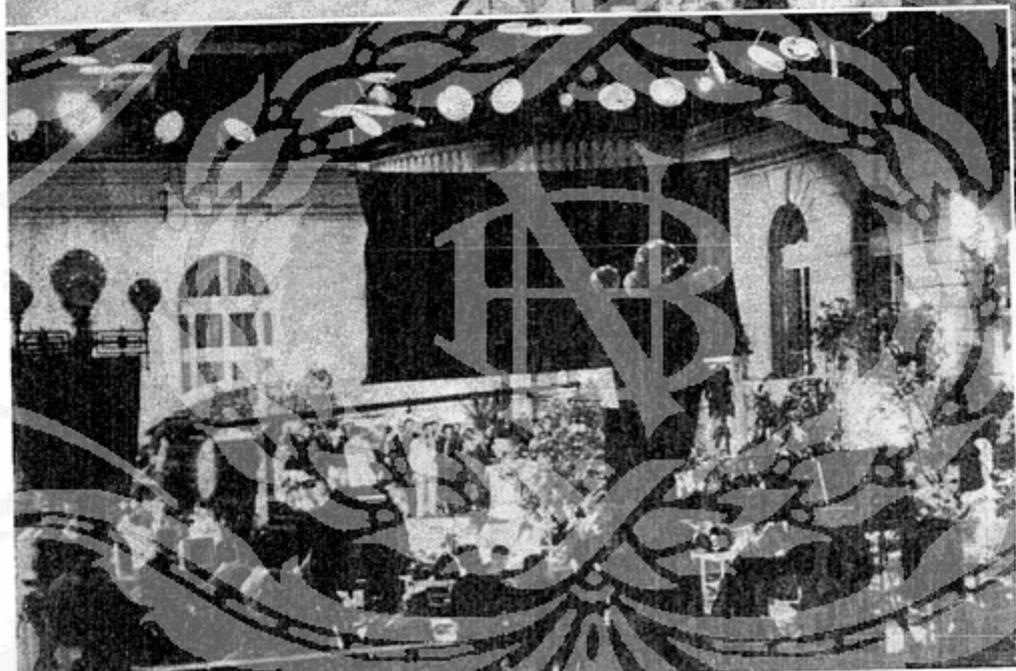
* * *

Ao terminar "Good Dame", Sylvia Sidney foi passar alguns dias em Nova York, tendo viajado até alli com a sra. Marion Gering, esposa do conhecido director.

Em uma volta a Hollywood, Sylvia Sidney iniciará a filmagem de "Thirty Day Princess".

* * *

Em "Bolero" apparecerá entre os figurantes Alice Lake que foi "estrella" no tempo do cinema mudo.

Trude Mailen, um dos formosos astros da Ufa.

«Voando para o Rio» vae ser o film sensacional deste anno. Eis algumas das suas scenas, onde nos apparece a reconstituição do Copacabana Palace e ate a nossa Policia Especial.

Dos Studios

Ao productor Charles R. Rogers falta fazer quatro films para completar o seu contracto de dez films, com a Paramount.

Está definitivamente assentado que essas quatro sejam: "Green Gold" com Gary Cooper; "Canal Boy" com Dorothy Wilson e Douglas Montgomery; "It's a Pleasuse To Lose", com George Raft, e "In Conference", adaptação de uma novella policial de Vera Caspary e Bruce Manning.

Gary Cooper, o idolo paramentense.

❦ ❦ ❦

DOROTHY FELL, cantora-estrella das Ziegfield Follies, actualmente contractada pela Paramount, foi designada para o principal papel feminino de "Little Miss Marker" cuja producção está a cargo de B. P. Schulberg.

O mesmo poductor fará tambem "Her Master's Voice" de que será estrella Lanny Ross, com o concurso de Mary Boland que iniciará a filmagem das suas scenas tão depressa conclua "Melody in Spring".

* * *

A Paramount designou definitivamente Ida Lupino para protagonista feminina de "Come on Marines", ao lado de Richard Arlen.

❦ ❦ ❦

Uma linda «pose» de Helen Twelvetress

A ULTIMA CARTA

De Reynaldo Reis

E naquella tarde cheia de silencios tristes o homem que tinha sido quasi feliz escreveu a custo:

"Guiomar: Você foi a unica mulher a quem eu quiz realmente na vida. Quiz fazer de você a illuminura mais linda do meu sonho de poeta enamorado. Quiz construir para nós dois a certeza de uma felicidade, da felicidade serena das nossas mãos entrelaçadas para todo o sempre.

Em nossas vidas drapejava o pallio verde da esperança. Você me queria. E eu gostava tanto de você! Até o seu geito de dizer "não, eu quero deixar você com vontade", quando os meus labios gulosos pediam mais um beijo, até isso eu adorava.

"Não lhe disse uma tarde que tinha receio de ser feliz? Sorriu incredula e respondeu confiante: "Roberto, que tolice! Nós não nos queremos tanto?" E ficou triste o resto do dia por ver que dos meus olhos não desapparecia a sombra do presentimento.

"A's vezes, você perguntava, ao me vêr fitar um ponto imaginario: "Em que estás pensando, querido?" E sempre respondi que nada me preoccupava, mas tinha medo que tudo não fosse um sonho claro e bom, desses de que a gente tem pena ao accordar. E agora que resta do nosso maravilhoso filão de illusões?

"Tanto pediu um retrato meu! Para que, Guiomar,? Elle seria agora a realidade de um sonho que lhe será facil esquecer, porque já quasi se desfez com o despertar da vida.

"Noites no jardim... Tardes na rua cheia de gente... Você e eu ficavamos alheios á multidão, a pensar sómente no nosso amôr. A sua viagem: "Roberto, você me escreve? Não namora mais, não é, bemzinho?" E eu olhava as suas pupillas cheias de luz, esses olhos de creança-grande que mal conhece a vida, apertando você de encontro ao meu peito, para inspirar-lhe a confiança que o meu amôr me permittia.

"Na minha terra ha uma flôr muito linda, mas tão esquisitamente sensivel, que murcha assim que alguem lhe toca. Não lhe disse algumas vezes ser demasiada para mim tanta felicidade? Viu? Ella era como a flôr bonita que ha na minha terra...

"O que estou soffrendo agora na tristeza desta ausencia não é a solidão — em torno de mim a vida tumultúa — ; nem o desconforto; nem as privações; nem a incerteza da vida material. E' a necessidade de sorrir quando a minha alma se confrange em lagrimas de saudade, de apparentar que sou feliz quando bem sei que nunca mais encontrarei outra Guiomar.

"Na ultima vez que fallei com você, mostrou-me a valsa que havia comprado: "Coração, que mais queres?" Fico pensando si melhor não fora: "Vida, que mais desejas?"

"Estive hontem em uma igreja. Por que esse Deus que tudo póde não me dá a fé daquella gente? Por que não posso encontrar nas orações a resignação para o inferno do meu Destino?

"Sorriu quando lhe mostrei um cabello branco. Hoje não posso mais contál-os. E' o fim que não está longe. Começo a acreditar na prophecia daquella cigana: "O sr. tem a linha da vida muito curta. Chegará talvez aos trinta e cinco annos." Mas, Deus meu, então ainda faltam dez?

"O raciocinio foge-me e a reflexão já me abandonou ha muito. Tenho impetos de féra quando vejo dois namorados. Dá-me vontade de destruir-lhes a felicidade que não pude ter. Vêem mil desejos baixos de cartas anonymas e de calumnias torpes. Depois, sem saber porque, começo a chorar baixinho...

"Sinto que a minha vida tem a duração de um arco-iris em que o sol impiedoso atravessa as lagrimas da tristeza. O Roberto que você conheceu não saberia agora quem é, tão differente está. Para onde foi aquella alegria de viver!

"Melhor fôra que você me tivesse enganado, porque a odiaria. Na ultima carta minha mão pergunta-me quem é essa pequena de quem tanto fallo e si tenho realmente a certeza de ser feliz. Vou responder que a felicidade appareceu na minha vida como uma gaivota: chegou, olhou um instante para mim e foi-se para o mar. Hoje, no meio de tantas outras, não poderei nunca mais encontrál-a...

"Na minha alma a tristeza murmura um nocturno. Ha em cada nota a vibração dorida de um bem que foi meu e que nunca, nunca mais ha de voltar. Um sonho morto... Uma folha cahida a rolar pelo chão... A minha propria vida inútil, esquecida..

"Felicidade... Providencia... Alegria... palavras bonitas que as pessôas felizes inventam..."

IMPACIENCIA

O trem parou na estação, e Alan Sheppard, de pé no corredor do ultimo carro, consultou o relogio. Verificou que eram exactamente 9,26. O machinista do comboio recebeu um elogio de Alan, coisa que reservava sómente para as pessôas que eram sempre pontuaes e efficientes.

Desceu no cáes. O carro em que viajára o deixou em frente á sahida da estação. Na rua um auto o esperava.

Emquanto sahia apressadamente perguntava a si mesmo se sua esposa estaria já prompta para poder sahir no mesmo minuto que parasse deante da porta de sua casa, como tinham combinado. Mas, duvidas muito...

Sua mais recente prova de espirito de pontualidade, que animava seu marido, occorrêra apenas duas semanas. Dispunham-se a cear em casa de amigos e Edwina, depois de o fazer esperar durante sete minutos, no carro, ainda tivéra a audacia de protestar com energia, porque elle tocára a buzina varias vezes.

— Verás... — disséra ella, em tom ameaçador: se fizeres outra vez tanto barulho com esta buzina, garanto-te que saberei vingar-me; não terminarei minha *toilette* e descerei assim como estiver...

A ameaça não lhe fizéra effeito e agora mesmo essa lembrança lhe provocára um sorriso entre indulgente e ironico, emquanto continuava imprimindo ao carro uma velocidade singular através do sinuoso caminho.

Antes de tomar o trem, telephonára a sua esposa, e esta não estava em casa. Deixára o recado com a creada, dando-lhe as instrucções precisas, isto é, que a senhora estivesse perfeitamente prompta para tomar o carro, sem perder tempo, pois estaria ahi ás 9,34 justas, e um rapido olhar em seu relogio o informou que estava na hora. Parou o carro, desceu com sua maleta e quasi correndo entrou em casa.

Não viu Edwina no "hall", onde julgava encontrál-a. Ella tambem não estava na sala.

— Edwina!... — gritou. — Estás prompta?...

— Olá! Alan!... Descerei em um minuto...

— Não estás vestida!

— Quasi...

— Esperar-te-ei fóra, no carro...

Sahiu, mostrando, em suas maneiras, que tomára uma resolução. Installou-se no carro novamente e esperou um minuto; depois, tocou trez vezes a buzina com toda força.

No mesmo instante, Edwina appareceu á janella e, inclinando-se para fóra, observou contrariada que Alan não mudára de roupa.

— Lembras-te do que te disse? — gritou ella, em tom de aviso.

— Já tens quatro minutos de atrazo — disse elle, tocando a buzina energicamente.

Alan, que estava decidido a dar a sua mulher uma lição definitiva, começou a repetir os toques, augmentando gradativamente de intensidade.

De repente, ouviu passos precipitados que desciam a escada. A porta da rua abriu-se de chofre e no vão da porta appareceu Edwina, com os olhos chammejantes, segurando na mão seu casaco de pelles, que apenas lhe cobria os hombros.

— Basta, Alan! Não faças tanto barulho!

— Fál-o ei, emquanto não estiveres prompta!

— Digo-te que pares!

— Estou esperando ha seis minutos e ainda não te vestiste... Estou decidido a tocar a buzina até o momento em que entrares no carro.

Seus olhos se encontraram e por um instante Edwina contemplou seu marido com uma expressão inexplicavel. Depois, tomou uma resolução.

(*Continúa na pag. seguinte*)

IMPACIENCIA

(Conclusão)

— Se tocares mais uma vez — disse, com solennidade — entrarei tal qual estou...

Immediatamente, a mão de Alan tornou a apertar a buzina com mais força.

Edwina fechou tranquillamente a porta da casa e approximou-se de seu marido. Debaixo do seu casaco, a brisa nocturna agitava as roupas vaporosas de um delicado tom verde, e a luz da lua, que nesse momento se levantava, dava um brilho a suas pernas. Chegou até o carro.

— Deixaremos este assumpto resolvido de uma vez por todas — exclamou ella, com firmeza.

Alan abriu a porta e percebeu que aquella seria a prova definitiva.

— Suba...

A calma que mostrou em sua voz era como um desafio. Edwina entrou e o carro seguiu seu caminho.

* * *

Edwina falou, com animação:

— Estou farta de todos esses escandalos que fazes porque demoro alguns minutos... Tudo isto está bem em teu escriptorio. Ali pódes exigir a pontualidade; porém em casa é outra coisa... Não posso mais aturar isso!...

Custou grande esforço a Alan esconder um sorriso. Toda essa prosa era convencêl-o que estava certa da victoria. Guardou um digno silencio, mas não deixou de observál-a, de soslaio. Continuou, porém, a marcha...

Não tardou em chegar á residencia dos Mac Curdy. Passou pelo portão de ferro e continuou até a escada de marmore da entrada.

Como uma rainha que desce de seu carro de gala, Edwina desceu com a graça que lhe era peculiar. E, emquanto subiam a escada, um ao lado do outro, dirigindo-se para casa, começou a se apoderar de Alan um máu estar...

Dissimuladamente, estudou o rosto de sua mulher, pensando no que se passaria nella neste instante, parecendo-lhe descobrir-lhe uma nervosidade contida. Alan esperava que sua mulher despertasse á realidade...

No emtanto, toda sua *pose* destruia essa confiança e, de repente, sentiu-se assaltado por uma espantosa visão: ao entrar nelle, todos os olhariam surprehendidos...

Fez um gesto para tocar a campainha...

Atraz da grande porta ouvia-se uma alegre algazarra de vozes e risadas; rapidamente tirou a mão e exclamou a meia voz:

— Não póde ser!...

Mas, sua esposa, se o ouviu, dissimulou muito bem, porque não fez o menor gesto de surpreza, nem pronunciou uma só palavra.

O que se passou durante esses segundos na cabeça de Alan, era terrivel.

Se Edwina não dava seu braço a torcer, se não cedia em seu horrivel capricho, seriam dentro de pouco o divertimento de todos os convidados. E elle... iria consentir que sua esposa se apresentasse, naquella reunião, quasi despida?... Não, isso nunca!...

Mas, como resolver esse problema, sem diminuir sua autoridade? Se cedesse, todos os seus rigidos principios cahiriam por terra. No emtanto... pensaria bem, talvez fosse preferivel, ao que o esperava dentro da casa em cuja porta se achavam.

Tornou a olhar o relogio e Edwina; mas ella estava imperturbavel, esperando que elle se resolvesse a bater. Havia em seu rosto tanta resolução, que, se elle não o fizesse, ella o faria seguramente.

A situação era insustentavel. Alan o reconheceu, e vendo que sua mulher levantava a mão, para tocar o timpano, com um gesto imperioso a deteve, ao mesmo tempo que dizia:

— Vamo-nos! Depressa! Voltemos até em casa para que possas acabar de vestir-te.

— Não me moverei daqui, até que me promettas formalmente não tocar mais a buzina emquanto me esperas...

— Perfeitamente! Tudo o que quizeres...

— Mas, saiamos daqui depressa — disse, ao ouvir que vozes se aproximavam.

Apoderou-se do braço de Edwina, para tirál-a dali, mas ella parecia estar cravada no lugar...

— Promettes?...

— Sim, sim... Basta dizer uma vez! Vamo-nos...

Estva salvo!

Sua situação ficava compromettida para o futuro: nunca mais poderia exigir que Edwina fosse pontual. Mas as circumstancias habilmente aproveitadas por ella o obrigaram a transigir. Em vez de dar uma severa lição, como esperava, era elle quem a recebia. Tudo era preferivel ao ridiculo!..

Alguns convidados chegavam atrazados. Um grande carro parou deante da escada e varias pessôas desceram. Já não era possivel fugir. Alan olhou em torno de si. Estavam em uma armadilha...

Os recem-chegados eram seus intimos amigos Bettina e Harry Lawson, acompanhados de outras pessôas.

Um ligeiro tremor passou por seu corpo... Ao subir Bettina quasi correndo, Alan verificou que debaixo do casaco meio aberto ella tinha ainda menos roupa do que Edwina...

Enganar-se-ia? Ou era seu processo adoptado por outro marido? Para se assegurar, olhou attentamente para Bettina e a ouviu exclamar:

— Olha, Edwina!... Olha... Venho vestida de Cleopatra!... Que achas... E tu?...

Entreabrindo tambem seu casaco Edwina mostrou uma saia curta de seda verde prateada, seus pés calçados de botas verdes tambem.

— Eu?... de pirata!

— Estás linda!... Muito original!...

Bettina não se cansava de elogiar sua amiga. Virando-se para Alan, perguntou:

— E Alan? Como se vestiu?

— Alan, não está fantasiado — respondeu Edwina, em tom innocente e angelical. — Não se lembrou que era um baile á fantasia. De tal modo estava occupado em tocar a buzina do carro, que nem subiu para vestir a fantasia que estava preparada sobre a cama.

DAY EDGAR

— Que aconteceu commigo? Onde estou?

— O senhor foi atropelado por um automovel e está em casa de sua sogra. Teve muita sorte!

— Parece-lhe?

Escriptores e livros

Oscar Mafra — REDUTO DA SOLEDADE — Grafica Sauer — Rio — 4$

ENTRE os muitos livros que tenho sobre a mesa de trabalho, este aguardava a sua vez... Agora, lamento ter retardado a leitura do mesmo. Por que? A resposta é simples. Trata-se de um escriptor sympathico, ao primeiro contacto. Sabe dizer as coisas com uma singeleza encantadora, armando as scenas com arte e rara propriedade.

No scenario do Recife em que se encontra o reducto da Soledade. E' a concentração dos revolucionarios pernambucanos que dá margem a umas tantas paginas vibrantes de enthusiasmo, entrecortadas de doce romantismo, talvez porque o autor seja mais artista do que soldado. Aliás, o livro reune uma série de contos e narrativas, que são estão implicitamente justificados pelo titulo da obra. A maioria dos trabalhos são verdadeiras manchas da vida, retocadas a côres fortes. E não ha como distinguir a melhor, deante da harmonia dos trabalhos. Um livro delicioso.

Duncher-Goldschmidt e Wittfogel — HIST. DO MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL — Alba, editora — Rio — 3$

ESTA collecção, publicada em pequenos volumes, vem supprir as necessidades dos que desejam estudar o *marxismo*.

A orientação foi entregue ao dr. Benigno Fernandes, que soube desempenhar-se perfeitamente da tarefa. Linguagem simples, accessivel a todos, o que dispensa para o estudo qualquer conhecimento theorico prévio. O primeiro volume publicado refere-se á *Grande revolução franceza*, e o segundo trata da *Revolução industrial da Inglaterra e o Cartismo*.

Alceu Amoroso Lima — INTRODUCÇÃO A' ECONOMIA MODERNA — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 10$

O autor tem firmado um nome literario de grande projecção: Tristão de Athayde. E' uma intelligencia brilhante, argumentador seductor; por isto, as suas obras são lidas com prazer.

Divide-se o volume em quatro partes: o Paganismo, o Medievalismo, o Naturalismo economico e o Neo-Naturalismo, nas quaes encontramos a exposição erudita dos pontos de vista do autor.

Apesar de divergirmos das doutrinas do sr. Alceu Amoroso Lima, não negamos o mérito da obra, producto de meditação acurada, de estudos que bem revelam uma grande cultura generalizada.

Baptista Pereira — PELO BRASIL MAIOR — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 10$

A operosidade literaria do sr. Baptista Pereira está marcada pela publicação de uma série recente de trabalhos, todos dignos do mais alto apreço, quer pela materia estudada, quer pela erudição revelada. Quatro são os capitulos principaes deste volume: *Civilização com Barbarie; O Brasil e a raça; Brasilidade*, e *A formação espiritual do Brasil*. Estes capitulos desdobram-se em outros estudos curiosos, formando um livro de mais de quatrocentas paginas. Desnecessario torna-se salientar que os themas explorados focalizam o espirito de brasilidade que o autor procura incutir na massa, detalhando factos, analysando figuras da scena politica, resolvendo pontos obscuros da historia, exhibindo, emfim, uma cultura solida a serviço de uma intelligencia brilhante. Um volume excellente, da série *Brasiliana*, da Bibliotheca Pedagogica Brasileira.

Adolfo Coelho — ESPIONAGEM — Liv. Classica Editora — Lisboa

O autor vem publicando uma série de livros interessantes, que constituem paginas documentadas do movimento de espionagem na Europa, que attingiu ao auge durante a Grande Guerra, movimento que volta a preoccupar o velho mundo, actualmente. Este volume revela factos sensacionaes, destacando-se o capitulo referente á carreira sangrenta de Martha Cnockaert, espiã belga, capitulo verdadeiramente dramatico, pelo vivo colorido.

C. de Mello Leitão — CURSO ELEMENTAR DE HIST. NATURAL — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 12$

ESTE segundo volume da obra em bôa hora lançada pelo illustre prof. de Zoologia do Museu Nacional e prof. de Hist. Natural do Instituto de Educação segue o plano traçado para o anterior, destinado aos estudantes do terceiro anno do curso gymnasial. O autor declara-se recompensado dos seus esforços devido ao acolhimento que teve a sua iniciativa, pois, tratando-se de um trabalho escripto em moldes diversos dos compendios communs e fóra do systema, do agrado dos professores improvisados, de indice analytico do programma official, foi com a mais grata surpreza que viu o espirito novo que anima o professorado secundario, finalmente livre da tutela de certos mentores, que nem sempre são os mais aptos. Deve realmente ser agradavel registar a evolução por que passa a mentalidade dos nossos professores, e maior é a nossa alegria reconhecendo o progresso da nossa literatura didactica, onde já encontramos trabalhos dignos do mais alto apreço, como este, cujo apparecimento vem despertando vivo interesse.

Jean d'Agraives — O LUGRE FANTASMA — Liv. Classica Editora — Lisboa — 6$

AINDA um trabalho de Jean d'Agraves vem de constituir o terceiro volume da *Coleção de romances de aventuras*, lançada com grande exito, pela editora portugueza.

Marten Cumberland — A ESCOLA DO CRIME — Comp. Edit. Nacional — São Paulo — 5$

COMO geralmente acontece com os volumes da *Collecção Para Todos*, este interessa, revelando o autor magnificas qualidades de escriptor de novellas policiaes.

Manoel Victor — OS 3 TINTEIROS — Comp. Edit. Nacional — São Paulo

E' um livro que só pela extravagancia do titulo merece attenção. O autor escreve, escreve sobre os mais variados assumptos, mas, por fim, o leitor percebe que as idéas ficaram no fundo dos tinteiros... E isto acontece a muita gente bôa, que, pelo facto de escrever muito, suppõe ser *escriptor*.

Henry Holt — O TREM DA MEIA NOITE — Comp. Edit. Nacional — São Paulo — 5$

TRADUZIDO do francez, este romance prende a attenção do leitor, do primeiro ao ultimo capitulo. O volume, contendo varias illustrações, pertence á *Collecção Para Todos*.

João Antero de Carvalho — HISTORIA DO BRASIL — Rio

NA organização deste trabalho, o autor usou de linguagem singela, procurando incutir noções claras aos que iniciam o estudo da Historia do Brasil. São os factos narrados, em syntheses, que facilmente ficam gravados no espirito das creanças. O autor, infelizmente, incluiu no trabalho apreciações sobre os mais recentes acontecimentos do paiz, que não são apreciados com isenção de animo, o que, do nosso ponto de vista, prejudicou, um pouco, o valor da obra. Não fôra este ligeiro reparo, e só teriamos palavras de elogio ao autor.

Mayne Reid — O REI DOS SEMINOLAS — Liv. Catholica — Rio — 5$

O autor tomou as guerras dos indios da Florida, os pélles vermelhas, para motivo deste romance movimentado, por vezes empolgante. A traducção de Donatello Grieco é excellente.

Armando d'Aguiar — A DITADURA E OS POLITICOS — Editorial Hercules — Lisboa

ARMANDO D'AGUIAR, jornalista portuguez, redactor do *Diario de Noticias*, de Lisbôa, ha seis annos, é, ha sete, correspondente do *Correio da Manhã*. Amigo do Brasil, aqui esteve pela primeira vez em dezembro de 1929, como enviado daquelle grande jornal lisboeta.. E' um dos jornalistas portuguezes mais viajados, tendo visitado em 1931 e 1932 a Belgica, a Hollanda, a Allemanha, a Polonia, a Tchecoslováquia, a Lituania, a Letónia e a Estónia, escrevendo sobre os mesmos paizes varios artigos interessantes. Apesar de ser um dos mais novos jornalistas portuguezes, possúe já algumas publicações, entre as quaes este livro, que tanto escandalo produziu em Portugal, em virtude da materia que encerra, nada menos de onze entrevistas com alguns dos mais irreconciliaveis inimigos da dictadura de Oliveira Salazar. Trata-se de um inquerito curioso, no qual depõem individuos desde os mais avançados aos mais conservadores... Inimigos e amigos...

Armando d'Aguiar informa ao publico a intenção, a razão do livro.

"*A Ditadura e os Politicos* é um cartaz luminoso, uma *féerie* de nomes illustres, que falam sobre o Consulado Militar, que o atacam e o defendem, que exaltam as suas obras e condenam os seus êrros. E ao descrever a ultima palavra deste meu trabalho, uma affirmação deixo aqui exarada: de que nunca me animou o menor desejo de agradar a uns e prejudicar a outros. Procurei a Verdade, sómente a Verdade e nada mais do que a Verdade."

Esta declaração predispõe á leitura. Os personagens desfilam perante os leitores: Gomes da Costa, Domingos Pereira, Tamagnini Barbosa, Affonso Costa, Ramada Curto, Cunha Leal, Manuel Maria Coelho, Antonio Maria da Silva, D. João d'Almeida, Vicente de Freitas e Magalhães Lima. O depoimento mais completo, que revéla um temperamento masculo, uma intelligencia clara, de aguda penetração, é, sem duvida, o de Domingos Pereira. Destaca-se de maneira visivel, dos demais, pelo desassombro das attitudes e das idéas. Ségue o depoimento de Ramada Curto, *leader* socialista, espirito lúcido. Os outros afinam pelo mesmo diapasão, isto é, apresentam altos e baixos, sem nada de notavel.

Emfim, Armando d'Aguiar realizou uma reportagem sensacional do ponto de vista politico que permitte uma justa apreciação da actualidade portugueza.

Mario Pati

SUPPLICA

De Amira

MEU amôr, meu lindo sonho, onde estás que não respondes a meus chamados?

Procuro-te por toda parte sem que tenha a ventura de te encontrar...

Vem! Já esqueceste que eu te quero muito, que tu és o meu tudo?

Já não te lembras, querido, das noites de inverno que passavamos juntos, unidos num terno amplexo, testemunhados apenas pela luz velada de um *abat-jour* roxo, embebidos na eloquencia de um silencio maravilhoso que dizia mais do que as proprias palavras?...

Vem! Deixa cahir sobre mim a suavidade tepida do teu olhar, que nada diz dizendo tudo, do teu olhar que embriaga, que seduz, que mata...

Vem! Acariciar o meu corpo moreno, árido, sequioso de teu afago!...

Deixa que eu estremeça ao teu abraço forte, que me desperta para a vida, para o amôr!...

Deixa que eu sinta o teu halito quente segredando aos meus ouvidos palavras carinhosas!...

Deixa que a minha vida se desprenda para se unir á tua num beijo grande, bem grande, muito grande, que eu quizéra durasse uma existencia!...

Vem, meu lindo principe encantado, vem povoar de realidade o sonho roseo de minha vida tão vazia!...

Vem! Tudo te espera — a luz mortiça de nosso *abat-jour* roxo, os teus discos de valsas sentimentaes e tangos dolentes... tudo... tudo...

Vem! Eu estou aqui para ser tua, bem tua, somente tua!...

Vem!...

Não me ouves? Eu te quero, eu te chamo, eu te desejo!...

Durmam calados!

De Itavaz

É da maxima prudencia não fazer monologos quando se dorme, porque é um habito imprudente, que póde acarretar as mais nefastas consequencias. Basta dar, como exemplo, o triste caso de Yago, quando, para induzir Othelo a matar Desdemona, mentia perfidamente, insinuando-lhe que o "Cassio, dormindo murmurava: sem cessar: *Oh, Desdemona suave! E' mister esconder o nosso amor!*"

Othelo deduziu dessa informação a certeza da trahição de Cassio, e todos conhecemos a horrenda tragedia que extinguiu os componentes da illustre estirpe do Mouro de Veneza.

E', pois, como repito, da mais elementar prudencia, não deixar escapolir, durante o somno, certas phrases suggestivas, capazes de revelar o intimo de nossa alma.

Foi por isto que a imprensa carioca teve ensejo de publicar successivos artigos, fartamente illustrados, sobre o caso da menina Elisa, accusada de revelar, quando dormia, os mais reconditos segredos de sua alma pura. Não foi todavaia um Yago quem lhe surprehendêra as involuntarias confidencias. Foi o irmão! Elle dormia no quarto ao lado e foi, inesperadamente, acordado pelos gritos, suspiros, palavras mancas, phrases cortadas, ditas em voz alta pela irmã adormecida. Elisa dizia, entre outras coisas:

— Octavio!... Bycicleta... Tijuca... Pic-nic... Bosque... Furnas... Um beijo... Meu amor! Sim! Sim!

Não havia duvida: Com aquellas vozes cortadas, Elisa trahia o intimo encanto das horas felizes passadas nas furnas da Tijuca, sem o conhecimento da familia! Muito mais intelligente do que o impulsivo Othelo, o irmão de Elisa continuou

(Cont. na pag. seguinte)

a escutar o quanto lhe bastou para ir no dia seguinte esbofetear o seu intimo amigo Octavio, que havia persuadido. Elisa a faltar ao seu dever de trabalho na repartição da Prefeitura, levando-a, de um modo muito incommodo, sentada no guião da motocycleta, até as furnas da Tijuca, onde haviam passado juntos horas deliciosas. Dahi denuncia de rapto, desvio de menor... e coisas ainda peores; mas felizmente Octavio e Elisa provaram sua completa innocencia, e tudo acabou muito bem, talvez mesmo num casamento, como succede nas comedias e nos melhores films futuristas.

Peor, muito peor seria um caso semelhante entre marido e mulher. Exemplo: E' alta noite. Dois conjuges dormem profundamente. De repente, a mulher, sonhando, exclama, com força:

— Pompeu! Pompeu!

Carlos José, o marido, acorda assustado, accende a luz, senta-se na cama e, ouvindo aquelle nome febrilmente repetido pela mulher, pensa logo:

— Pompeu? Deve ser o nome do seu amante. Bem me haviam assegurado que ella me trahia. Infame! Mas havemos de ver isto!

Toca ligeiramente na espadua da mulher, que acorda sobresaltada:

— Que ha? Ah! Es tu? Que queres? — Fizeste-me medo.

— Quem é esse *Pompeu?*

— Quem?

— Não disfarces. E' inutil! Sei de tudo: ha dez minutos que sonhas, chamando "Pompeu! Pompeu!"

O rosto da mulher illumina-se de inesperada alegria:

D u r m a m

(*Continuação*)

— Pompeu? — Ah! Emfim! Desde hontem, ás 9 horas da noite, que dou tratos á cabeça sem poder me lembrar! E' isto mesmo: Pompeu!

— E' o teu amante!

— Estás louco?! Pompeu, o general romano que morreu victimado por um raio... é justamente o nome de que eu precisava...

— ?!

— O nome de 6 letras, o ultimo que me faltava para resolver o problema das *palavras cruzadas.*

Reconciliação, sorrisos, abraços... Carlos José readormece, feliz.

* * *

Outra casa. Outros conjuges.

O marido, que desta vez se chama Julio, é bruscamente acordado pelas seguintes palavras energicamente pronunciadas pela cara metade:

— Mais dias, menos dias, desejava dizer-te, e não somente a ti, mas a todos; gritál-o a qualquer pessôa... proclamál-o ao mundo inteiro! Eu não me casei comtigo por amor, não! (*Julio estremece!*) Só consenti em casar comtgo, obrigada por meus paes (*Julio, pállido: "Ah-sim"?*),... que só consideraram a o teu dinheiro. (*Julio pega, instinctivamente, na carteira que está debaixo do travesseiro*). sem reparar na tua velhice... no teu cansaço (*Julio olha-se com altivez no espelho grande do guarda roupa*)... na tua calvivie. (*Elle passa a mão pelos cabellos ralos, porem ainda presentes!*)... E por tudo isto, não ficarei nem mais uma hora ao teu lado! (*Julio, côr de terra, está quasi pegando*

...calados!

(*Conclusão*)

...sacudindo com força o braço ...a mulher. *Mas ella continua*:)

...em mais um minuto, — repete ...baroneza, com olhar brilhante ...mo a lamina de um punhal, ...vantando a pesada cortina de ...elludo...

...Julio ahi, faz um profundo ...spiro de allivio! Lembra-se ...que a mulher é uma apaixo...da leitora de romances de ca... e espada e, reparando me...r. vê, ainda jogado sobre a ...lcha da cama, o III° volume ...ultimo livro, traduzido, de ...onson du Terrail Uffa! que ...sto!

* * *

Houve todavia, outro caso tal...z ainda mais humoristico do ...e os anteriores!...

Sara e Abrahão dormiam com ...anjos no silencio da noite, ...ando de repente se ouviu re...r um apito, ou antes um as...bio... um assobio rythmado, ...eio de cadencias harmoniosas ...ao mesmo tempo energicas:

— Abrahão! A b r a h ã o! — ...ma Sara, sacudindo leve...nte o consorte.

O assobio pára; o motivo fica ...rtado no meio, e Abrahão, ...n abrir os olhos, murmura:

— Querida?

— Estás assoviando!

— Eu, assoviando?

— Sim: estavas assobiando a ...*viata* não sabes? Aquella ...a do pae do tenor. *O mar e a* ...*ra de Provencia*...

— De *Provencia?* — faz o ...rido, tonto de somno:

— Justamente! Mas estavas ...oviando a aria com rythmo ...ncopado de *fox-trot* como se ...a no *jazz-band*...

A dona da casa. — Por que o senhor bate na minha porta, si traz o carro completamente vazio?

O verdureiro. — E' o habito senhora. Como a patrôa nunca precisa de nada...

— Ah? Então póde ser que não fosse a *Traviata*. Seria talvez a canção do baixo comico, da nova opereta do mestre Cazuza, que ouvi hontem á noite! Dorme, meu bem, dorme!

Abrahão vira-se para o outro lado e cinco minutos depois começa a assoviar a *ouverture* do *Barbeiro de Sevilha* em andamento de valsa! Emfim, até as 9 da manhã a infeliz mulher do *patriarcha* não póde conciliar o somno por causa da nova opereta do amigo maestro Cazuza!

Todos esses episodios acabaram em paz; mas é melhor não falar dormindo...

As aventuras da joven Elisa, que tem hoje as honras da imprensa, poderiam ter acabado em tragedia, assim como o marido que assobiou arias da Traviata poderia acabar tambem muito mal, se não tivesse adoptado um systema heroico neste tempo de calor. Sara acordou uma noite destas ouvindo um gemido prolongado. Olhou o marido e o viu com a cara estreitamente amarrada por uma toalha rasgada.

— Misericordia, que foi isso? — indagou ella, desatando os nós do trapo, emquanto imagina scenas de ladrões e assassinos.

— Não foi nada, querida — respondeu o innocente Abrahão, enrubecendo: — tive tamanha dôr de dentes, que precisei tapar minha bôcca!

Elle queria simplesmente evitar os assobios que desmascaravam as suas farras... com musica!...

A MORTE

— Meu amôr, venha... Quem o abraça, Carlos? Logo vi! Você gosta só de mim, não é? Dê-me um beijo, sim? Eu lhe quero tanto...

Gilda delirava...

— Minha filha, durma, meu anjo; elle já telegraphou dizendo que dentro em pouco chegará.

— Oh! mamãe! Olha que alguem o segue! Quem é?

— E' impressão, queridinha; elle vem tão sózinho e com tanta saudade de você...

Durante esse delirio, que já durava quatro dias, Gilda só se referia a Carlos, um garboso guarda-marinha que tão bem soubéra não só lhe agradar a vista, como tambem possuir seu terno coração.

E a chamma que surgiu do primeiro olhar se avivou, cada vez mais, nessa alma joven.

Elle a amou com este amôr arrebatador, egoista e intenso, que faz todas as aspirações se resumirem no sêr amado.

E elles eram felizes...

Gilda adoeceu.

Carlos, que 5 dias antes, havia partido, ao receber o telegramma, regressou immediatamente. Seu olhar estava alheio a tudo, e mal podia caminhar.

A dôr era tão grande...

Chegando ao leito de Gilda, debruçou-se na cabeceira da joven, osculou-lhe ternamente a fronte e, sentando-se ao lado daquelle ente que a morte lhe queria roubar, começou a soluçar amargamente.

Dias depois, Gilda melhorou... Olhou Carlos ao lado, tão affectuoso, tão transbordante de carinhos, e lagrimas copiosas jorraram-lhe pelas faces.

— Meu amôr, não quero morrer! Iamos ser tão felizes.

— Deus é grande, Gildinha! Você vae ficar bôa e vamos nos casar em breve, não é?

— Qual! Sinto uma visão horrenda se approximar, abraçar-me e dizer: "Vem commigo; é chegada a tua hora".

— Oh!, minha santinha, é consequencia de sua doença! Quem o abraça sou eu. Não quero que morra; ella não a levará.

— Sei que vou partir; desejo fazer-lhe um pedido: não casará com outra, sim, Carlos?

— Não fale isso! Só hei de me casar com você. Ouça: quando você fôr minha, só minha, haveremos de ser tão ditosos; viveremos sempre juntinhos, abraçados e trocaremos muitos beijinhos, não é?

— E', meu amôr.

Carlos beijava avida-mente a bôcca rosad que uma febre forte to nava escaldante.

— Vou morrer, e voc jura que não dará se affecto a outra?

— Juro! Como pode rei viver sem você?

Elle acariciava a mãos tão alvas e min sas, que a doença havi tornado pállidas, qua diaphanas; e aquelle ro to tão amado, que dia dia perdia o colorido ficava angelico, quasi d vino.

....

Oh! morte!, tu, q zombas de todos os p deres, de todas as riq zas, de todas as glorias que tudo devóras, q tudo exterminas, ous tambem zombar do amô

Os poderes, as riq zas e as glorias, tu póde arrebatar; quem offerece é o mundo; riam com o tempo e co os povos. Mas o amô sopro divino, esse sen mento sublime que t comsigo tudo o que de puro, tudo o que ha santo, de perfeito no u verso, oh!, morte! não vencerás!

....

Um mez depois, e plena primavera, a m nhã vinha rompendo, passaros anunciavam alvorada e anjos, entó do hymnos, vieram b car Gilda para a fes do céo...

Carlos seguia-a pel alamedas arborizadas sombrias, que corta aquelle recinto.

E, ao voltar, senti se tão só e abandona que resolveu reunir-se ella...

A tarde agonizava le tamente...

Os vespertinos já er annunciados:

— Suicidio de um ven guarda-marinha gritavam os peque jornaleiros.

....

Oh, morte! Só o am tu não venceste!

MARIÚCH

TOWARDS THE SOUTHERN CROSS...

Begonia lily, honeysuckle, rose,
Have spilt their perfumes on the tropic air;
Hoarse bullfrogs, that alone in concert dare
To break the charméd silence with their woes,
Salute Tijuca. But, what rapturous throes
Enthrall the devotees of Rio fair,
Whose every point of light, half-hidden there,
Far, far below, a-twinkle, comes and goes.
You *walk beneath a glittering, azure sky:*
Proud, brightly cold, the Southern stars'array
Dazzles your eye; but here, *remembrance sweet*
Touches each spot with love's own alchemy.
Above your head, ablaze: the Milky Way —
But here, the Milky Way lies at my feet!

Alto da Bôa Vista, January, 1934.

EMILY ERSKINE-GRAY

PALAVRAS SOBRE O ARTISTA

NA enorme inquietação do mundo moderno, o rtista não passa do terivel inquieto de sempre

Em meio á vida angusiante do seculo, rodeado a tropelia de todas as stas do materia e *pela* ateria, levanta, de quanio em quando, a cabeça rregada de sonhos, cirumvaga o olhar estrahamente illuminado, reuxa os labios no sorriso squesito dos seres supeiores, e mergulha de no- em sua maravilhosa ida interior.

* * *

O artista se nos afigu-a, por si só, um parado que desconcerta.

Elle é quem mais perebe, na polichromia do smos, cambiantes delidissimos.

Elle é o conhecedor nico de segredos inmeros, que seus sentis privilegiados aprendem no mundo exerno.

Elle, o artista, metaorphoseia céo e chão, spaço e terra, côr e penamentos, curvas e sons, m magnificas creações e belleza.

Elle, o artista, amolda, sua ansia incontida de sthesia, tudo de que tem onsciencia, e faz, do montoar confuso de mil mpressões, faz poemas ncantados, paginas desmbrantes.

No emtanto, ama em xtremo o seu "eu", vive ais para a intimidade eliciosa de seu espirito eito. E, em vez de asirar o dominio absoluto e todas as coisas, preere acariciar as inconveis vibrações que llas, de continuo, provoam em si.

* * *

O artista é cheio de écos. Tudo nelle repercute. Todas as emoções procuram sua alma. E, qualquer que seja o motivo, essas emoções tendem a se traduzir em variadas fórmas de arte.

O artista é cheio de écos. Por isso mesmo, ri com a alegria, chora com a tristeza, acabrunha-se com o desencanto, expande-se com a victoria. Por isso mesmo, seu coração plange doridamente com todos os bronzes de finados, e bimbalha festivo com todos os sinos de Natal.

E, pela predestinação esplendida de sua espiritualidade, considera Deus, e o ser humano, e a natureza, pelo magico prisma de sua arte.

E por que não fazer assim? Por que não celebrar a natureza, e o ser humano, e Deus com a visão da esthetica e a comprehensão artistica?

* * *

Deus, sendo o Bem absoluto e o Verdadeiro perfeito, é tambem o Bello integral.

O ser humano é, por si, uma obra prima da creação, e um hymno cantado á belleza pelos encantos da mulher, pelo esforço dominador do homem.

E a natureza, (reza lá o velho thema), é um lindo exemplo da harmonia creadora e nos fala, a todos os momentos, de todos os motivos de arte.

* * *

Em vista de tudo isso, rodeado e simultaneamente saturado de deslumbramentos, não há de ser o artista o terrivel inquieto de sempre na enorme inquietação do mundo moderno?

NEWTON SAMPAIO

SOU EU QUEM CHORA NOS OLHINHOS DELLA...

Um dia tu serás uma noivinha
E has de pôr tua mão numa outra mão.
Nessa bôcca vermelha que foi minha
Outros labios nervosos pousarão.

Ouvirás, a tremer, a ladainha
Que os padres, ad aeternum, *pregarão.*
Dos teus olhos azues de bonequinha
Em torrentes meus prantos rolarão...

Vendo-te assim chorar perdidamente,
Perguntará, no tempo, toda gente:
— Que tanto choras, ó noivinha bella?

Se visse meu semblante merencorio.
Diria qualquer santo, do oratorio:
— Horacio chora nos olhinhos della!...

HORACIO MENDES

UM ROMANCE

BRASILINA MARIA DE JESUS pertencia a uma das mais antigas familias do seu Estado.

Quando moça, padecêra, com sua gente, as asperezas da repudiada servidão. Humilde, paciente, resignada, portou-se como um modelo de victima do captiveiro.

Uma certa manhã, ella e os seus foram chamados á presença do senhor. Este, em voz alta e solenne, um sorriso franco nos labios, lhes annunciou:

— Vocês estão livres... A escravatura foi abolida. Peço-lhes, porém, uma coisa...

O velho fazendeiro pediu-lhes que não fôssem embora da fazenda. Rogou-lhes que ficassem com elle, trabalhando como colonos.

Os contemplados pela sábia lei, bemdisséram a Providencia, que os cumulava de uma bôa fartura duplicadas a elles que sómente vinham conhecendo a desdita. Iam desprender-se do jugo que os manietava de longa data e, ao mesmo tempo, o sr. Saldanha lhes franqueava a propriedade agricola, onde não lhes faltaria serviço livre e remunerador. O pedido do antigo senhor mereceu a melhor das attenções de seus ex-escravos.

Elles não se negaram a nada... Em sentido figurado, póde-se dizer que continuavam por si mesmos a ser escravos do sr. Arthur: uma escravidão antagonica á que acabava de ser estirpada da patria brasileira.

* * *

Pouco a pouco, paes e irmãos de Brasilina deixavam o mundo, e ella se via sózinha, numa impavida resistencia aos arremessos das enfermidades.

A familia do antigo senhor conservou-a junto a si. Como para os trabalhos da roça, a sua idade não mais a habilitasse, ella foi encarregada dos serviços da cozinha.

Humildemente, a mulherzinha fixou-se no posto de cozinheira. Tinha algum conhecimento da arte culinaria pelo que aprendêra em sua casa com os parentes — com a sua mãe, em primeiro logar.

No casarão antigo da propriedade agricola, em companhia da familia que a estimava, ella foi cumprindo a sua finalidade: permanecer dilatado tempo nesta vida terrena...

* * *

Um escriptor residente numa grande cidade estava a colligir elementos para um romance historico. O seu primeiro livro que versava o assumpto em voga.

Havia um determinado facto que alguns documentos mencionavam ligeiramente; faltavam os alongamentos dos pormenores esclarecedores.

Aquella occorrencia, que tivéra como theatro as espheras sociaes de antanho, se assignalava por uns tons de pinturesco e sensacional. Mas o romancista achava insufficiente e escassa referencia; com esse material não lhe era possivel organizar uma trama completa. Elle teria de conseguir uma narrativa minuciosa, fôsse como fôsse...

Mezes e mezes andou Lourenço Pereira a revolver os archivos publicos e particulares. Buscas infrutiferas.

* * *

Lourenço tivéra de ir a uma cidade do interior visitar um parente proximo enfermo.

Ao passar alguns dias na localidade, foi-lhe proporcionado por parentes e amigos um passeio á fazenda do coronel Saldanha, a mais bella e aprazivel propriedade agricola da zona. Ahí esteve seis dias.

O romancista entreteve palestra com Brasilina Maria de Jesus, a cozinheira da familia do coronel Saldanha.

Nessa conversa, que elle entabolára despreoccupadamente, Bralina evocou o passado. Lourenço ouviu da velhinha uma narração circumstanciada, que era bem aquella de que elle necessitava; era, assim, a base sobre a qual esse escriptor ia apoiar toda a urdidura de seu romance.

— O caso foi assim, Sinhô moço...

Oh! Lourenço erperimentou um jubilo completo, derramado! Agradeceu ternamente á velhinha o auxilio que lhe prestava, cooperação tão opportuna, tão extraordinaria, posto que fortuita e inconsciente. Brasilina mal sabia articular algumas syllabas, em que externava sua incomprehensão ante os transportes de loquacidade de seu interlocutor. Com algum custo, entendeu tudo...

— E' isso, d. Brasilina...

A velha da era enevoada da escravatura narrára, com fidelidade, a historia de que ella conhecia todas as passagens, por têl-as ouvido de outras bôccas, na occasião mesma do succedido. A memoria era uma faculdade de que dispunha em crescido grão. Nem mesmo a idade lh'a toldára. O caso historico ella o rememorára ao acaso da conversa, e com toda a despretenção.

* * *

O romancista escreveu e fez publicar o livro. O éxito de mais retumbante evidencia do anno literario, naquelle tempo. Exito dos mais positivos e satisfatorios.

Os criticos, criticoides e o publico ledor, foram os admiradores sinceros do livro.

A remuneração auferida pelo romancista era das que, em tal época, deviam figurar no quadro dos rendimentos invejaveis. Uma recompensa e um incentivo...

Lourenço, alma de *élite*, não era egoista. Seu caracter recto impôz-lhe um dever de gratidão para com a velhinha...

Da cidade grande onde morava, Lourenço, com um amigo, seguiu viagem directa para a fazenda do coronel Saldanha.

Lourenço Pereira solicitou ao fazendeiro que fizesse chamar a velha cozinheira.

— D. Brasilina, quero dar-lhe um presentinho... Diga o que deseja...

Elle lhe falou, nestes termos, e enumerou tudo quanto ella poderia obter... Durante agradabilissimos minutos, Brasilina Maria de Jesus esteve sob o imperio do des-

HISTORICO

...lumbramento. O escriptor assemelhava-se a um magico.

— Posso trazer-lhe um rico vestido e um guarda-roupa de luxo, e...

A velhinha interrompeu-o...

— Num precisa nada disso... Num diga mais coisas...

A descripção alongar-se-ia, si a Brasilina désse plena liberdade ao romancista; mas ella parecia estar resolvida a impedir que elle fizésse as taes descriminações longas, porque a bôa velha não desejava receber nada...

— Ora, diga o que quer...

Após persistente relutancia, Brasilina decidiu-se: que elle lhe comprasse um lenço de chita com ramagem . Já os tinha alguns, mas, podendo ter ainda outro, ella não se desgostaria...

— Só isso, moço...

— E' pouco...

— Num é...

Sua preferencia foi acatada.

* * *

Lourenço Pereira, passados alguns dias, achando-se já na cidade de sua residencia, comprou o lenço de chita para a Brasilina. Elle, pessoalmente, de automovel, levou o presente á sua cooperadora.

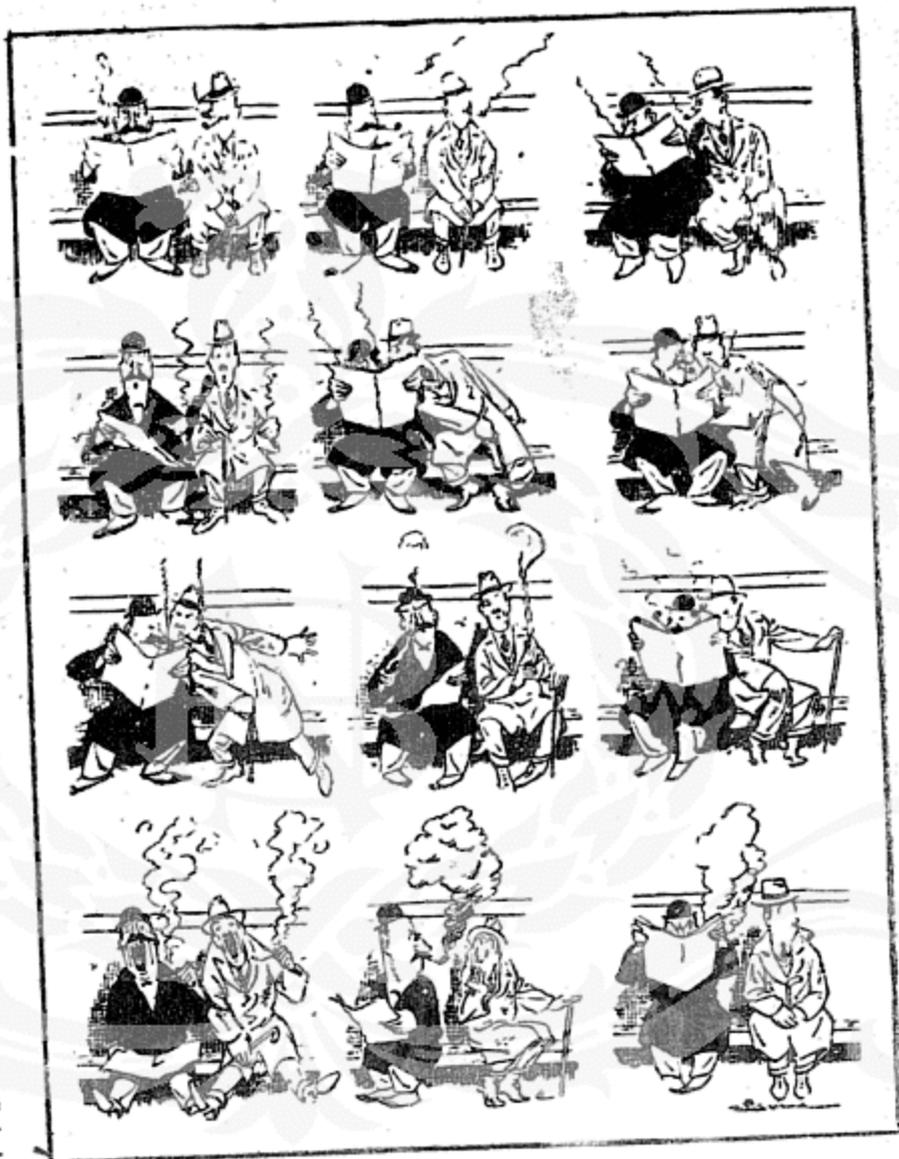
— Está aqui...

— Muito agradecida...

* * *

Não foi sómente no lenço de chita em que consistiu a generosidade grata do romancista: houve mais... Lourenço, de quando em vez, presenteava a velhinha e a ia buscar e a trazia, proporcionando-lhe passeios esplendidos na cidade bella, immensa e populosa.

Graças á sua intervenção junto ao sr. Saldanha, Brasilina de Jesus obteve sua "aposentadoria" como cozinheira. Ficou encarregada dos leves serviços domesticos.

ASSIS MORAES

HISTORIA MUDA — Uma noticia interessante...

A lenda do...

(SHERLOCK HOLMES...

(Continuação do numero anterior)

— Está acostumado a carregar com esta bengala, atraz do dono. Ora, como o pau é pesado, o cachorro abocava-o com força, pelo meio, e os signaes dos dentes cá estão, visiveis e manifestos. A mandibula do cão, conforme se observa no espaço entre estes signaes, é, na minha opinião, larga de mais para um rafeiro e de menos para um mastim. E' possivel que seja... sim, por Jove, é um cão de agua de pello encaracolado.

Levantara-se e passeava pelo quarto emquanto falava. Agora, estacara no vão da janella. Elevara tanto a sua voz que levantei par elle os olhos, pasmado.

— Meu caro, como é que póde ter a certeza disso que affirma?

— Pela razão, simplissima, de estar vendo daqui o proprio cachorro assomar ao patim da nossa escada, e eis que retine o toque de campainha do dono. Não se levante caro amigo, é um seu collega, e a sua presença poderá representar para mim um auxilio. Eis chegado o lance dramatico da sorte, Watson, no acto de ouvirmos umas passadas na nossa escada, e passadas que vem invadir-nos a vida, sem que saibamos se será para bem, se para mal. Que terá o dr. James Motimer, o homem de sciencia, que indagar de Sherlock Holmes, o especialista em criminologia?

— Pode entrar!

O aspecto do nosso visitante foi para mim uma surpreza, visto como eu estava á espera de ver um clinico rural typico. Era um homem muito alto, magro, com nariz cumprido, tal qual o bico de um passaro, espetado entre dois olhos sagazes, garços, muito juntos e a luzirem por detraz de uns oculos com aros de ouro.

Trajava ao modo dos da profissão mas com um certo desalinho, um tanto enxovalhado o casaco, ... as calças esfiapadas.

Moço ainda, e não obstante, já um tanto alquebrad... curvo das costas, extensissimas, e no acto de anda... projectando para a frente a cabeça, com uns ares d... benevolencia abelhuda.

Assim que entrou, feriu-lhe a vista a bengala qu... Holmes tinha na mão, e correu para ella com um... exclamação de verdadeira alegria.

— Estou contentissimo, disse logo. Estava em d... vida se a teria deixado aqui ou no escriptorio d... agencia maritima. Antes queria perder fosse o qu... fosse, neste mundo, do que esta bengala.

— Uma offerenda, segundo presumo?... pergunto... Holmes.

— Sim, senhor.

— Do Hospital de Charing Cross?

— De uns amigos que ali tenho, por occasião d... meu casamento.

— Ai, ai, ai! Isso é que não é do jogo! atalho... Holmes, abanando a cabeça.

O dr. Mortimer pestanejou por traz dos oculos...

— Não é do jogo! E por que?

— Não faça caso. E' que o doutor vem transtorna... algum tanto as nossas deducçõezinhas. Do seu casamento, diz o senhor?

— Tal qual. Casei e, por esse facto, deixei o hospital e com elle quaesquer esperanças de estabelece... consultorio. Tornava-se-me urgente cuidar do lar do... mestico.

— Vamos lá que, ainda assim, não lhe andamo... muito longe, disse Holmes. E agora, dr. James Mortimer...

— Doutor, não; pratico, apenas... — um humilde... M. R. C. S.

— E um homem com o juizo no seu logar, é evidente.

— Um chafurdador da sciencia, senhor Holmes... um respirador de conchas nos areaes do ignoto e... vasto oceano. Presumo estar me dirigindo ao sr. Sherlock Holmes e não ao, ao...

— Perdão, este senhor e o dr. Watson, meu amigo...

— Muito estimo conhecel-o. Ouvi mencionar o seu nome em relação intima com o do seu amigo. O sr. Holmes inspira-me singular interesse. Estava longe de esperar encontrar um craneo tão delicocephalo, e um desenvolvimento supra-orbital tão accentuado. Terá duvida em que eu corra o dedo ao longo da su... sutura parietal? Um molde do seu craneo, meu car... senhor, emquanto não estiver disponivel o original representaria um adorno precioso em qualquer mu... seu anthorpologico. Longe de mim a idéa de suscitar assumptos tristes, mas confesso que cobiço a sua c... veira.

Sherlock offereceu uma cadeira ao nosso visitante.

— O doutor, segundo vejo, é um enthusiasta na or... bita dos seus pensamentos, tal como eu, na dos meus... commentou. Do seu dedo indicador deprehendo que tem por costume fazer os seus cigarros. Pode fumar... não faça ceremonia.

O sujeito sacou do bolso mortalhas e tabaco e fe... um cigarro com destreza surprehendente. Tinha uns dedos esguios, compridos, tão tremulos, tão ageis e in... requietos como as antenas de um insecto. Holmes... estava calado; os seus olhos sorrateiros, incisivos... manifestavam-me porém o interesse que lhe inculti... o nosso tão curioso companheiro.

...ão phantasma

...Por CONAN DOYLE)

—Presumo, senhor, disse por fim, que não seria m o intuito unico de examinar o meu craneo que e proporcionou a honra de procurar hontem á noite novamente esta manhã?

—Não senhor, não foi; com quanto me alegre mbem o ter-se-me facultado o ensejo a que se refere. m procural-o, sr. Holmes, porque reconheço que eu, essencia, sou um homem nada pratico, e pelo facto me encontrar, de subito, a braços com um problema ito serio e não menos extraordinario. Reconhe-ndo, como effectivamente reconheço, que, na escala s mais reputados peritos da Europa, o senhor oc-pa o segundo logar...

—Deveras, senhor? Ousarei perguntar-lhe a quem be a honra de occupar o primeiro? indagou Holmes, m tal ou qual aspereza.

—Todo e qualquer individuo dotado de precisão ientifica não deixará de curvar-se, reverente, pe-nte a obra de monsieur Bertillon.

—Por que é, então, que o não consulta?

—Perdão, senhor, eu, porem, me referi ao espirito tado de precisão scientifica. Mas, na qualidade de mem pratico, e de entendido em questões de vida atica, o senhor é confessadamente o primeiro. so esperar, doutor, que, por inadvertencia, não rei...

—Um poucochinho, retorquiu Holmes. E quer-me recer, dr. Mortimer, que procederia sensatamente, ndo a bondade de me declarar, com singeleza e sem is ambages, qual a verdadeira natureza do pro-ema em favor do qual solicita o meu auxilio.

CAPITULO II

A MALDIÇÃO DA FAMILIA BASKERVILLE

—Trago aqui, na algibeira, um manuscripto.

—Isso mesmo já eu tinha observado, assim que o nhor entrou nesta sala, volveu Holmes.

—E' um manuscripto muito antigo.

—Dos principios do seculo XVIII, a não ser uma lsificação.

—E em que se funda essa sua affirmativa?

—O senhor facultou ao meu exame uma ou duas llegadas do mesmo, durante o tempo todo que tem ado a falar. Fraco seria o perito que não pudesse terminar a data de um documento com a differença uma decada, ou coisa que o valha. Haverá lido, lvez, aquella minha monographiazinha referente ao sumpto. Attribuo esse ao anno de 1735.

—A data exacta é 1742 — e assim dizendo o dr. rtimer sacou-o do bolso — Este documento de fa-lia foi entregue aos meus cuidados por sir Charles skerville, cuja morte tão subita quanto tragica, tres mezes, tão grande sensação causou no De-nshire. Posso affirmar que fui seu intimo amigo, par de medico assistente. Era um espirito atilado, gaz, energico, pratico, sr. Holmes. E não obstante, mava a serio, quanto possivel, este documento que ui vê, e o seu animo estava disposto exactamente ra o mesmo fim que eventualmente veiu a ter.

Holmes estendeu a mão para o manuscripto, e poz-a endireital-o sobre o joelho.

—Chamo a sua attenção, Watson, para o emprego ternado dos *ss* longos e dos *ss* curtos. E' este um s varios indicios que me habilitaram a fixar a ta.

Olhei por cima do hombro do meu amigo para o amarellado papel e para a letra, apagada... No cabeçalho estava escripto: "Solar de Barkerville", e por baixo em caracteres grandes, uns gatafunhos: "1742".

—Parece ser a narração de um facto qualquer.

—E' a exposição de uma certa lenda corrente na familia Baskerville.

—Mas julguei perceber que o assumpto ácerca do qual deseja consultar-me, seria de indole mais moderna e mais pratica.

—Modernissima. Materia summamente pratica e urgentissima, que tem de ser resolvida dentro do prazo de vinte e quatro horas. E' breve, porem, o manuscripto e liga-se intimamente ao caso. Se me dá licença vou ler-lh'o.

Holmes derreou-se na cadeira, ajuntando as pontas dos dedos e cerrando os olhos com uns ares de resignação. O dr. Mortimer voltou o manuscripto para a luz, e com voz estridula, de canna rachada, leu a seguinte e curiosa narrativa de tempos que já lá vão:

"Com respeito á origem do cão dos Baskervilles mais de uma affirmativa tem corrido mundo, e não obstante, como eu descendo em linha recta de Hugo Baskerville, e ouvi a historia da propria bocca de meu pae, que a ouviu tambem da bocca do proprio autor de seus dias, registrei-a, com a firme crença de que occorreria tal qual a transcrevo aqui. E desejo que acrediteis, filhos queridos, que a mesma justiça que castiga o peccado tem poder tambem para o perdoar, e que não existe culpa, por mais pesada que seja, que mercê de arrependimento sincero, da presente historia, a temer os fructos do passado, e tambem a ser circumspectos no porvir, afim de que essas paixões nefastas, que tão gravemente hão attribu-

(Continúa na pag. seguinte)

iado a nossa familia, não venham por outra vez a desencadear-se para nossa perdição.

"Sabei, pois, que, nos tempos da Grande Rebellião (cuja histroia escripta pelo erudito lord Clarendon eu mui empenhadamente recommendo á vossa attenção), estava de posse deste solar de Baskerville, Hugo do mesmo appellido ,e não consente impugnação a affirmativa de que era um homem summamente dado ao prazer, profano e nada temente a Deus. Tudo isto, em boa verdade, lhe poderiam ter perdoado os vizinhos, conscios de que santos foi coisa que jamais florseceu por estas nossas terras; e porem, attrito a uns asscmos taes de protervia crueldade, que o seu nome veiu a ser o espantalho de toda a região occidental. Aconteceu vir o dito Hugo a tomar-se de amores (se, com effeito, paixão negregada a tal ponto poderá jamais ter jus a tão formoso titulo), pela filha de um lavrador, rendeiro de umas terras, entestando com a herdade de Baskerville.

"A donzella, porem, discreta e bem reputada tentava sempre esquivar-se-lhe, receiosa da pessima fama do fidalgo.

"Veiu pois a acontecer, que em dia de São Miguel o dito Hugo, com cinco ou seis dos seus ociosos e perversos companheiros assaltou de improviso a casa do lavrador e raptou a moça, aproveitando a occasião de estarem ausentes quer o pae quer os filhos. Carregaram com ella para o solar e encerraram-n'a em um cubiculo do sotão, ao passo que Hugo e seus amigalhaços, abancados, levavam a noite de folia, segundo seu costume. A pobre rapariga por pouco não endoideceu, com aquelle barulho de cantigas, berraria e pragas de arrepiar que, lá debaixo, so salão nobre, lhe vinham azoinar os ouvidos, pois é voz corrente que ás palavras soltas por Hugo Baskerville, quando se tomava de bebida, eram de molde a fazer ir pelos ares a quem quer que as ouvia.

"Até que por fim, nos transes do pavor, aventurou-se a um acto que faria recuar de susto o homem mais energico e destemido, visto como, auxiliando-se das ramadas da hera que vestia (e veste ainda) a parede do lado sul da mansão, despenhou-se daquella immensa altura e galgou de corrida através do brejo as tres leguas que vão do solar até o casal do pae.

"Quiz o acaso que, lá pela noite adiante, Hugo, apartando-se dos comensaes, com o fito de levar de comer e de beber, — e outras coisas peores, quem sabe? — á sua captiva, veiu encontrar erma a gaiola e o passaro desapparecido? Então, ao que contam, ficou como se tivesse o diabo no corpo, visto como, descendo a escada aos pulos, investiu pela sala de jantar, saltou para cima da mesa, derrubando de roldão pratos, copos, garrafas e talheres, bradando com voz de trovão, perante toda a malta, que naquella mesma noite entregaria corpo e alma aos poderes do Averno, com tanto que lograsse haver ás mãos a rapariga. E ao passo que os alegres comensaes ficavam boquiabertos ante a furia do castellão, um delles mais perverso, ou, quiçá, mais borracho que os restantes, exclamou que lhe soltassem os cães na trilha.

Ao ouvir isto, Hugo investiu pela porta fora berrando para os lacaios qeu lhe apparelhassem a egua e fossem ao canil soltar a matilha, e arremessando aos cães um lenço da joven e levando-os á trela, despediu pela charneca em fora, á luz do luar, com alarido de ensurdecer.

"Os borrachos ficaram attonitos, um bom pedaço incapazes de perceber o alvitre, pela rapidez com que foi dito e levado a effeito. Em breve, comtudo, o embotado bestunto lhes acordou, manifestando-lhes a natureza do lance que provavelmente ia consumar-se no brejo. Foi geral a confusão, o alarido; bradava este pelas pistolas, aquelle pelo cavallo, pedia um cangirão de vinho aquelloutro. Até que por fim lhes foram aluminando o dementado cerebro uns vislumbres de razão, e a malta em peso, treze, ao todo, cavalgou e despediu, campos em fóra no rastro da presa. Alumiava-os em cheio o clarão do luar, e galopavam a par, á espora fita, seguindo o rumo que era mais provavel a moça haver seguido, para alcançar a propria casa.

"Teriam andado uma ou duas milhas, eis que encontram um dos zagaes que costumam velar de noite no brejo, e indagaram deste, voz em grita, se acaso

---

REI-HERÓE

Tudo morre na terra
E tudo se destroe,
Onde quer que a materia vida encerra.
E morreste tambem, ó rei-heróe!...

Só não morre a memoria
Que o tempo não consome,
Quando o apogeu da gloria
Immortaliza um nome.

Foste assim, rei Alberto,
Um monumento historico,
E tua vida um livro sempre aberto
Em exemplos ao mundo. Rei heroico.

O teu corpo tombou,
Mas as tuas bellas obras
O bronze lavrou,
Em lições sempre novas

De civismo, de amor e de saber;
Em poemas de fé e de emoções,
Que hão de sempre viver
Na alma das gerações.

Dorme sereno grande rei soldado,
Dorme o somno feliz da eternidade.
Foste um forte, um heróe predestinado
Modelo de justiça e de bondade.

ANNA CESAR

...ia dado fé da foragida. E o pobre do homem, se...aio reza a historia, tomou-se de medo tal, que mal ...dia articular, até que por fim declarou que com ...feito tinha visto a malfadada rapariga ,e os cães ...eguirem-lhe o rastro.

—E vi ainda muito mais do que isto, accrescentou, ...s rente de mim passos Hugo Baskerville, caval...ado a sua egua preta, e atraz delle, á desfilada, ...n tugir nem mugir, uma avantesma de um cachorro ...inferno, que Deus permitta eu o não veja nunca ...cheirar-me os calcanhares.

Os beberrões dos fidalgotes encommendaram ao ...abo o pegureiro e metteram por ali fóra. Em breve, ...rém, sentiram frio até a raiz do cabello, pois lhes ...ia ferir os ouvidos o estrepido de um cavallo a ga...par da charneca e viram a egua negra, branca de ...puma com a redea a arrastar pelo chão, e a sella ...ma. Nisto, os tresnoitados metteram os cavallos a ...r, tomados de subita e aguda apprehensão; não ...stante, foram seguindo seu caminho, através da ...arneca, supposto cada um delles, de per si, se acaso ...s sózinho, não hesitaria em ter dado de redea ao ...rsel, regressando pelo mesmo caminho.

E assim foram indo a passo moderado até que ...aram com os cães.

Estes, apesar da fina raça e da provada coragem ...tavam todos em montão, a uivar no alto de um bar...nco assás fundo, abrindo sobre um brejo, alguns ...lles a recuar, muito encolhidos, outros com ...pello arrepiado a mirarem, com os olhos espavoridos, ...enesgado valle na sua frente.

Teve, pois, a malta que fazer alto, mais dissipado ...effeito do vinho agora, conforme devem suppôr, do ...e quando partiram de abalada. Os mais delles nem ...mãe de Deus Padre queriam seguir para diante; uns ...es, comtudo, ou por mais destemidos, ou, talvez, por ...em mais borrachos, metteram os cavallos pelo bar...nco abaixo até que se acharam num descampado, a ...eio do qual se erguiam dois penedos muito grande ...e ainda actualmente ali se podem ver, e ali foram ...plantados, em eras remotas, por uns certos povos, ...s quaes hoje nem ha memoria. O luar, claro como ...fôra dia, varria a campina, e ao centro jazia ...r terra a desditosa joven, no proprio sitio em que ...nha cahido, morta de medo e de cansaço. E com...do, não foi a vista dc seu cadaver ou a do cadaver ...e Hugo Baskerville, estatelado ao pé della, que fez ...ir os cabellos em pé no craneo daquelles tres valde...inos sem fé nem lei, mas sim o facto de se lhes ...eparar, encabritado em cima de Hugo e filado ás ...uelas deste, uma coisa estupenda, uma fera, negra ...e tamanho desmarcado com a forma de um cão, ...uito maior, comtudo, do que todo e qualquer cão ...n que jamais poderá ter posto a vista seja quem ...r neste mundo.

E elles, estarrecidos, a contemplaraem o monstro, ...irrado a dilacerar as guelas de Hugo Baskerville ...té que, voltando para elles os olhos a luzir como ...razas e as fauces arreganhadas, os fez dar de esporas ...s cavallos e metter á redea solta pelo brejo, soltando ...ritos de pavor. E' voz constante, um delles haver ...xpirado de terror, por effeito da tremenda visão, ...quella mesma noite: e os outros dois nunca pu...eram levantar a cabeça nos restantes dias de vida.

Eis aqui a historia, queridos filhos, da vinda do ...o, o qual desde esse dia, se tornou uma praga ter...vel em nossa familia. E eu, se registrei o caso, ...i por considerar que o perigo acerca do qual pos...imos uma noção clara nos incute sempre menos ...avor do que qualquer ameaça envolta nas sombras ...o mysterio.

Nem soffre denegação o facto de mais de um ...embro da familia haver morrido de morte afflictiva, ...epentina, cruenta e mysteriosa.

"E sem embargo, acolhamo-nos á infinita bondade da Providencia, a qual, por certo, não quererá tornar eterno o castigo, protrahindo-o até a terceira geração, conforme rezam as Sagradas Escripturas. E eu, filhos meus, encommendando-vos tambem á Providencia, aconselho-vos que andeis acautelados, cohibindo-vos de transitar pela charneca a horas mortas, nessas horas em que andam á solta os Poderes malignos.

"Estas regras foram escriptas pelo proprio punho de Hugo Baskerville e dedicadas a seus filhos Rogerio e João, recommendando a um e outro que não revelem uma palavra sequer do teor dellas a sua irmã Isabel".

(Cont. na pag. seguinte)

"AZUL E ROSA"

Bastos Portela, a ti devo
uma hora deliciosa.
Conhecia o "Suave Enlevo".
Li hontem o "Azul e Rosa".

E á proporção que folheava
teu livro, a cada poesia,
a alma se me desdobrava
em torrentes de harmonia!

"Azul e Rosa"! Jamais
poderias descobrir
outro titulo capaz
de tão claro definir

O brilho de cada imagem,
e o requintado primor
que resalta da linguagem
dos teus poemas de amor!

E ha quanto tempo não lia
um livro assim! Na verdade
é bem custoso hoje em dia
um livro que nos agrade...

Mas, dize, como lograste,
de um livrinho tão singelo,
alcançr, como alcançaste,
o "Azul e Rosa" tão bello?...

LIVANS TETAMANTI

O dr. Mortimer, quando concluiu a leitura de tão singular narrativa, impelliu os oculos para a testa e olhou fito para Sherlock Holmes. Este, estava a bocejar, arremessando para o fogão a ponta do cigarro.

— E dahi? perguntou, não acha que é interessante a historia?

— Para qualquer colector de contos de fadas.

O dr. Mortimer sacou do bolso um jornal dobrado.

— E agora, sr. Holmes, apresentar-lhe-ei coisa um tanto mais recente. Tenho aqui a *Chronica do Condado de Devon*, com a data de 14 de junho do corrente anno. E' uma breve resenha dos factos succedidos por occasião do fallecimento de sir Cherles Baskerville, occorrido uns dias antes desta data.

O meu amigo debruçou-se para a frente um tudo nada, com a attenção estampada no semblante. O nosso visitante compoz os oculos e encetou:

"A morte subita e recente de sir Charles Baskerville, cujo nome tem sido mencionado na qualidade de futuro candidato liberal pelo districto de *Mid Devon*, nas proximas eleições, lançou uma nuvem negra por sobre o condado.

"Comquanto sir Charles haja apenas residido na mansão de Baskerville durante um periodo relativamente curto, a amabilidade do seu caracter e extrema generosidade tinham-lhe grangeado a affeição e o respeito de quantos o haviam tratado de perto. Nestes dias de ricaços feitos á pressa, é uma consolação depararmos com um caso em que a vergontea de uma antiga familia do condado, sobre a qual tem pesado sorte adversa, conseguiu enriquecer por esforço proprio e transferir-se com essa mesma riqueza para a sua sede com o fito de estabelecer o descabido esplendor da sua linhagem.

"Sim Charles, e quem haverá que o ignore, ganhou avultadas quantias em especulações na Africa Meridional. Mais prudente do que aquelles que porfiam até que a roda lhes venha a desandar, liquidou os seus ganhos e regressou com elles á Inglaterra.

.."Ha apenas dois annos que fixou residencia na Mansão de Baskerville, e anda na bocca de toda a gente a vastidão dos seus planos de reconstrucção e bemfeitorias, interrompidas, aliás, pelo seu fallecimento. Não tendo filhos, era seu desejo, publico e manifesto, que toda a comarca, durante ainda a sua vida, viesse a aproveitar da sua avultada riqueza, e mais de um individuo terá motivos pessoaes para sentir o seu inopinado fim.

"Os seus magnanimos donativos aos institutos de caridade, já locaes, ja por todo o condado, têm sido, por mais de uma vez, registrados nestas columnas.

"As circumstancias incidindo com a morte de sir Charles não se pode affirmar que hajam sido cabalmente tiradas a limpo pelo inquerito, e com- tem-se feito o sufficiente para pôr cobro a esses [...] tos aos quaes tem dado incremente a superstição [...] cal. Não existe o minimo motivo para suspeitar [...] tenha havido protervia, ou para suppôr que a [...] haja resultado de quaesquer circumstancias [...] a causas naturaes.

Sir Charles era viuvo, e um homem de cuja [...] lidade, a certos respeitos, se pode affirmar o ter [...] um tanto ou quamto excentrica.

A despeito da sua consideravel riqueza eram [...] lissimos, quer os seus habitos quer as suas [...] lecções, e o seu pessoal domestico, de porta a [...] na Mansão de Baskerville, consistia em um casal [...] appellido Barrymore, desempenhando o marido [...] funções de mordomo e a mulher as de governante.

"O depoimento, quer de um quer de outro, [...] mado pelo de varios amigos, tende a provar que [...] saude sir Chrales andava, havia tempos, um [...] abalada, e insiste muito em especial numa [...] affecção cardiaca, manifestada por mudanças de [...] faltas de respiração, e accessos agudos de depressão nervosa.

"O dr. James Mortimer, amigo e medico assistente do defunto, depoz no mesmo sentido.

"São simples as circumstancias do caso. Sir Charles tinha por costume, todas as noites, antes de se recolher, dar um passeio pela formosa aléa dos pinheiros da Mansão de Baskerville. O depoimento de Barrymore mostra ser esse o seu costume.

No dia 4 de junho sir Charles havia declarado sua intenção de partir para Londres no dia seguinte e dera as suas ordens a Barrymore no sentido de lhe ter prompta a bagagem. Nessa noite, sahiu a dar o seu passeio nocturno habitual, durante o qual tinha o costume de fumar um charuto. Nunca mais voltou. A' meia noite, Barrymore encontrou ainda aberta a porta do salão, assustou-se, accendeu uma lanterna e foi em procura do amo.

O dia estivera humido, e as pegadas de sir Charles eram faceis de verificar no saibro do aléa. A meio caminho da dita vereda existe uma porta dando sahida para a charneca. Havia indicios de que sir Charles se tinha demorado ali durante breve espaço de tempo. Seguiu então pela aléa abaixo, e foi lá no extremo da mesma que logrou encontrar o cadaver.

Um facto, porem, que ainda está por explicar é o de Barrymore haver deposto que as pegadas do amo mudavam de caracter desde o momento em que este transpoz o portal da charneca, e que, dali por diante, dir-se-ia haver caminhado em bicos de pés.

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.)	48$000
Semestre	(26 »)	25$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.)	70$000
Semestre	(26 »)	36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.)	78$000
Semestre	(26 »)	40$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.)	115$000
Semestre	(26 »)	60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso

THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levinfrey Rue Trenchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500